

É um poeta que não se pode medir a palmo e conseguiu o máximo de expressão usando recursos artísticos que nenhum outro empregou em nossa língua.

Carlos Drummond de Andrade

Creio que jamais, em nossa história literária, se colocou a poesia em tão alto pódio.

Tristão de Ataíde

Em toda a minha obra, o que tentei foi escrever a epopéia da América. Creio que não consegui. Quem conseguiu foi o poeta de *O País dos Mourões*.

Ezra Pound



i táboas que foram verdes
tão táboas para fragatas
tão táboas para guitarras.

ISBN 85-01-05022-9

05022/9



GERARDO MELLO MOURÃO

INVENÇÃO do MAR



GERARDO MELLO MOURÃO

INVE NÇÃO O do MAR

Carmen Saeculare





Uma epopéia? Sem dúvida. Mas também um momento do mais alto e puro lirismo na poética de nossa língua. Diante desse poliedro mágico de nomes e ritmos, parece fútil, como lembra Croce, a esquematização hegeliana de gêneros literários. A melhor crítica, no país e no exterior, desde *O País dos Mourões*, cuja grandeza épica espantaria Ezra Pound e Carlos Drummond de Andrade, lembrava que a trilogia então iniciada (*Os Peãs*), se encerra com o lirismo absoluto do *Rastro de Apolo*. O épico, o lírico e o dramático são três faces da beleza una e trina — coisa de Homero, Virgílio, Dante ou Camões. Esta é a linhagem de ***Invenção do Mar***. Da poesia de Gerardo dizia Octavio Paz que ela o levava “a descobrir o mundo”, “não tanto uma geografia e uma história, mas no verdadeiro sentido da palavra, uma genealogia americana. Poesia das origens”. Afonso Botelho, ao ler os originais deste livro, escreveu que “com ele a poesia da língua portuguesa passou a sustentar-se sobre quatro pilares: Camões, Pessoa, a Carta de Caminha e Gerardo”. A linguagem de Gerardo prestigia ritmos raramente alcançados em nosso tempo, ritmos de inigualável melodia na ordenação da palavra e da sintaxe poética. O prestígio musical dessa linguagem é fruto, talvez, de uma disciplina que lhe foi íntima desde a infância, apurada na viola dos cantadores nordestinos, no vício

sagrado do canto gregoriano e na arte de escandir pés de hexâmetros gregos e latinos, dáctilos, jambos e espondeus, não só por vogais átonas ou tônicas, mas, fundamentalmente, pelas breves e longas — clave musical de Goethe, Shakespeare, Camões, o Dante, Leopardi, Hölderlin, Rimbaud ou Rilke, como Traki, Pound, Eliot, Pessoa ou Hopkins. Esses privilégios refinaram o ritmo, que é dom e natureza do poeta — mas que também se aprende, como se aprende, pascalianamente, a natureza, segundo Pound. Gerardo alcança, assim, alturas prodigiosas neste poema, até quando transfigura em poesia versos antigos e crônicas mortas, prosas lineares e inertes, como no canto-memorial da Guerra Holandesa, que o milagre do poeta incorpora na ressurreição das metáforas, que movem e canonizam esta ***Invenção do Mar***. Diz ele, numa profissão de fé e ofício, a mais humilde e a mais soberba para um poeta, ser apenas um “aprendiz de sílabas, às vezes dissílabos, e até trissílabos”. Tão espantosa quanto a mágica dos navegantes — eles inventaram o mar — é a deste poeta que, como lhe profetizara Tristão de Ataíde, saberia inventar de novo o Brasil, ao erguer sobre suas raízes a flor de sua esperada Paidéia épico-lírica — Diônisos e Apolo — na aventura da invenção genesíaca deste poema.

A. B.

a água, o vento e a madeira
foram três elementos fundamentais para a
navegação das grandes descobertas.

capa: Flávia Portela

ALGUMAS OBRAS DO AUTOR:

CABO DAS TORMENTAS

O VALETE DE ESPADAS

O PAÍS DOS MOURÕES

PERIPÉCIA DE GERARDO

RASTRO DE APOLO

OS PEÃS

PIERO DELLA FRANCESCA OU AS VIZINHAS CHILENAS

DOSSIÊ DA DESTRUIÇÃO

SUZANA - 3 -

A INVENÇÃO DO SABER

TRÊS PAVANAS

E TRADUÇÕES:

POEMAS DE MAO TSE-TUNG

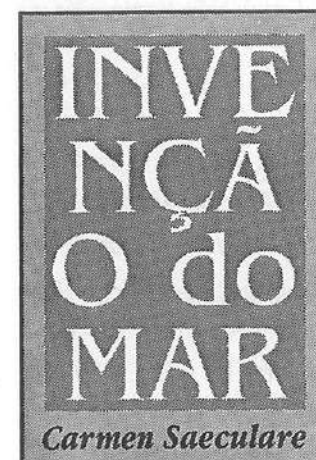
O POEMA, DE PARMÊNIDES

CANTO DE AMOR E MORTE DO PORTA-ESTANDARTE,

DE RAINER MARIA RILKE



GERARDO MELLO MOURÃO



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M89i Mourão, Gerardo Mello, 1917-
Invenção do Mar / Gerardo Mello Mourão; - Rio
de Janeiro: Record, 1997.

ISBN 85-01-05022-9

1. Poesia Brasileira. I. Título.

97-1591 CDD - 869.91
CDU - 869.0(81)-1

Copyright © 1997 by Gerardo Mello Mourão

CAPA E PROJETO GRÁFICO:
Flávia Portela

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste
livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.
Proibida a venda desta edição para Portugal e Europa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-05022-9

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ - 20922-970



À MEMÓRIA DE
LUIZ GONZAGA
HOMERO CANTA
DOR DOS MA
RES DO SERTÃO
E SEUS VIVENTES

IN MEMORIAM DE
AFONSO BOTELHO A
LMEIDA SALLES ANG
ELO SIMÕES DE AR
RUDA DANTAS MOT
TA EFRAÍN TOMÁS
BÓ HÉLIO PELLEGR
NO HERALDO BARBUY
JORGE PÉREZ-ROM
AN JOSÉ FRANCISCO
COELHO JOSÉ GERAL
DO NOGUEIRA MOU
TINHO NAPOLEÃO A
GUSTIN LOPES NERT
AN MACEDO OSVALDO
PERALVA SEBASTIÃO
RODRIGUES ALVES SEV
ERO SARDUY VICENTE
FERREIRA DA SILVA
NAVEGANTES DEST
MAR ACHADORES DES
TAS TERRAS PART
IDOS PARA VIAGEM DE
MARES E TERRAS D
E TEMPOS ETERNOS

EPITÁFIOS



II

Escritos entre 1995 e 1996, estes cantos têm seu momento seminal em 1964, durante anos de exílio no doce país do Chile. Ali aprendi a dar umas sofridas aulas sobre as Américas, seus achamentos e seus enigmas, especialmente as Américas de língua latina. Ali, de certo modo, chegou o sopro do poema, entre o porto de Valparaíso e os ares de Viña del Mar, em dias e noites e céus e vinhos, numa inquieta Escola de Arquitetura da Universidade Católica, pendida de penedos altos, debruçados sobre o Pacífico, o outro lado em que se fecha o parêntese das águas continentais, contraponto do mar Atlântico. Ali foi seu roteiro sugerido pela aventura poética de Godo — Godofredo Iommi — iniciada com a Santa Hermandad de la Orquídea, que já fizera, desde 1940, a navegação mediterrânea e a das águas marítimas e fluviais do Brasil e do Prata, tomando caminhos de bandeirantes e navegadores dos dias aurorais da invenção do mundo nosso. Andamos, escoteiros ou em bando, os caminhos de Raposo Tavares, Borba Gato e Fernão Dias, entre Piratininga, Paraná, Santa Catarina e São Pedro do Rio Grande do Sul, países missioneiros aquém e além-fronteiras, a Banda Oriental, a Argentina, o Paraguai, o país das Gerais, a beleza dos Goiazes do Anhangüera e as catas dos Cuiabás. A pé, a cavalo, de canoa e de avião, repetimos os caminhos da Casa da Torre, entre a Bahia e o Piauí e os caminhos de Pedro Teixeira, de Belém ao Amazonas, ao Acre, ao Amapá, fronteiras da

Guiana, à Colômbia e o Equador. Desembarcamos como Pero Lopes nas praias de Pernambuco, da Bahia, do Sitarab Grande, em todas as angras do país do Nordeste, Sergipe, Alagoas, Rio Grande, Paraíba do Norte, o Piauí e o Maranhão, e navegamos as serras e os sertões, até o Raso da Catarina, nos rastros de Canudos, por engenhos de cana e vilas da guerra holandesa e das insurreições dos primeiros fazedores de pátria. A segunda estrofe da aventura começou pelo Chile, desceu à Patagônia argentina, subiu pelos mares costeiros, pelos desertos de Atacama, Coquimbo, Copiapó, Arica e Tacna, e pelos caminhos dos Andes do Peru, Pucalpas desoladas, Bogotá, comarcas, selvas e serras da Colômbia e as avenidas de neve do altiplano boliviano e a Venezuela de Bolívar. Nesta anábase e catábase da América tomou parte um bando de poetas, pintores, escultores e arquitetos. A viagem foi documentada numa preciosa e inesquecível bitácula, um diário de bordo da navegação terrestre por vários países, em que todos os navegantes deixaram escritos textos de um memorandum épico-lírico dos achamentos, da mera invenção, dos chãos andados e estimados. Os peregrinos dessa navegação por tempos e espaços novamente inventados deram testemunho escrito da romaria continental, reunido num poema chamado "Amereida", partitura poética guardada num raro livro do qual se tiraram apenas algumas dezenas de exemplares. Depois, contemplei o mar de Lagos, no Algarve, as

ribeiras do Tejo, o Cabo de São Vicente e os ventos salgados de Sagres, onde sonhava o Infante. Naveguei por terra e mar toda a América Central, o Caribe, Porto Rico, a Flórida, a Califórnia, o Texas, ribeiras do Hudson e do Potomac, as cidades de Pound e Walt Whitman, o México, as Assírias do norte, o Canadá e especialmente o país francês do Québec — terras e mares revelados todos pelos descobridores portugueses. Parei também nas estações e aguadas das viagens tenazes ao mundo atlântico, nos Açores, na Madeira, por Marrocos e Senegais e as amadas ilhas africanas do Cabo Verde. Dessas travessias e dessa convivência pude adivinhar e tocar com as próprias mãos a espantosa grandeza dos portugueses, até nas Índias da Goa de Ouro, em Macau, na China, na Cochinchina, no Japão, na Tailândia, na Malásia, na Indonésia e nas Filipinas, por onde naveguei na espuma do Galeão de Manila e das caravelas redondas. Eles inventaram o mar, que inventou o Brasil. Pois o Brasil é uma invenção do mar, inventado por Portugal, incorporado pelos bandeirantes e fundado pelo sangue das gentes do Nordeste na guerra holandesa, gentes de pré ou de prol de nossas três raças: negros, índios e portugueses

G. M. M.



PARTITURA DO POEMA ou
PEQUENA VIAGEM, digamos,
AO INTERIOR DA POESIA

em trechos de cartas violadas entre poetas
e um *post-scriptum* ou dois, ou três, ou mais.

... "Aos vinte anos fui golpeado pela advertência de Verlaine: 'il faut tordre le cou de l'éloquence'. Os poetas românticos brasileiros, muito lidos na adolescência, me haviam infeccionado com sua eloquência. Eram quase sempre oradores e declamadores. Mas como na exclamação de Gide — 'Victor Hugo, hélas!' — os poetas brasileiros mais importantes — ai de nós, — ou graças a Deus — ainda são os rapazes do romantismo. Têm mais de um século de vida. E nenhum dos que vieram depois os leu impunemente. Até que, depois da vinda de tantos Malherbes bem-intencionados, parnasianos, modernistas, pós-modernistas, abstratos e concretos, etc., JORGE DE LIMA veio. São Jorge de Lima, o Rei-salmista, o Rei-cantor D. Jorge de Lima. Rei de viola e tuba e flauta doce e harmônica de fole e também clarins. O órgão — organum — da cantata, sinfonia, oratório, na capela da festa. (Carta a E.S.)



... "O sagrado terror da eloquência levou alguns escritores de poesia a uma radical exacerbação contra a eloquência, ao culto da anti-eloquência, que é outra forma de eloquência.

Tanto como os eloqüentes, os anti-eloqüentes estão sob o signo de Monsieur Jourdain: fazem prosa sem saber." (Carta a S.)



... "é preciso castrar os substantivos, isto é, tirar-lhes as excrescências. As excrescências são os adjetivos qualificativos. O substantivo, o nome, o puro nome, tem em si mesmo sua mera e única qualificação. O adjetivo não pode aparecer senão excepcionalmente. Em sua hora e sua vez. Como uma flexão do puro nome, não como um apêndice qualificativo, ornamental, do substantivo. O nome não precisa de nenhum décor, nenhuma decoração. O nome, o substantivo, é seu próprio e natural adorno. O adjetivo só pode aparecer quando, por privilégio do substantivo, salta de dentro dele, de sua polpa, como um caroço reprodutor. É o que acontece em Homero e Virgílio. De outro modo, morte ao adjetivo!" (Carta de R.Y.)



... "Os adjetivos — como as preposições, conjunções, etc. — são peso morto que desfigura a ereção do mero nome. Que o abatem, corrompem, depravam e estendem uma cortina, uma poluição visual contra sua imagem. A poesia me ensinou que o adjetivo (como seus contíguos — advérbios, etc.) é a coisa

do retórico, do orador, para arredondar e 'acabalar' os conceitos de sua razão. Isto está na luz do entendimento poético. Eu não saberia explicar como, mas é assim. Assim é. Assim sabem os poetas. Sabia Hoelderlin, segundo Heidegger. Hoelderlin, poeta dos poetas, poeta da poesia. Em outra escala, segundo Gerardo Diego, até García Lorca, poeta de cantares, também sabia disso." (Carta de N. L.)



"Pode ser que existam os 360 modos de escrever poesia, de que fala Eliot, no sentido de que o escritor de poesia seja um fabbro, mas eu mesmo não conheço outro melhor que o trabalho corpo a corpo com o mero nome. Isto porque as imagens, as comparações, as alegorias simbólicas não são a coisa da poesia, de seu conhecimento mágico. A coisa da poesia é a metáfora, um nome que se transporta de si mesmo a si mesmo e a outro nome e a outro nome e a outro nome. Então, a coisa é enumerar, enumerar, nomear e nomear e tornar a nomear os nomes. Referir, re-ferir, trans-ferre, de-ferre, re-ferre. Não sei se Walt Whitman é o puro poeta. Mas há às vezes em suas estrofes um vigor oracular, uma força natural que não tem nada a ver com a eloqüência da invectiva de Verlaine. É o vigor elementar e salubre das coisas e lugares e pessoas, chamadas por seu próprio nome, infinitamente, ou até onde podemos ouvir. Lembro

os textos poéticos exemplares: o catálogo das naus e o escudo de Aquiles em Homero, o desfile de condenados nos tercetos do Dante, a construção de uma ponte nas Gálias, nos Comentários de Júlio César, etc. (μετα-φέρο — μεταφορά — levar além e mais além." (Carta a E.S.)



... "Ο έπος, o nome, a palavra, e também o oráculo, segundo os gregos. O puro nume é o mero oráculo. Os que não conhecem oráculos, nunca ouviram vozes, cegados e cegos por uma dimensão única da palavra em seu estado de história, também não sabem o que é a poesia. Vide Lukács et concomitante caterva, para quem o mundo de nossos dias já não cabe na poesia, muito menos na epopéia. A poesia e a epopéia são contemporâneas dos deuses. E como os deuses estão mortos, o mundo já não cabe nas expressões mágicas do conhecimento órfico. A única coisa que um escritor de nosso tempo lograria, segundo esses filisteus, seria escrever uma novela. A novela — le roman, o romance, — diz explicitamente um deles, creio que Lukács, é a epopéia de nossos tempos, a única epopéia possível no mundo sem deus(es). Nosso tempo, qualquer tempo que haja cortado o cordão do umbigo com o mito e a eternidade, é um tempo indigente. Mas se tiraram tudo ao homem de nossos dias, há uma coisa que permanece infiscável: o 'έπος, o nome, a palavra substantiva, o oráculo. Depois: onde estão os limites entre a poesia e a prosa

no romance de Dostoiewski, Tolstoi, etc.? Onde estão esses limites até em reportagens e textos de história, como em Os Sertões e mesmo em reportagens que às vezes lemos em nossos jornais diários? Veja algumas linhas do diário de C. G., dos diários militares de M. T. T. e de discursos de B. M." (Carta a E. S. e a X. K.)



... "Despojado de tudo neste século indigente, só te restou o nome. Então, por que não ousar uma epopéia? Virgílio queria rasgar a sua. Augusto não deixou, e graças a isto temos a Eneida. Não debes rasgar. Espera um Augusto ou um auto-de-fé." (Vozes vindas de E. B. e de V. F. S.)



... "O texto está feito com nomes e nomes e creio na força dos nomes de lugares e pessoas e coisas. Desde a adolescência guardo de memória alguns versos de Leopardi, versos épicos às vezes. Parece que a originalidade de Leopardi está em não ter rompido com a tradição literária italiana, a tradição da língua de sua linguagem. Mais ainda: — introduziu nela modulações poéticas e outros horizontes de significação. O uso de arcaísmos ou de versos de outros poetas introduz em seu canto uma espécie de es-extranhamento, que contribui para ampliar certos tons fantas-

magóricos, oníricos, de arcanos mundos alcançados só pela poesia ou pela mística. (A mística é a poesia da fronteira entre o homem e o anjo.) Há em Leopardi uma atenção, uma tendência para a reconstrução incessante do gesto arcaico e novo de re-começar, rastrear as inesperadas correspondências e semelhanças que o tempo acredita ter apagado.” (De cartas a G., a E. e a D. F. S.)



... “Li, recentemente, nalguma revista inglesa, que um crítico, seguramente algum profissional da literatura académica, sem lugar a ocupar na história da literatura, acusa Eliot de ter-se apropriado de versos inteiros de Shakespeare. E Anthony Burgess descobriu que páginas e páginas de ‘Murder in the Cathedral’ são verbatim — literalmente — copiadas de Sherlock Holmes — Conan Doyle — em The Sign of the Four. Heidegger perguntaria: Was ist Dichtung? Respondo: A poesia é isto. A arte da ressurreição, como as colagens de figuras e recortes de jornal nas obras da pintura, postas em voga sobretudo pelo surrealismo.” (Cartas a E. S., P. B. e I. S. T.)



... “Dou por entendido que o poema épico escrito em nossos dias pode e deve ser feito também de collages. Toda obra de arte é feita de collages. As formas são repetidas e as novas

formas que fazemos são um espelho, um contraponto de formas anteriores. Fazemos uma forma nova para operar a re-surreição de formas defuntas. Este é o poeta: o taumaturgo das ressurreições. Homero re-surge e re-suscita sempre. Em Virgílio, em Dante, em Camões, em Hoelderlin, em Shakespeare, em Rimbaud, em Baudelaire, em Ezra Pound. E em Dom Luis de Góngora y Argote. E alguns outros. Não muitos. Apenas na Kleine Kapelle — a petite chapelle — a capela de porta estreita — avistada por um deles: Goethe. E Góngora nos ressuscita um pouco — ou muito — a todos, no reino da metáfora.” (De cartas a N. L., a G. I., a E. S. e a E. B.)



P. S. 1 A E. S., A. B., D. M. e A. C. S. ... “De repente me vem à lembrança que o século de D. Manuel, o Venturoso, com a descoberta do Brasil e as grandes navegações bouleversou a arquitetura e o ofício — oficina — de todas as artes não apenas em Portugal: na Europa inteira. A partir de uma arquitetura nova: o chamado estilo manuelino. A transição do gótico ao barroco. Alguns o chamam o ‘gótico manuelino’. Outros dizem o ‘barroco manuelino’. A literatura portuguesa da época, dos Lusíadas aos cronistas e ao Padre Antônio Vieira, é uma literatura barroco-manuelina. Também a pouca música que resta. E a pintura e a escultura, sempre contígua à arquitetura, cheia de

presenças repetidas, os animais exóticos, as frutas exóticas dos países novos, os santos, os anjos com caras de príncipes hindus, de índios da América, as negras calipíguas da África. E a cordoalha, as velas, os mastros, as caravelas inteiras que aparecem em todas as catedrais e castelos portugueses, os utensílios de guerras e viagens, da Batalha aos Jerônimos a Alcobaça, aos vultos bíblicos de pedra do patamar da Igreja de Bom Jesus do Monte, estudiosamente copiado pelo Aleijadinho na pedra-sabão e no cedro, de seus profetas e apóstolos do adro e das capelas que copiaram até o nome — do Bom Jesus — em Congonhas do Campo. Será lícito ao poeta repetir em versos, 500 anos depois, uma linguagem elementar de melodias e riscos manuelinos? Não sei. Mas é possível que estes cantares pisem e repisem rastros manuelinos. Saíram assim..."



P.S. 2 De carta de E. S. ... "Deves lembrar-te de que o Canto XVIII da Ilíada — talvez o mais musical de todos, onde se incorporam as 'metáforas', como filhas do mar, é considerado pelos críticos acadêmicos de todos os tempos (não têm acesso ao puro Homero) como uma colagem de interpolações, no seio de um texto inexistente. Não sabem que as armas de Heitor têm mais séculos que um Picasso. Ora, se tudo é interpolação, nada é interpolação. O 'Cântico dos Cânticos', que os eruditos datam entre o século X ou

XI a. C., nove séculos mais tarde seria todo um 'mosaico de interpolações'. O Ulisses de Joyce é isto. Há pessoas que não sabem sair do círculo de giz da crítica acadêmica. Felizmente, há os que sabem morar na dislexia creadora."



P.S. 3 A G. I., a E. S., a N. L., a E. e a R.Y. ... "Os anjos, os querubins de Ezequiel ou os serafins de Isaías têm, como viventes da cidade celeste, uma única função: cantar, incessantemente cantar a louvação de Deus, diante do Trono. (Veja o belo Tratado sobre os Anjos, de Petersen, creio que um dos mais belos livros escritos por homem que mamou em peito de mulher.) A louvação de Deus. A louvação é imanente ao mundo eterno onde Ele reina. A louvação é repetida dia e noite, nos dias e noites da eternidade. E a palavra da louvação é uma só. É o Trisagion infinito, policórdico em seu monocórdio: 'Sanctus, Sanctus, Sanctus.'



P.S. 4 De E. S. ... "Nosso querido François [N. do A.: François Fédiér, filósofo francês] ao ouvir a ária de Gluck - 'Eu perdi a minha Eurídice', lembrou, com seus olhos azuis cheios de lágrimas, que o amor e todas as esperanças do ser humano — do homem propriamente dito — vêm, segundo o poeta grego, do sopro que deixamos sair do peito, isto é

da voz humana, da palavra. Esse sopro, repetido incessantemente, é sempre o mesmo, e o sopro seguinte é sempre a ressurreição do sopro extinto."



P.S. 5 Em carta a E. ... *"Em meu velho convento de religiosos holandeses, cantava-se, em coro, nos almoços de festa, uma antiga canção que se repete desde séculos, com palavras em várias línguas, mas composta apenas de quatro verbos, que voltam e voltam e voltam, não ad nauseam, mas ad gaudium, ad laetitiā, ad orgasmum, o orgasmo augustiniano do gaudium cum pulchritudine, gaudium cum veritate, o gozo na beleza da verdade, o gozo com a beleza, o gozo da beleza."*



P.S. 6 ...*"A intertemporalidade e a interespacialidade são a coisa da poesia. O poeta é o taumaturgo, o diábolos, o saltimbanco que atravessa as paredes e os séculos. Não é o fingidor, Fernando, pois só finge quando finge que está fingindo. Os outros, os críticos acadêmicos, vivem no estrito mundo tridimensional. Não conhecem as surpresas da quarta, da quinta, da milésima dimensão das coisas, dos lugares e das pessoas. Do poliedro universal. Etc. "Répétez, répétez sans cesse, le nouveau viendra au galop." Mas pergunta Kierkegaard — la répétition, est-elle possible? — Sim, mein Herr, mas só para o poeta. Acho que esta é a*

conclusão, senão explícita, de todo modo evidente, no Tratado da Repetição. Só há uma forma boa de gerar um ser novo no ventre de uma fêmea: repetir o ato imemorial de Adão em cima de Eva, com um movimento entre a cintura e as ancas. O resto é inseminação artificial. A repetição gera o novo. Etc." (Em carta antiga a J. F.)



P.S. 7 ...*Kavafis. Os poetas e críticos que melhor leram Kavafis levantam seu DNA épico-lírico. Anotam, quase em cada poema, os ecos de outros poemas. É a iluminação de um poema por outro. A criação poética toma corpo em planos sucessivos. Na obra densa, pacientemente amadurecida, a leitura de cada poema se ilumina, aqui e ali, pela lembrança de um título, de um parêntese, de uma pontuação, de uma disposição linear, de qualquer expressão já formulada em outro poema. Há uma prestigiosa memória interna na própria obra gráfica, como um semáforo na vida da obra poética. Todos os poemas de um vero poeta como Kavafis estão estreitamente concatenados entre si, um completa o outro, cada um separado e todos juntos em sua obra.*

Mesmo numa poesia como a de Kavafis, acontecida em diversos ciclos — o destino, a fatalidade, a exaltação do bedonismo, o esplendor e a decadência do mundo belenístico —, há uma trama de referências cruza-

CANTO PRIMEIRO

das, a volta de outros poemas, do autor ou de textos antigos, o reaparecimento — anastasis — ressurreição — de personagens e de acontecimentos da história grega, dos epítáfios de Alexandria. Há um sistema arterial no corpus canônico em que circulam todos os poemas. A propósito disto dizia o poeta Yorgos Seferis: — “minha impressão pessoal é de que, a partir de um determinado momento, a obra kavafiana deve ser lida e considerada não como uma série de poemas separados, mas como um único poema em curso — um work program, como usava Joyce — que só termina com a morte.” Essa unidade na obra de um poeta é sua graça. Gratia sua. Sua Caris. La grâce.

Na intra-textualidade e inter-textualidade de Kavafis: restituições de textos, menções de nomes, lugares, datas, acontecimentos, citações de títulos e fragmentos de livros, epítáfios, inscrições, moedas, tradições orais — como lembra Miguel Castillo. Digamos que é um privilégio, Danai, nascer grego, em qualquer parte da Magna Grécia, falando grego. Mas Derek Walcott, um negro poeta, nasceu falando inglês e a língua crioula de sua ilha do Caribe inglês, e escreveu seu OMEROS, e é do mesmo sangue, da mesma raça poética de Kavafis, o alexandrino.” (De carta a D. S. com cópias para X. K., G. T. e P. R. F., no reino melhor do Dante, com E. e N. e os outros.)

E se mais mundo houvera, lá chegara.

Camões — *Lusfadas* — VII — 14



II



i flores do verde pinho
ai pinhos da verde rama
coroados das flores do verde pinho
eu não quero este mar — eu quero o outro:

quero o mar das parábolas e elipses
dos cones helicôneos dos abismos
o mar sem fim — o mar
com seus heliotrópios suas ninfas
seus cavalos-marinhos, seus tritões
e seus lobos-do-mar:

e tu, Pater Poseidon,
com teu tridente em teu palácio de águas.
E era uma vez Diônisos — poeta e rei*
e um dia a flor do pinho será tábua
e um dia a táboa será sonho quando
o pinho de novo verde sobre as águas verdes
talhado a enxó
entre as espumas talhar as ondas: — então
o mar libidinoso irá lambendo as ancas
das caravelas redondas.

Ai flores
do verde pinho
ai ramos de Leiria
ai flor dos linhos do Alentejo.

E a flor das velas nesse baile
bailando ao vento cada vez mais longe
cada vez mais perto — Diônisos —
dos sonhos que sonhavam
os olhos de Isabel —
e um dia os pinhos serão galgos
e esses galgos do mar irão galgar
das pupilas do Infante
a latitude e a longitude das lonjuras
ao sal da lágrima — ao sal das águas.

E no chão das águas
ai flores do verde pinho
ai linhos do branco linho:
caminhos dançam sobre o chão do abismo
sobre o chão dançador da esmeralda revolta
a dança da saudade marinheira

cantada nas violas:
ai táboas que foram verdes
tão táboas para fragatas
tão táboas para guitarras.

No mesmo pinho, Luís Vaz,
cantavam cantos do mar
das partidas não chegadas
dos amores desterrados
pelas várzeas do Alentejo
de Teresas e Marias.

E as moças de seios redondos
de Trás-os-Montes, das Beiras de Portugal
gemiam canções de amor:
ai flores do verde pinho
ai pinhos da verde flor:

na flor, na frôl e na fulô e seus aromas:

saudades dos marinheiros.

III

Boa noite, Isabel,
vagam verdes as duas luas de teus olhos
nesse verde luar ao lírio de teu rosto
e aos botões de rosa das rosas
de teus seios
sobre os bosques e os mares de Diônisos.

E as redondilhas de seus versos cresçam
e o criador de verdes e de versos
nos cerque de jograis e de segréis.

Pelas várzeas a flor do trigo a flor
do linho a flor do decassílabo
de teu corpo ondulando entre os pinhais.

Entre a cintura e as ancas e o regaço
em teu passo de pássara inventavas
a graça nupcial das caravelas.

Boa noite, Isabel — e tu, Diônisos,
concede-me a beleza, a voz, a fala
dessa Isabel, rainha e musa e santa
e a voz também das musas do arrabalde
todas as Isabéis de Portugal.

E vamos, mãos dadas, com rosas e vinhos
nas ruas do alto, nas ruas da baixa
às margens do Tejo, à noite, ao luar,
na rosa do dia, os lenços no ar
chamar os marujos, cada um por seu nome
cantando galope na beira do mar.

Eles vão eles voltam, talvez nunca mais
quem sabe da selva das ondas do mar
partir é partir, voltar é voltar
mas parte com eles a voz das Marias
cantando galope na beira do mar.

Um dia a outro mundo eles hão de chegar
e o vento e as estrelas vão sempre levar

canções que de longe, na vida ou na morte
violas de amor saudosas das serras
das filhas do Douro num último olhar
nos lembrem perdidos por outras ribeiras
cantando galope na beira do mar.



E era uma vez um mar e em seus
pergaminhos de esmeralda
os reis e os pontífices lavraram
a escritura das ilhas, das antilhas
dos continentes com seus promontórios e seus vales

e as ribeiras de rios e outros mares
nos reinos de talvez
onde donde por onde para onde — Miguel —*
não importa chegar — o que importa é partir.

E o vento e as ondas,
ventos alísios e ondas alísias
alisaram a esmeralda da caligrafia
e era lida nas águas à luz da estrela
e à luz das velas que tremiam
nas capelas de ouro dos pontífices
nos tetos dos reis
no chão de pedra onde se erguia
sobre a rosa-dos-ventos rupestre
o Infante com seu rosto rupestre —
e ali

as espumas e o vento soletravam
o diálogo do Príncipe
com a lonjura do mar e a lonjura do céu.

E Gil e Dias e Vasco e Pedrálvares e Pero Lopes
e de seus bagos venho —
Gonçalo Velho, Diogo Cão e Antônio Cão
mais a matilha toda dos mastins do mar
iam riscando mapas, portulanos,
no mesmo pergaminho de esmeralda onde
jaziam
escrituras datadas e assinadas
ao escrivão de Deus Nosso Senhor.

E brotava a caligrafia dos palimpsestos
por onde
era o delírio de Cristóforo
tu, lobo do mar, tu, cordeiro do mar, tu
genovês de Portugal e português de Gênova
português de Castilha a navegar os olhos
de outra Isabel que te fez
nacer nalguma onda do mar — daquele

Mar Oceano de Diônisos e do Infante
no fim do mar sem fim.

E as sereias os golfinhos o peixe-galo — ariacó
o cavalo-marinho o lobo-marinho o leão-marinho
o peixe-espada o peixe-boi e o salmão e a garoupa e
[os meros
e o peixe-gato e os portugueses — naquele tempo
habitavam o mar dos mares e as sereias das águas.

E os que nascem no mar são portugueses
e o mar é o chão maior de Portugal.

IV

Ontem os pinhos da terra
hoje os pinhos do mar
os pinhos da terra acenam
das encostas do Alentejo
do lombo do mar caminham
pelo lombo do mar
esses pinhos do mar

aonde vão os pinhos plantados nos vales?

Do verde dos vales vão
os pinhos da verde flor
ao verde das águas verdes.

Aonde irão os pinhos já plantados
no caminho sem fim das águas verdes?

E era uma vez um Capitão
e o vento e as velas
da caravela
levavam e levavam

ao fim da terra e ao fim do mar
o Capitão do Fim, poeta.

E o mar sem fim se vai findar ali
nos olhos do Capitão que miravam
no verde da pupila e no verde das águas
o verde fim do Oceano sem fim,
onde é o fim da terra do sem fim.

V

Boa noite, Senhora Dona Isabel,
boa noite, Senhor Diônisos, Poeta e Rei,
boa noite, Senhor Infante,
boa noite, Gil, do Bojador,
boa noite, boa noite, Gonçalo do Cabo Não,
boa noite, Capitão Bartolomeu:
e agora o que era o Cabo Não
virou Cabo Talvez
e o que era Cabo das Tormentas
é o Cabo da Esperança.

(e a esperança é boa, cantador?
É a Boa Esperança, Senhor Príncipe Perfeito)
e por ela, também Vós, Manuel — de Beja —
onde gemia de amor e de saudade
essa Soror Mariana

também Vós outro batismo
havereis um dia.

A esquadra — e

era coisa deveras maravilhosa de se ver —

[desde Ceuta — conta Gomes Eannes —
de manhã parecia uma floresta que houvesse perdido
todas as flores e todos os frutos
e de repente se transforma num vergel de folhas verdes
e de flores
e desse vergel se elevavam cânticos de aves desconhecidas.

VI

E aonde vão esses pinhos do mar
depois do fim das terras e do fim dos mares?

Navegar navegando
onde donde por onde alaonde
é a carta de prego dos romeiros do mar
a carta de marear dos que mareiam
nos pinhos de Isabel e de Diônisos.

Ilhas e antilhas e terras novas
desveladas serão: os mastros
das velas das caravelas vão
aos ventos devolver os véus das névoas
e desvendar as várzeas do horizonte

e nalgum horizonte
de cabelos lavados, pele nova
teu rosto irrompe
Anfitrite trigueira — Terra em flor — achada flor
concha aberta entre as conchas erguida.

Yara de ouro estremecida ao cio
do mar dos marinheiros desatados
do mastro de Odisseu:

e ao canto da sereia não morreram
Diogo e Vasco e tu, Bartolomeu, e tu,
Cristóforo, e tu, Pedro, e tu, Fernão,
e nascemos vagindo na vagina das ilhas
e aquém e além do equador
não se morre de amor e só de amor se morre
e os filhos do perigo são os filhos
do princípio do mundo e do fim do mundo
e eram seus pais os capitães do fim, Fernando,*

capitães
do sem fim.

VIII

Naquele tempo — tempo de aurora
fazíamos perguntas às estrelas
e as estrelas perguntavam às velas
[das insensatas caravelas:

“Que ventos quereis levar?
Quereis os ventos da terra
ou quereis ventos do mar?”

— Só os ventos, Pedrálvares, os ventos
de navegar — pois,
navegar navegando é nosso fado e nosso cio.

VIII

E os cavaleiros do mar galopam as águas
no sertão do mar
e as mãos salgadas dos marinheiros
seguram dia e noite
e aos quartos d'alva

a rédea das espumas
e navegam o espaço —
para onde?

e navegam o tempo —
para quando?

e navegam a espuma —
para quê?

E em seu ofício de navegar navegando — Girola —*
buscam no dia a noite e na noite a aurora
e os olhos de Vasco e Pedro e Manuel
e de outros que ninguém celebra
e ficaram escritos só nas águas:
um Antônio do Tejo ou do Alentejo,

um Brás da Beira (Alta ou Baixa)
um Mourão dos lados de Évora
um Sampaio de Montemor, um Mello, das terras altas,
um Ribeiro, do Concelho da Regalada, um
[Sebastião, do Minho,

um Barros, um Soares de Trás-os-Montes
um Afonso, um Oliveira, um Joaquim,
de qualquer ribeira de Portugal
com olhos tão enxergadores como os dos
[grandes capitães

espiavam as estrelas, liam as constelações,
[a bússola, o astrolábio

e contavam a sombra das cifras no sextante
e por eles
os pinhos e as velas tecidas do linho das campinas
por umas Isabéis, alguma Inês de olhos redondos
iam cumprindo o mar sem outro quefazer senão
navegar navegando.

Nas espumas do mar só eu leio agora
seus nomes esquecidos
e celebro seus nomes marinheiros.

Caçavam a aventura e não caçavam nada e caçavam tudo
no sertão do mar
e então o mar era sertão e o sertão era mar:
iam em busca apenas de uma rima e de uma oitava rima
a rima rúnica dos papiros e a rima rupestre
[que rimasse, Infante,
com a rima de pedra de teu promontório.

Sonhava Henrique a rima de rimar o mundo

— e assim

nesse Patmos do Algarve descobrimos:
no princípio era a rima e a rima era diante do mundo
e o mundo era a rima e o poema estava na rima
e descobrimos as rimas e escrevão e
cartógrafo sou de rimas no papel do Egito
no papiro augusto
no papel das ovelhas da serra.

IX

Nos pergaminhos nos palimpsestos
riscamos o equador e os trópicos
e os meridianos e as linhas imaginárias e as reais
riscamos paralelos colorimos iluminuras de rimas:

— e assim

desenhamos os mapas:

— e assim

se compunha o mapa-múndi
e a terra e o mar e as ilhas e as antilhas
norte e sul e leste e oeste
escandiam o verso a estrofe o poema do mundo.

E cem mil marinheiros pereceram
nas profundas do mar nas entranhas dos peixes
por uma rima.

E de rimas se fez
a flor marinha dos continentes quando, Luís,*
por dilatar a fé e o império dilatou-se
a poesia do mundo:

e o sonho ia se erguendo sobre as águas e o sonho
era a ilha mais formosa e era
o continente maior do poema do mundo —

pois,

Agostinho, positum, compositum
a quatro mãos com Deus — os marinheiros
de Diônisos, de Henrique, o Infante, e de Manuel,
o Venturoso — compuseram
entre céus e oceanos
o teu carmen pulcherrimum.

E estrelas novas saltaram no firmamento
dos tercetos do Dante enquanto rimas
saltavam nas eiras nas jeiras do mundo de Diônisos.

E Gil Eanes e Gonçalo Velho e Bartolomeu
ensinavam Vasco a soletrar o mar e a terra
de Bojador a Cananor
e verdes — olha o marzão de Cabo Verde, Vera poeta, —*
onde começavam as rimas do Império:

Meliapor e Timor e Cranganor e Mangalor
e de todos os nomes, pequeno poeta
[dos piratas ingleses,

Macassar, Manaar e Manapar,
Madagascar e Visnagar e Malabar e Zanzibar
com as rimas de todas as vogais
em ara e era e ira e ora e ura
de Guanabara e Jericoacoara e Pajuçara
a Cingapura e Baramura
ali chegavam as caravelas de Cristo
velas de linho fiadas na Beira
e brasão da cruz encarnada
bordada em Leiria pelas mãos
das Marianas e Joanas e Marias do Céu.

E assim se achava o mundo inteiro
suas vogais e suas sílabas,
de Uganda a Luanda, por Banda e Sarabanda
e Mombaça e Bokaça
e Camorim e Camocim
e Cochim e Bombaim e Costa do Marfim
e Benim e Baçaim e Mearim por onde
iam rimando a terra os menestrelis do mar
e os cartógrafos em Gênova em Veneza
e os Waldseemueller e os Gerardus Mercator
e os que desenhavam mapas flamengos

[para flibusteiros

iam pintando a flauta e o mote das rimas que inventamos:
Japão, Nagapatão e Maranhão e Hindustão
Goiás e Paravás e Badegás
e Sião e Cantão e Jaguarão
e Diú e Iguatu e Xingu e Pegu e Paracatu e Curuzu
e Ormuz e Queluz
e Ubatuba e Caraguatatuba
e as fronteiras dos continentes
rimavam nas Áfricas, nas Índias,
nas décadas da Ásia
nas Europas e naquela quarta parte nova

arada por marinheiros:
e se mais mundo houvera
mais rimas lá rimaram.

Pois de Purus a Pacajus a Crateús
e Cochabamba e Riobamba — Godo —*
e eram no Chile com João Fernandes
contemplando os Andes:
e de Ipueiras a Cajazeiras,
na prima e no bordão
as geografias ressoavam
Pará e Paraná, Ceará e Sabará e Socotorá e Cuiabá
Gravatá e Bogotá e Areguá e Panamá — Edi Simons —*
Tarapacá e Curuçá e a Ilha de Maçua.

As velas pediam ventos
as violas pediam rimas
e assim fundamos a cantiga das serras, das planuras,
com rimas em al e ol — do Senegal ao Grão-Mogol
em el, em il em ul — Coromandel, Tamboril e
[Seul e Chaul

e Pinamar, Raul,
partidos de Formosa. E assim,
de Maragogi a Pacoti ao Piauí Aracati e Cacequi
e ao Havaí e trouxemos dali o cavaquinho *ukulele*
de quatro cordas — e os violeiros dedilhavam o mundo
de Jaceguai e Shangai ao Paraguai e Villaguai — Efraín — *

a glosa tua —

e era nosso o mundo
de Angola a Carangola a Bissau e Macau
e a China e a Cochinchina e a Costa da Mina
e a Guiné e o Pindaré e Bornéu e Chinchéu e Birabéu
e os Congos e os Sorongos e a Serra Leoa e Água Boa
e de Lisboa e Madragoa a Quiloa e

[Goa e praias de Alagoas,

Iguaba, Ibiapaba
Jaçanã e Tupaceretã
Sachima e Kangashima e Hiroshima
e cantando achamos
o pau de Pernambuco e o pau de Calambuco
Piancó, Cabrobó, Copiapó e Marajó,
Inhamuns e Garanhuns:
do Golfo de Tomkin à corte de Pequim,
de Guarabira a Cashimira

do Tibet a Jafet, de Manila a Bashinila
bailávamos a bordo
de um galeão e de uma rima
e de um aroma e de um sabor.

E de Almofala a Sofala e Karputala e a Costa do

[Ouro

e o Zaire e o Níger nesses versos de pedra de Ielala
da Nigéria, Sumatra, Java, a Indonésia e a Polinésia
até as terras sem fim
do Samorim
regadas a sangue e vinho, José Francisco,
de Damão a Coração
(que os gringos dizem Curaçau)
e levávamos a cânfora e a canela
e o marfim e a pimenta-malagueta e a noz-moscada
e o bálsamo e o açafraão
dos jardins de Coulão
o veludo, a seda e o gengibre e o ananás e o chá
e o ouro das Gerais e a porcelana
e o cravo e o café e o mel-de-cana, o pau-de-tinta
de Pernambuco e as araras vermelhas

e os papagaios verdes e a rima, sempre a rima
a oitava rima sobre a qual, Luís,
estamos navegando cinco séculos.

E a frota carrega os marinheiros vivos e os mortos
e num barco no Estreito de Ceilão
navega o cadáver vivo de Francisco Xavier
por Molucas e Malacas
nas navegações do mar e nas navegações da terra,
das praias da Páscoa Florida às Califórrias de Ouro
das mesopotâmias do Prata às Bolívias de prata
do Ceilão ao Paquistão, Mantiqueiras, Borboremas
de Katai a Hokusai e Cipango e Calicut,
e Beldroega e Adis-Abeba,
e de Mooca a Meruoca e Ayuruoca, Dantas,
e os rios, o São Francisco, o Mississippi,
o Prata, o Ganges, o Amarelo, o Amazonas
o Amazonas, o Amazonas,
a volta ao Gênese — ao diluvium aquarum —
e o Beberibe e o Capiberibe
e o Paraíba e o Parnaíba e suas barras
as barras verdes do mar, dos mares do mar

terras nossas e águas nossas
navegantes de tres raças destinadas a
navegar navegando.

E assim, no ventre
das mulheres de todas as ilhas
de todas as praias foi plantado o sêmen
dos machos de Portugal.

O teu, Homero, era o catálogo das naus:
três mil violas eram poucas para cantar
saudades de Portugal
e tuas naus, Diônisos — e tuas naus, Infante,
não cabem num catálogo.

Este é o catálogo das rimas
poucas para rimar as terras a que chegamos,
em todas fincadas no alto
dos Himalaias, das Ibiapabas, das Ibiturunas
as bandeiras das quinas e da Cruz

belas como as mãos das bordadeiras de
[Alcobaça que as bordaram
para Diônisos e Vasco e Dias e Pedrálvares e os outros
e para Manuel, por isto o Venturoso.

CANTO SEGUNDO

Novos mundos ao mundo irão mostrando.

Camões — *Lusfadas* — II — 45



II



peço notícias aos profetas,
Moisés, digamos, e informam:
creou Deus o céu e a terra
e havia trevas sobre a face do abismo
mas o sopro de Deus pairava por cima das águas:

ego, Poeta,
tenho essas notícias recebidas de primeira mão
por escritos e escrituras de Jerônimo,
conviva de salmistas e reis e anjos e arcanjos.

Disse Deus — conta Jerônimo:
“faça-se um firmamento do meio das águas
e haja separação entre águas e águas,
depois, soprou sobre as águas e disse:
ajuntem-se num só lugar as águas que
[estão debaixo do céu

e apareça a terra —

e a terra apareceu.

E acendeu o sol e os outros astros no firmamento
para sinais” —

e assim

marcou os tamanhos do tempo
e a duração do tempo: — estas
são notícias de Jerônimo.

E então Diônisos e Henrique e João e Manuel
inventaram as tábuas, as enxárcias e as outras cordas
e cabos de mastaréus — e as velas
e mineraram ferro das minas de Trás-os-Montes
e um Sampaio, ferreiro de Montemor-o-Velho,
forjou as âncoras
e inventaram a caravela de dois mastros
e a caravela de três mastros
e inventaram o sextante e o astrolábio e a balestilha
e as cartas de marear e os roteiros das águas
e os regimentos de amestrar pilotos e oceanos
e o valor do grau
e as coordenadas.

E o Infante inventou em sua pedra de Sagres
a rosa-dos-ventos — e morava
em sua rosa-dos-ventos onde
a mão dos mareantes despetalava

a pétala do Norte a pétala do Sul a pétala
do Oriente e a pétala do Poente
e na pétala de pedra recortavam os hinos
e liam os dáctilos, os versos espondeus e
[os versos jâmbicos
dos hinos do mar na pedra do promontório
lavrados e lavados.

E o Infante recortava os hinos.

Nessas estrofes
capitães e pilotos, cosmógrafos, cartógrafos
achavam a latitude nos ponteiros de Jacob
escandiam o metro dos caminhos e a
[vértebra das ondas
as hidromâncias da marinharia das cartas de marear
e a ciência da posição e rumo dos navios
pela altura dos astros e mais que tudo
a do sol ao meio-dia.

E estes saberes, Infante,
eram nosso sigilo.

Cosa nostra, Príncipe.

III

E em todo o Mar Oceano não havia navios latinos
senão as caravelas
de Portugal e do Algarve —
canta a crônica do Príncipe —
“e em toda a parte da cristandade não os há
senão as caravelas de Portugal
e do Algarve” —
e os navios redondos não passavam da Costa da Mina
e de lá não voltavam — dizia o Rei —
e só em suas caravelas podiam os marinheiros cavalgar
as ladeiras bravias da tempestade
no chão de sal das águas bravas.

E aqui envio notícias a Jerônimo*
e são notícias de mar e terra
e por versos de Diônisos e escrituras
de Gomes Eannes Azurara e Garcia
[de Rezende — e cartas
a carta de Pero Vaz, as cartas
dos navegantes e dos padres sabedores
e de muitos outros
que deixaram letras em papéis do Egito
também chamados de papiros
e em pergaminhos feitos de pele de borregos e ovelhas

da Serra da Estrela.

E essas notícias, Jerônimo,
em capricartas de Pérgamo e papiros reais
são verdadeiras — eu Poeta, eu mesmo as li
e os escreventes escreveram o que viram
e o que lhes foi contado pelos que viram, tal e qual
as histórias de Tróia contadas pelos guerreiros da Grécia
ao cantador Homero
e o cego cantador as pôs em dáctilos sonoros
e as cantou nas feiras de seu país
e no átrio dos palácios que havia
e depois meteram seus versos em letra de fôrma
e ainda agora os podemos ler,
como leram Públio, chamado Virgílio,
e Alighieri, chamado o Dante,
e Luís Vaz, dito Camões, e Ezra,
e Iommi, chamado Godo, e Bó, dito Efraín Tomás,
e Juan, dito Raul Young, e Napoleão, dito Augustín,
e o real negro do país do Preste João, Abdias chamado,
e os Franciscos — todos eles ledores cantadores —*
lemos nós, tu, Bomfim, Paulo Bomfim, à luz
dos luares e estrelas de Piratininga — e tu, Dantas,*
à luz das velas de sebo
das velhas camarinhas das velhas casas de Ayuruoca
e eu li alumiado por velas de carnaúba das Ipueiras

no Siarah Grande e também, Dantas, Dantas Mota,
em teu país das Geraís, à sombra dos profetas de pedra
pois vivi entre os profetas — hóspede fui dos

[profetas — morei

com Jonas, o marinheiro, no ventre de um peixe grande,
nos mares entre Jafa e Nínive,
e dividiu comigo Oséias o leito e as coxas da

[prostituta Gomer,

filha de Diblaim,
e me hospedei na cova dos leões com Daniel,
e estive com Isaías e Jeremias e os outros — e deles
e de Simons, poeta, dito Edi — conviva de Balboa

[e parceiro de faunos e de ninfas

sei o que sei — essas notícias das viagens no mar
de suas ilhas e antilhas e de seus continentes onde
os olhos de Jorge e de Robert plantaram musgos.*

E agora tu, Diônisos, me ensina,
e tu, Isabel, canta-me o mote
para este cantar — pois vou cantar
o mar, a terra e as mulheres e os homens
a parição e a aparição do mundo.



Tu, Senhor, creaste o planeta
e eles inventaram as terras e os mares
o Oceano com suas ilhas, suas palmeiras, seus viventes.

A leste do jardim do Éden começaste o mundo
e o Infante em sua pedra sobre
as águas de Portugal
lançou a pedra fundamental de outro mundo
e marcou suas partes de terra e suas partes de água
os caminhos dos quatro
pontos cardeais.

E o mundo antes de Henrique tinha
três quartas partes de terra e uma parte de águas
e o visionário virgem, com seus cilícios,
sua fé, suas rezas, seus astrolábios lançou
de sua arca de pedra nas águas do Algarve
a pomba da esperança de seus olhos
para os horizontes e os achamentos
e achou: —
o mundo, na verdade,
era de três partes de águas e uma só de terras
e havia, Ptolomeu, mais águas, mais oceanos

do que ilhas e continentes
e eles, os cavaleiros das águas,
escolheram a parte maior:
mediram as sesmarias do mar e nelas
fundaram seu lar e seu império
na reinação das ondas
com os ginetes do mar.

O Creador creou o mundo
e Diônisos e Henrique e João e Manuel
e Cristóforo e Dias e o Gama e Pedrálvares e os outros
mediram o mundo e deram nome
às coisas e aos lugares e às pessoas do mundo
em terra e mar
e o sopro da vida sopra sobre
as coisas e os lugares e as pessoas
quando — só quando —
são por seu nome celebradas e chamadas.

E o achamento foi o princípio do mundo.

E só se acha o que estava perdido.

IV

Ali onde as buscaram — encontraram
e as ilhas iam surgindo
dos mitos e das lendas
de touceiras de mitos e de lendas
de touceiras de mapas e astrolábios
e escrituras e cartas de marear.

E diziam ilhas — e as ilhas eram —
afortunadas entre
praias e palmeiras.
E diziam terra firme — e os continentes eram —
com seus montes seus rios e seus vales
e as campinas onde
os homens e as mulheres dançavam de mãos dadas
na inauguração do mundo
em seus palácios de palha verde à beira-mar
e assim chegavam cantando galope na beira dos rios
cantando galope na beira do mar.

V

Pois, no princípio era a lenda
e a lenda era no sonho
e o sonho era a lenda
e o sonho e a lenda iluminavam
as pupilas do Infante onde
o vento terral erguia
sobre o verde das águas sempre e sempre
suas touceiras:

e das touceiras de sonho e lenda e mitos
começavam a brotar
as ilhas afortunadas
e brotavam horizontes e brotavam ventos
e os ventos
enfunavam as velas
e as estrelas, Henrique, constelavam
teus olhos — constelavam
as estelas de pedra
marco e marca das ilhas escondidas
para o achamento.

VI

Aos reis de Espanha escrevia Cristóforo,
Almirante do Mar Oceano:
são terras de beleza nunca vista
e por ali era o sítio em que se situava
o Paraíso. Só os portugueses sabiam — disse —
a beleza da face das terras encobertas —
belas como o próprio planeta —
e todas têm o mesmo caminho
pois a terra é redonda — não uma esfera
mas uma pêra com seu mamilo
um seio de mulher com seu mamilo.

Por esse seio de mulher com seu mamilo erguido
perderam-se no mar, no mar se acharam
os homens imprudentes,
os que tateiam seios intocados, os que chegam
à Ilha dos Amores,
pois são grandes as coisas e excelentes
que o mundo guarda aos homens imprudentes, Luís,
e os que farejavam esse mamilo em flor
perderam às vezes um olho, como tu,

às vezes um braço, às vezes a vida — e conta o Almirante:
os de Portugal tiveram a coragem de descobrir a Guiné
e ali
gastaram tanto ouro
e gente em tão grande número,
que quem quisesse contar todos os do reino
encontraria
que morreu na Guiné um número igual à metade.

E um dia chegamos a todas as Guinés.

VIII

E preparava-se o espetáculo no teatro do mundo
e o poeta condoreiro anunciava em sua tuba
o brado de Jeová:
“vai, Colombo, abre a cortina
de minha eterna oficina,
tira a América de lá”.

E eram certos e incertos os caminhos das Índias
e eram certos os caminhos do mundo:
passavam pelo sonho de Cristóforo
e pelo saber do Gama
em busca de Calicut:
nas alturas de Cabo Verde e da Serra Leoa
— enquanto lhe o tempo servir à popa —
navegar aloeste
à mercê dos ventos alisados:
e estas eram as instruções do Gama
segundo o borrão da carta ditada a Antônio Carneiro:
por essa rota de derrota ao Cabo da Boa Esperança
podem ter sido vistos sargaços e aves
nas bandas do equador
onde — por onde — alongavam-se

o Cabo de Santo Agostinho,
e as ribeiras marinhas
e sob o céu dos trópicos sobre as águas atlânticas
pairava a elegância das aves procelárias
e esse foi o signo do escrivão da Armada:
Pero Vaz contemplou e descreveu em letras ao Rei
os fura-buxos de papo branco e coroa roxo-azul:

e sempre um pássaro, Noé, anuncia aos navegantes
sobre a arfagem das ondas
com um ramo de folhas no bico
o fim das águas e a invenção da terra firme.

A partida de Belém, como sabe Vossa Alteza,
— lembra o escrivão —
foi segunda-feira, 9 de março
— 9 de março de 1500 —
eram 1.500 os heróis do mar — Hoelderlin —
um para cada ano do nascimento do Cristo Jesus
e eram treze navios
mas já na segunda-feira seguinte

ao se partirem das tuas ilhas de Cabo Verde, Vera,
eram apenas doze:
perdeu-se da frota o Capitão Vasco de Ataíde
com sua nau e um centenar de marinheiros
e o mar engoliu
a caravela de pinho de Leiria
e engoliu o Capitão Vasco de Ataíde
e só restou seu nome:

dos marinheiros engoliu até os nomes
e somos desde então
a nutrição desse oceano, nostrum mare, nutrido
de nossos músculos, de nossos ossos.

E de nosso cálcio
fizeram-se os búzios, os caracóis, os frutos dos coqueiros,
as conchas e ostras e cascas de ovos de tartarugas
e as areias da praia e os meros e o casco das
[lagostas vermelhas
dos camarões azuis e rosa e a escama
dos pargos encarnados, também chamados ciobas,

o couro da garoupa rosada, o ariacó listrado
[verde-azul,
o olho sábio dos botos, a serra de dentes do tubarão,
os crustáceos, as vieiras, a garra do caranguejo ruivo
o polvo de sete cabeças e todos os bichos marinhos.

E depois de quarenta e quatro dias de viagem,
singraram o Mar Tenebroso e chegaram
aos verdes mares bravios
e na tarde de vinte e dois de abril
o gajeiro da nau capitânia bradou:
"Terra! Terra!"

VIII

O tirso de Diônisos golpeia o chão de tábuas
entre as portas da terra e as portas do mar
e começa o espetáculo.

No sótão do marceneiro alemão*
os rios de seu país apascentam o delírio
do poeta voltado para a velha manhã de 1500:
o Rei e os príncipes e os bispos ostentam
paramentos reais e curvam a cabeça
diante dos mil e quinhentos marinheiros que deixam
a ermida de mármore e o Restelo e a brisa do Tejo
e as colinas azuis e avançam
sobre o Mar Tenebroso:

— se eu pudesse ser um herói,
quisera ser herói do mar,
escutaria a voz do deus dos mares, a verdadeira,
na qual os marinheiros fitam seus camaradas
e provam sua têmpera e um dia
chegarão a ver as ilhas formosas
onde os deuses repartem com os homens
a beleza da aurora e a beleza da lua
(cantava Hoelderlin).

IX

Ilumina-se o proscênio
às gambiarras do equador
Pedrálvares com suas roupas de gala
e seu colar de ouro
e os capitães fidalgos com suas vestimentas de luxo
seus cofres cheios de moedas
reais de Portugal e florins e coroas
e ducados e dobrões mouriscos
e jóias e tecidos e as alfaías ricas
compradas no famoso armazém do florentino

[Marchioni

contemplam o céu e a terra e o mar
e os homens nus e as mulheres nuas
com seus cabelos lisos caídos sobre omoplatas morenas
ao primeiro crepúsculo do país achado.

E o teatro do mundo se inaugura
naquela tarde de 1500.
1500 — ergue-se a Europa e contempla a cena
e esta é a platéia — 1500 —
que arregala as pupilas para Cabral
e inventa as coisas do mundo e celebra
a invenção da nova terra:

eu, Poeta, contemplo
as testemunhas de teu nascimento, Vera Cruz.

Este é o catálogo das testemunhas do nascimento
do século e de teu nascimento, Santa Cruz:
diante de Cabral desfilam

Leonardo da Vinci e Miguelângelo,

Erasmo e Thomas Morus,

Rafael e Maquiavel,

Cortez e Magalhães e Lucas Cranach e o Ariosto,

Pizarro e Gerardus Mercator e o Tiziano e o

[Tintoretto

e o Corregio e Janequin e Holbein e Cardan

e as minas de Potosí

e Francisco Primeiro na batalha de Marignan

e Solimão, o Magnífico,

e Lutero e Calvino e o schisma anglicano

e Ivã, o Terrível, e Baber

e os guerreiros da batalha de Paris e da

[batalha de Mohács

e os padres da Companhia

e os doutores teólogos

reúnem o Concílio de Trento — e os outros doutores

lêem aos príncipes e aos barões palatinos
o protesto de Melanchton na Confissão de

[Augsburgo
e assim a festa dura pelos idos e lustros dos quinhentos
e Alexandre Sexto prega a cruzada contra os turcos
e nasce Carlos de Gand, que será Carlos Quinto,
filho de Felipe, o Belo, e Joana, a Louca, de Espanha
e César Bórgia começa suas estripulias em Rimini
e a Dieta de Augsburgo despedaça o Império
e o Sultão Bajezid devasta a Grécia
e a esquadra de Portugal castiga navios egípcios em

[Calicut
e o Rei do Congo, o Rei Mani, se converte à fé católica
e toma o nome de Rei Afonso Primeiro.

A festa, Franz, é maior que o Grande Circo de Oklahoma
e Paracelsus descobre o hidrogênio
e Peter Henlein inventa a mola de espiral dos relógios
e Brunschwygh publica em Estrasburgo
um tratado de tinturaria

— *Liber de Arte Distillandi* — onde se ensina a
[fazer tinta

com as madeiras exóticas e começa a carreira

[do pau-brasil,
também chamado pau de Pernambuco
e se inventam as técnicas de produção
do ácido clorídrico e do ácido sulfúrico
e Aldo Manuce funda a Academia de Veneza e imprime
os textos egrégios do grego e do latim (anaquéis de
[Gonçalo)*

e chega a vinte milhões o número de livros editados
desde Gutenberg, numa Europa de cem milhões de almas,
e Erasmo começa a escrever os *Adágios*
e o *Manual do Cavaleiro Cristão*
e faz o elogio da loucura
e se constrói o Mosteiro dos Jerônimos,
em Belém de Lisboa,
para celebrar as terras novas achadas pelos marinheiros,
e nasce o escultor e ourives Benevenuto, dito Cellini,
com suas jóias lavradas e seu punhal de punho de ouro

e Bosch pinta a *Tentação de Santo Antônio*
e Leonardo encontra Miguelângelo em Florença
ao pé do baixo-relevo da *Virgem com o Menino*

e Piero di Cosimo pinta a *Visitação*
e Botticelli pinta a *Natividade Mística* em Firenze
e Baccio della Porta, discípulo de Savonarola,
queima suas obras profanas, toma o hábito de

[São Domingos

e adota o nome de Frei Bartolomeu
e Teresa Sánchez de Cepeda, dita Teresa de Jesus,
Teresa de Ávila,
funda o Carmelo, cai em êxtase e escreve as *Moradas*
e um bêbado de Deus, chamado João da Cruz,
canta a subida ao Carmelo, os cânticos de amor

[e a *Noite Escura*

e Vicente Juan, dito Juan de Juanes, pinta a *Puríssima*.

É a festa. E se inventam vários instrumentos musicais
da família das violas, instrumentos de cordas
e instrumentos de sopro, da família das flautas e clarins
e a escala sonora passa de três a cinco oitavas.

É a festa. E Pedro Álvares de Gouveia, dito Cabral,
toma posse da terra atlântica,

não com um marco de pedra, segundo a usança,
mas um marco de madeira das árvores cesalpínias
a Grande Cruz de Cristo que se planta
sob os céus da Bahia.

E Pero Vaz escreve a carta da terra
e o físico Mestre João, bacharel e cosmógrafo,
escreve a carta do céu
e ilustra as linhas com desenho de sua mão
e aparecem as constelações, e as estrelas da Guarda
persignam o Cruzeiro do Sul
na noite de Porto Seguro.

E Frei Henrique de Coimbra exclama
aos marinheiros e aos índios atônitos:
“pelas estrelas do firmamento
esta é a Terra da Vera Cruz”,

e o chileno Iommi-Amunátegui
dito Jean-Paul ou Juan Pablo
deposita no *Livro das Datas*

a relação das testemunhas da festa
armada por Pedrálvares de Gouveia, dito Cabral,
na ribalta de Porto Seguro — e dali
pela nau solitária de André Gonçalves
o Almirante envia as notícias do céu e da terra
nas letras de Pero e João
escritas ao Rei
Dom Manuel, por isto o Venturoso.

CANTO TERCEIRO

*Mas onde mais se alarga, ali tereis
Parte também co'o pau vermelho nota,
De Sancta Cruz o nome lbe poreis,
Descobril-a ha a primeira vossa frota.*

Camões — *Lusíadas* — X — 40



II



ezenove de abril — bóiam sargaços
cerca de Capricórnio: entre alaridos,
carapuças vermelhas de soldados;

frades, marujos, capitães, cosmógrafos,
Pedrálvares metido em seus brocados
e os outros capitães em suas galas.

Que capitães! Pacheco e Nicolau,
Bartolomeu do Cabo das Tormentas
barões do mar e vice-reis dos ventos.

Não mais vento geral ventos ponteiros:
sopra agora o galerno — e logo passa
ao calmoso e ao bochorno do equador.

No calvário da vela a cruz em sangue:
eram doze navios — tantos quantos
os doze pescadores de Jesus.

Da capitânea resplandece a gávea:
nas dobras do damasco imaculado
a bandeira real em escarlata e azul.

Galharda a caravela lava o rosto
do castelo de popa e a bujarrona
paneja sobre o toldo de carbasso.

As guitarras penduram as toadas
e o canto marinheiro ensina às ondas
a saudade e a alegria da chegada.

No costado, patachos, barinéis
aguardam os que irão de seu regaço
achar lagoas entupidas de ouro.

O sertão os espera em suas furnas
de tetos de esmeralda e chão de prata
entre marfins e pedras milagrosas.

É belo o mastream e ao sol do trópico
as latinas mais pandas são mais belas,
trançado o seio entre cordões de Flandres.

E dança o mastream e dança e range
o cavername bom de pregarías
hoje de ferro — um dia serão de ouro.

Nas altas naus o cio de seus olhos:
vinham rasgando o hímen do horizonte —
de uma banda da aurora eram partidos

e a outra banda da aurora iam chegando.

Eram cantados já os ofícios de Vésperas
os ofícios do mar — cumpridos, celebrados.

E súbito,
da espuma de ouro os seios virgens

calipígia de outeiros e palmeiras
vai ser achada — morena e núbil — a terra desejada —

e um dia mais outro dia mais outro
já ninguém saberá onde começa a terra
onde começa o mar e onde é o fim da terra
e o fim do mar:

pois,
primeiro foi o Capitão do Fim,
depois, o Capitão do Bomfim, chamado Paulo,*
a voz, a sua voz:
primeiro foi o mar, selva noturna,
calendário de estrelas:
a tramontana e a papa-ceia
admiravam
as fronteiras na espuma descoberta:

primeiro foi o mar, o chão de espanto, Paulo,
depois,
houve argonautas navegando serras e sertões
mesopotâmias perdidas e buscadas
no oceano da selva:

e assim os ginetes das ondas
navegaram as terras.

Caravelas sem âncora e sem velas
se partiam de golfos tormentosos
para lá dos litorais de areia
e navegavam pântano e planalto
e cordilheiras rios e florestas
e fundavam o epílogo e a aurora da aventura
e cumpriam os ritos de partir e de chegar
e descobrir o encoberto
e as bandeiras clamavam por ele
de quebrada em quebrada:

Sebastião! Sebastião!

e assim
celebravam os tempos e os lugares
na glória de seus nomes.

E antes de todos
o frade e o escrivão e o Almirante
fizeram a pergunta ao firmamento:
que nome há de ter a terra achada?
E suspeitou-se ouvir
no firmamento interpelado
a voz do Poeta
navegador de volta dos eternos mundos
responder desde a nau do Purgatório:

*à direita voltei-me, e ali, à frente
do pólo sul, fitei as quatro estrelas
só dos primeiros homens avistada*

*via-se o céu gozar em suas flamas
ó desolado setentrião privado
de contemplar estrelas como aquelas.*

Das praias de falésias e de areias
ao navegante assobiaram ventos
nas bandas do equador versos do Dante
e era ali a nova constelação antiga

sinal de um outro pólo
caule da terra em flor
pétala a pétala desabrochada
na aurora atlântica.

III

E pela vera e santa cruz
de Vera Cruz e Santa Cruz chamou-se a terra.
E Frei Henrique de Coimbra
fez a invenção do nome a 3 de maio,
dia da Invenção da Santa Cruz por Santa Helena
mãe de Constantino e dia
da ressurreição de Efraín Tomás —*
e Pedrálvares e Pero Vaz
registraram o batistério
enviado ao Rei depois da Primeira Missa
assistida pelo gentio atônito.

Tu viste um dia, Jonathan,*
os firmamentos desabarem
num oceano cheio de jardins
e as estrelas cantavam na noite do equador
e o cartógrafo alemão trocou o nome
da Vera e Santa Cruz
pelo nome do aventureiro florentino
mercador e duvidoso contador de histórias:

e a terra foi nominada América

e o continente inteiro fora um dia
a Terra de Santa Cruz
a Terra dos Papagaios
depois, Brasil. E a América inteira era Brasil
Magnus Brasil — registra o cartógrafo —
do Maranhão ao Cabo de Santo Agostinho e daí
todas as terras ao sul do Prata: e avistaram,
segundo as Atas de Valentim Alemão, terras antárticas.

E o capitão português João Dias de Solis
descobriu e atravessou o Rio da Prata
e Aleixo Garcia varou
o Paraguai e a Bolívia com seus Andes
e João Rodrigues, dito Cabrilho,
achou e desbravou a Califórnia
e Corte Real, Gaspar Corte Real
navegador e criador de nomes,
descobriu e batizou a Terra Verde — a Gruenland —
e assim a Terra Nova — e Ponce de León
achou o Porto Rico e a Florida — Paschoa Florida
e todos vieram do Tejo ou do Mondego
e também espanhóis — todos ibéricos —

portugueses às ordens de Castilha
varadores do mundo — a matilha do mar
da *Crônica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*
segundo Damião de Góis.

E no fundo da alma
eram todos em busca de Sebastião
pelos quintos do mundo:

Sebastião! Sebastião!

E eram caçadores de estrelas
e caçaram as estrelas desejadas
pois,
adivinhadas talvez pelo Poeta foram vistas
as estrelas em cruz
dos desviados graus do Purgatório.

Cadamosto quem sabe as entreviu
na foz do Rio Gâmbia em contraponto
ao Carro do Norte o desenho de fogo

de um Carro do Sul:

mas na terra de Cabral
elas foram primeiro reveladas
e nominadas por Mestre João — Mestre João Alemão —
Jobannes artium et medicinae bachalaurius
descobridor de estrelas
e o físico-cartógrafo nelas viu o signo santo
seu pentestrela persignado

desde a α estrelada ao pé da cruz
até à γ na cabeça.

Alpha Crucis e Gama Crucis
medidas em seus graus, chamadas por seus nomes.

E as estrelas acesas no céu da Bahia
alumiavam os caminhos
de Tristão da Cunha e Pero Anes e os outros
nas navegações da Índia e do Mar Oceano
até Cochim.



E eram todos caçadores,
Balboa caçou um mar
Cristóforo caçou um continente.

Cabral caçou a terra dos brasis
e Mestre João caçou as cinco estrelas.

E assim descobriram o mar, descobriram a terra
e descobriram o firmamento do céu.

E o piloto João de Lisboa formulou o
Regimento do Cruzeiro do Sul
e os navegantes passaram a saber por ele
as horas do dia e as horas da noite:

*fim de fevereiro meia-noite na Cabeça.
E dali, de quinze em quinze dias, uma hora
assim como na conta do norte, começando no sul
para a banda do sudoeste, e é experimentada.*

Frei Vicente do Salvador, o primeiro a escrever
a história da terra achada
entende tudo: o demônio tem medo
do Sinal da Cruz:
trabalhou por perder-se o nome de batismo
e ficar o de Brasil
por causa de um pau assim chamado
de cor abrasada e vermelha
com que tingem os panos — do qual há muito
[nesta terra —
como se valesse mais um pau que tinge panos
que aquele pau divino onde morreu o Redentor.

No azul do azul do céu
nem a cruz nem a estrela se apagaram
e é sempre a mesma cruz no firmamento
a cruz das caravelas de Cristo
de panos feitos na Vila do Conde,
com forros de canhamação reforçadas —

as velas as velas as velas
as velas de linho português

enfunadas nas bolinas de barlavento
nas mezenas envergadas à carangueja de ré
por cabos e espias também de linho,
depois, de *cairo* — fibras de coco das terras novas —
depois, as de algodão — das cotonias do Levante —
iam e vinham todas
e em todas elas, Frei Vicente,
de popa a proa — a cruz
onde cantava e canta
a estrela cantadora
ao balanço da barca, da nau, da caravela,
do galeão guerreiro,
sobre a arfagem das ondas.

E canta. Dia e noite nas terras e nas águas
canta o pentestrela do céu do Sul —
o Cruzeiro de Mestre João:

rouxinol de plumas de fogo
continua a cantar seu canto de ouro
na safira da abóbada do trópico

sobre a Terra sempre
da Vera Cruz
da Santa Cruz.

E Luís Vaz ouvira o cantar da estrela:

*Já descoberto tínhamos diante
Lá no novo Hemisfério nova estrela
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta dela.*

*Debaixo estando já da estrela nova
Que no novo Hemisfério resplandece
Dando do segundo axe certa prova.
(Na elegia do Grão Luís —
O Poeta Simônides Falando.)*

Quem saberá se o Infante veio à terra
ou se ao Infante a terra veio
nas velas assopradas desde a aurora dos tempos:

*corramos sobre o mar a todo pano
canta o pai Homero,
e Ulisses, tomando sempre o lado esquerdo,
guina para oeste
e arriba ao meio-dia e ali
vê todas as estrelas do outro pólo.*

Debaixo das estrelas de Mestre João
o Poeta saúda *"tutte le stelle già, dell'altro polo"*
e no roteiro meridional da *Divina Commedia*
transitam os profetas dos tempos:
a sombra de Platão
rege o coro da Medéia
na estrofe de Sêneca
e para lá de Thule
e das últimas terras sonhadas
no Crítias, no Timeo,
para lá das colunas de Hércules para lá
do Mar Oceano
maior que a Ásia e a Líbia
ressurge a terra um dia engolida

pelo grande Thalassa,
onde eram os jardins do filho de Clito e de Poseidon —
Atlântida, de Atlante, Cabrália, de Cabral,
Vera Cruz, da estrela constelada,
sobre a testa talvez do Infante e sobre a testa
quem sabe viva — de Sebastião,

Sebastião! Sebastião!

IV

Vem dos profetas do povo
dos marinheiros louros que contavam
entre os bêbados e as putas
nos bordéis nas estalagens
no cais do porto de Bristol, de Marselha, a lenda
de uma ilha chamada Brasil
para lá da Irlanda

e o mercador John Day
conta essas conversas de marinheiros e
estalajadeiros
em carta ao Almirante-Mor de Castela,
e São Brandônio ensinava: — o paraíso
é no meio do Oceano —
esmeralda de selvas
sobre a esmeralda do mar.

E Mestre João lembra ao Rei:
veja o mapa de Bisagudo.

Pero Vaz da Cunha — dito o Bisagudo —

pelo sonho do Infante — pela busca do Príncipe
do Rei perdido nas miragens do tempo e dos
[espaços

Sebastião! Sebastião! —

o Bisagudo leva o clamor da saudade ao mar
[de Cabo Verde
pela ilha tua, Ilha do Fogo, Ana Maria formosa,
e desvenda a entrada do Sanagá — chamado Senegal —
e começa o “grão rodeio”
cantado pelo vidente caolho
caminho da terra achada.

E onde “mais se alarga” esse rodeio — Luís Vaz —

a terra busca o mar
e o mar encontra a terra.

Estão guardados os nomes dos doze grandes capitães

das doze caravelas que chegaram
também o nome daquele Vasco
que o mar comeu com sua nau e seus marujos,
tentaram tragar o mar — e o mar os tragou:

polvos, corais, sargaços entre espumas
e as plantas marinhas — as do mar profundo
não esquecem seus nomes.

Os mil e quinhentos marinheiros
têm seus nomes
escritos nas estrelas do céu:
cumpriram todas as ordens — as graves e as miúdas
dadas pelo Rei ao Almirante

no oratório do Infante, sítios de Belém
pelo Restelo.

V

E esta é a escritura
lavrada no porto seguro da Vera Cruz —

(eu, Poeta, soletro umas letras das letras
de Pero Vaz a El-Rei Dom Manuel
levadas pela nau de torna-volta
do Capitão, de certo, André Gonçalves):

— “*Senhor*,
a terra é muito chã e muito formosa
cheia de grandes arvoredos
ponta a ponta é toda praia
nela haverá bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa
— até onde vimos —
pelo sertão nos pareceu, vista do mar, mui grande
porque, a estender os olhos,
não podíamos ver senão terra e arvoredos.

A terra em si é de muito bons ares
frescos e temperados
como os de Entre Douro e Minho

águas são muitas; infinitas

[o escrivão adivinhava o Amazonas, o Madeira,
o Solimões, o São Francisco, o Parnaíba
o Tocantins, o Araguaia, o Negro, o Paraná
e os outros rios].

A terra é graciosa e nela, querendo-a aproveitar,
dir-se-á tudo
por causa das águas que tem.

Houvemos vista da terra à hora de vésperas
primeiro um grande monte mui alto e redondo
(a *montagna bruna* foi vista pelo Dante no outro mundo):

era terça-feira, vinte e um de abril,
oitavas da Páscoa,
e o Capitão chamou o monte Monte Pascoal
e a terra Terra de Vera Cruz
e logo vieram todos os capitães das naus

à nau do Capitão-Mor. E ali falaram.
E o Capitão mandou a terra Nicolau Coelho
primeiro cristão a pisar o chão achado:
e acudiam pela praia homens
uns dois ou três
e quando o batel chegou à boca do rio
já lá estavam dezoito ou vinte
pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse
suas vergonhas.

Vinham todos rijamente em direção ao batel
e Nicolau Coelho fez sinal que pousassem
arcos e flechas — e eles os depuseram
e arremessou-lhes um barrete vermelho
e uma carapuça de linho que trazia à cabeça
e um sombreiro preto
e um deles lhe arremessou um sombreiro
de penas de ave, compridas,
com uma copazinha de penas vermelhas e pardas
e outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas
que pareciam de aljôfar
e o Capitão mandou a terra Afonso Lopes
por ser um homem destro

e na praia andavam muitos com seus arcos e setas;

os cabelos deles são corredios
e tinham bons rostos e bons narizes
e andavam tosquiados, de tosquia alta
raspados todavia por cima das orelhas
e subiram à nau e o Capitão estava
sentado em uma cadeira
aos pés uma alcatifa por estrado,
bem vestido, com um colar de ouro mui grande no
[pescoço]

e Sánchez de Tovar e Simão de Miranda
e Nicolau Coelho e Aires Correia
e nós outros, sentados no chão sobre a alcatifa.

Um deles fitou o colar do Capitão
e ficou a fazer acenos com a mão
em direção a terra
como se quizesse dizer que havia ouro na terra
e olhou um castiçal de prata e assim mesmo
acenou para terra
mostraram-lhe um papagaio pardo

que o Capitão trazia consigo
e todos acenaram para terra
e a terra era a Terra dos Papagaios
mostraram-lhes um carneiro
não fizeram caso dele — mostraram uma galinha
e tiveram medo dela
deram-lhes taças de vinho
não gostaram dele
tomaram água para enxaguar a boca
e então estiraram-se de costas na alcatifa
a dormir
e não procuravam encobrir suas vergonhas
(vergonha — de verga)
que não eram fanadas
e as cabeleiras delas estavam bem raspadas e feitas
e o Capitão mandou pôr
na cabeça de cada um seu coxim
e um de cabeleira esforçava-se para a não estragar
e deitaram um manto por cima deles
e aconchegaram-se
e adormeceram.

Dois deles ficaram dormindo ali a noite toda

e o Capitão mandou que Duarte Coelho
[e Bartolomeu Dias
fossem em terra e levassem aqueles dois homens
e os deixassem ir com seu arco e setas

e mandou dar a cada um uma camisa nova
uma carapuça vermelha e um rosário de contas
e mandou com eles um mancebo degredado
criado de João Telo

de nome Afonso Ribeiro
para lá andar com eles e saber
de seu viver e suas maneiras.
Levou Nicolau Coelho cascavéis e manilhas
e a uns dava cascavéis a outros manilhas
e eles davam arcos e setas
em troca de sombreiros e carapuças de linho.

Ali andavam entre eles três ou quatro moças
bem novinhas e gentis
com cabelos muito pretos e compridos pelas costas
e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas

e tão limpas de cabeleiras
e não se envergonhavam de ser olhadas
nem os marinheiros se envergonhavam de olhar
e uma daquelas moças era toda tingida
e certo era tão bem-feita e tão redonda
e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa
que a muitas mulheres de nossa terra,
vendo-lhe as feições envergonhara,
por não terem as suas como a dela.

Ao domingo de Pascoela pela manhã
determinou o Capitão ouvir missa e sermão
e mandou a todos os Capitães que se arrandassem
nos batéis e fossem com ele
e assim foi feito — e mandou
armar um pavilhão num ilhéu
e dentro levantar um altar muito bem arranjado
e fez dizer missa, a qual disse
Frei Henrique de Coimbra, em voz entoada
e na mesma voz oficiada
pelos outros padres (oito frades e oito clérigos)
e junto ao altar a cruz (chanfrada a enxó)
com as armas do Rei — e ali

estava o Capitão com a bandeira de Cristo
com ela saíra de Belém
e ali esteve sempre alta, da parte do
Evangelho.

E com seus corpos tingidos de vermelho
assistiram à missa e se ajoelharam como nós
e levantavam-se e levantavam os braços
e depois da missa muitos deles
tangeram corno ou buzina e começaram
a dançar e cantar um pedaço
e o Capitão mandou ao degredado Afonso Ribeiro
e a outros dois degredados — e a Diogo Dias
que foi almoxarife de Sacavém,
por ser homem alegre
gracioso e de prazer
com quem eles folgavam
que se metessem entre eles.
E levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita
e meteu-se a dançar com eles
tomando-os pela mão — e eles
folgavam e riam e andavam com ele

muito bem, ao som da gaita:
depois de dançarem fez-lhes umas voltas ligeiras

andando no chão, e dando salto real
de que eles se espantavam e riam e folgavam

e Diogo Dias

(era irmão de Bartolomeu
do Cabo das Tormentas)

os segurou e afagou muito
mas de repente
tomaram uma esquiveza como cabritos-monteses
e se foram para os altos.

E vimos muitas palmeiras
e comemos seus palmitos.

E na sexta-feira, primeiro de maio,
voltamos em terra com nossa bandeira
e fomos desembarcar rio acima
e no lugar melhor para ser vista

ARVORAMOS A CRUZ

lavrada por dois carpinteiros
e o Capitão mandou marcar o sítio onde seria fincada
e a cruz foi levada em procissão
com os freires e clérigos cantando.
E eles depuseram arcos e setas
e nos ajudaram a levar a grande cruz
e estiveram à sombra dela
e a cruz plantada — obra de dois tiros de besta do rio —
ali ficou com as armas
e a divisa de Vossa Alteza.

Eles são inocentes como Adão
não lavram nem criam
nem há boi ou vaca cabra ovelha ou galinha
e não têm adoração nem idolatria
e um deles acenou, chamou os outros —
acenou com o dedo para o altar
e depois apontou com o dedo para o céu.
Até agora não podemos saber se há ouro
ou prata ou outros metais nesta terra.

contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar
é salvar esta gente.

Ao partir fomos beijar a cruz
e eles a beijaram como nós
e o Capitão deixou aqui dois degredados
e dois grumetes sumiram de bordo —
não voltaram mais — (a terra enfeitiçou os dois) —
e de manhã, prazendo Deus,
fazemos nossa partida
rumo a Calicut.

E estas são as letras a escritura do escrivão
na primeira manhã do mundo.

VI

Era uma vez o Capitão do Mar
e era uma vez o Capitão da Terra:
não resta ao homem mais que o mar e a terra.

Ontem eram as águas, onda, espuma,
a inumerável solidão do mar,
o sal, o vento, os uivos, a tormenta.

Hoje a selva, o sertão, a escarpa, a rocha,
a inumerável solidão da terra
e a seta envenenada nas tocaias.

Cada homem do mar está sozinho
navega em sua nau seu próprio mar
sem dividir seus medos e bravuras.

No bando da bandeira terra adentro
cada guerreiro está também sozinho
na solidão dessa aventura sua.

Na solidão os fortes são mais fortes:
começa a terra onde se acaba o mar
para lá das estrelas só os deuses.

Eram de ferro o pulso e o coração
na defesa das únicas heranças
deixadas aos heróis — a terra e o mar.

VII

Em vez das velas, galeões, galeras,
eram velas de couro assoveladas
caravelas de botas sobre os mapas.

Pisavam duro o chão das cordilheiras
e pisavam a cova dos cartógrafos
dos papas e dos reis com seus tratados.

O cascalho e a poeira dos caminhos
manchavam desmanchavam tordesilhas
e empurravam fronteiras de papel.

Buscavam horizontes e sonhavam
ouros, pratas, rubis e diamantes
e uma esmeralda — o Príncipe Esperado.

Marchavam na miragem de uma aurora
entre onças cascavéis e crocodilos
e a terra oferecia o seio arfante

à volúpia dos sonhos e desejos
e nos montes e vales repetia
as arfagens do mar de donde vinham.

A fé abria as velas sobre os mares
a esperança marchava no solado
das botas boreais sobre os planaltos.

Navegavam o chão e seus perigos
não sabiam de porto ou enseada:
sabiam da esperança no horizonte.

E de repente, erguendo-se entre as palmas
de um buriti na várzea enfeitada,
seu rosto brotaria por encanto.

E seu talhe real caminharia
ao longo das ribeiras, das lezírias,
entre bandeiras de cavalaria.

VIII

Sebastião! Sebastião! — depois do mar
Sebastião! Sebastião! — no mato adentro
a noite e o dia levam ao destino

e este destino é vê-lo de repente
com seu rosto de Arcanjo e sua espada
a armadura de prata ao sol do trópico.

Na menina dos olhos sua imagem
no coração — presente o grande ausente
seu nome na garganta e flor da boca.

Já não marchavam eles — as lagoas
os precipícios, serras e ribeiras
é que sobre eles marchavam dia e noite

e a terra abria os braços e o regaço
e em seu ventre moreno iam nascendo
fortalezas e templos e cidades.

Raça do mar, gerados pelas ondas
com as raças da terra e de outras terras
iam gerando sua nova raça.

Sebastião! em todas as partidas
Sebastião! em todas as chegadas
onde o sertão for mar e o mar sertão.

Sebastião — a prata da armadura
o arminho peitoral cabelos rosto
e as mãos de sangue mouro salpicadas.

Sebastião!

IX

E da nau capitânia de Pedrálvares
vamos às armas, às capitânias
hereditárias com seus donatários.

A terra se amadura em sangues vivos
de visigodos, celtas, celtiberos
portugueses das cepas henriquinas.

E tupis e tapuias e aimorés,
timbiras, tabajaras, potiguaras,
guaicurus, guaranis e goitacazes.

E os negros arrastados dos Benins,
das Angolas, Guiné e Moçambiques
temperam com seu riso e sua dor

a beleza do rosto das mulheres
o braço varonil de seus varões
a alma auroral da raça da esperança

os negros, Abdias — Abdias Nascimento, os negros!

Eu poeta, nos tercetos tersos
anuncio o achamento que não cessa
dos que os mares e as terras navegamos;

e canto e falo e clamo estes clamores
e meço o ritmo em que se escande a sílaba
“na mesma língua em que cantou Camões”.

Destas heranças lavro um inventário
e guardo um mar que é meu e a minha terra
e a língua bela em que as estrelas cantam.

CANTO QUARTO

*Na era de 1530, sábado, 3 dias do mês de dezembro,
parti desta cidade de Lixboa, debaixo da capitânea de
Martim Afonso de Sousa, meu irmão, que ia por capitão
de hua armada e governador da terra do Brasil.*

Pero Lopes de Sousa — *Diário de Navegação*



II



hegados, Luís,
das *marítimas águas consagradas*
sagram os sagrantes a sagração da terra:
chantres do mar
prios do mar nas belas naves
dão por cumprido seu ofício das águas
seu ofício de vésperas;

e agora soa a nova hora do novo *opus*
e erguem-se os braços, sobem as vozes
para o ofício da terra — laudes, noas e matinas,
segundo vosso breviário, Infante.

E no coro das ondas estrondosas
e no coro da selva o rumor
de suas frondes e de seus jaguares
as vésperas do mundo.

Dom João III voltou os olhos para o achamento
e ordenou a seus capitães partirem
crear o Brasil — e era palavra de Rei:
e o Brasil foi creado.

O Capitão Martim Afonso de Sousa
e com ele e por ele —
ao vento do mar da carreira das Índias
e ao vento das ilhas e sertões dos samorins,
curtidos ao sal das águas e dos ventos —
os capitães sabedores da guerra, sabedores
da plantação das fortalezas e dos negócios do mar
da vida e da morte nas praças dos mouros
chegam com suas naus populosas de soldados
de santos, heróis, bandidos, aventureiros,
lavradores, espadachins e degredados,
oficiais de ofícios do couro e do ouro,
da madeira, dos panos, do ferro,
do cobre, da prata e do latão — ourives,
algibebes, aljubeiros, tanoeiros
ferreiros oleiros plateiros seleiros flandeiros
bufarinheiros de bufarinhas para o gentio —
e são, com seus soldados,
achados e perdidos, comidos e nutridos
pelos índios brasis, devoradores de gente;

na arca de Noé de seus porões
trazem as naus do Capitão

a fauna e a flora dos continentes e das ilhas —
 as vacas com seus touros, os bois de canga,
 os bodes com suas cabras, os bacorinhos, as ovelhas
 com seus carneiros e borregos,
 as galinhas poedeiras com seus galos cantadores
 nas madrugadas de Alenquer
 e os cavalos dos árabes de Tânger
 e os cavalos bralhadores raça argel de testa branca
 os cavalos melados e os cavalos baios
 e alazões de raça mourisca e borguinhona
 com seus poldros suas potrancas suas éguas
 e elas hão de parir um dia os cavalos de Osório
 nas sangas dos banhados nas coxilhas do Prata
 e os cavalos de Alexandre Mourão
 e a burra Graviola do Coronel Alexandre de

[Barros Mello]

e o cavalo Serra Azul do Coronel José de
 [Barros Mello dito “o Cascavel”, meu tetravô,
 e os burros de chocalhos do Major Coriolano, meu pai,
 e do Coronel Quintino Benjamim com seus tropeiros
 tropeirose os pingos pampeiros e os animais de pé-

[duro — no rastro]

da serpente de fogo em marcha sobre o mapa aceso
 dos banhados do Sul ao Raso da Catarina

e às serras e aos sertões e às chapadas
 na Coluna do Capitão Prestes
 Cavaleiro da Esperança e bandeirante
 da última bandeira.

Das coxias da caravela de Martim Afonso
 vieram todos — os zainos e os pampas bragados
 o serrano pedrês do Capitão José Ribeiro Mello,

[meu avô,

o ginete estradeiro de Dona Eufrásia, a bisavó,
 em seu selim de couro de bezerro e arções altos de prata,
 o cavalo Marinheiro do Padre Feitosa
 com seus estribos de ouro,
 as montarias dos guerreiros
 a burra melada do Major Galdino, pai de meu pai,
 Galdino Ribeiro Mello Sampaio,
 com seu clavinote matador na lua da sela
 e os cavalos dos vaqueiros e dos bandoleiros:

Vila Bela, Águas Belas, Lavras da Mangabeira,
 Juazeiro, Barbalha, Crato,
 Inhamuns, Serra Talhada, Pajeú de Flores,

Virgulino Lampeão, Gesuíno Brilhante e Antônio Silvino
Zé Mourão em Crateús
e os outros cangaceiros nas brenhas do Nordeste.

Os porões das urcas e das naus
das caravelas peçadas de selas e de relhos,
despejam enxadas e alviões e chibancas
e foices e serrotes e machados e facões reiúnos
e enxós e formões linheiros e goivas para o corte
das mesas e das cangas, dos fueiros, do cocão
das chedas e chavetas e rodas dos carros de boi
com seus eixos cantadores
na lenta navegação do país de dentro;
e trazem sovelas de sapateiros fazedores de botas
de guarda-peitos, perneiras, luvas de vaqueta,
[gibões e chapéus de couro
para o serviço de romper caatingas;
e malhos e bigornas e foles courudos
e martelos e trolhas
e toda a liturgia de pedreiros carpinteiros
ferreiros sapateiros degoladores de onças
e a linha fina dos pescadores de anzol

e as coisas sagradas de padres e freires
para o pão e o vinho das missas
e as velas de cera de abelha e as lâmpadas de
[azeite doce

do Santíssimo Sacramento
embaladas entre tarrafas e apetrechos de pesca,
sobre barricas de dinheiro amoedado,
tambalodeiras de prata para o escanção e os bebedores
entre navetas, castiçais, turíbulos.

E aos heróis da Ásia, por façanhas
e por preço de sangue em partes de infieis

Eu, o Rei,
doei as Capitâneas hereditárias:
e eles pisaram suas terras metidos em seus elmos,
peitorais e pelotes de combate
e seus homens desembarcavam
e começavam a cortar troncos e cepos
para fazer fortalezas

e a casa de cada um se erguia do barro virgem
em praças quadradas

e no meio da praça uma casa maior

era a casa de Deus,
habitante principal
das cidades e vilas semeadas,
teu risco e planta, Alberto Cruz.*

E vieram as sementes e mudas de plantas
de Baçaim, de Calicut, das ilhas da Madeira
a cana e o coco da Praia — terras de Cabo Verde
e a manga e a jaca e as cepas de videiras do Alentejo
todos os talos e raízes e folhas dos vales
das ribeiras do Tejo e do Ganges e do Congo
e do Rio Amarelo no país da China
dos vergéis de Europa e Ásia e África
de suas terras adultas, viciosas de frutos e de frondes.

E vieram o agrião o alecrim o cravo a arruda a canela
e o tomilho e a manjerona e os limões da Galícia
o orégano o manjeriço-de-cheiro
o açafrão a malagueta a acelga os nabos o ápio

o gengibre o alho e a cebola e o coentro e as finas ervas
e o sal para salgar a carne das caças e dos peixes.

E trouxeram das Índias um encantador de serpentes
com sua flauta para encantar as cascavéis das grotas
e um marinheiro de Calicut tinha um casal de

[pavões azuis

e de seus ovos são ainda hoje os pavões de Raul Belém*
na campina de Araguari.

E Martim Afonso mandou quatro homens
navegar o chão da terra pelo mato adentro:

caminharam cento e quinze léguas
levando as armas do Rei:

e esta foi a primeira bandeira
com quatro bandeirantes.

Chegava o Capitão Martim Afonso
e com ele o verdor de seus vinte e nove anos de idade
mais seu irmão Pero Lopes de Sousa

— e de seus bagos venho: —

na beleza de seus vinte anos

correr a rota

da Madeira, dos Açores, das Berlengas

dos mares de África e do Mar da China

para um dia saltar

às espumosas águas de Macau

ao Mar das Pérolas

das águas belas de Olinda, das águas verdes

de seu novo país dos Mellos e Mourões

— e de seus bagos venho —

e somos todos

da raça de Dona Brites de Albuquerque

dos Cavalcantis e filhos d'algo e caciques de bugres

e bebemos o leite das princesas do Congo.

Cavaleiro e cortesão e dado às letras, da geração
de Sá de Miranda e João de Barros e Camões,
par do Príncipe em tempos de Dom Manuel,

Eu, o Rei,
para alimpar de franceses meus mares do Brasil
e suas costas

e ali continuar os chãos de meu reino

por conhecer a espada e o coração de Martim

mestre no ofício do mar, mestre no ofício da

[guerra

e mestre no ofício de regimento das gentes —

Capitão o mandei, com meus navios,

a governar

aquelas minhas terras...



E estas foram as missões:
despejar os corsários franceses que iam
tomando nelas — as minhas terras —
muito pé,
descobrir sesmarias na costa e no sertão
e povoar e cultivar o país — (segundo os Anais).

Eles fizeram a viagem dos mares
e depois a viagem das serras e sertões:
eu Poeta navego o rastro dos heróis
e viajo seus feitos.

E assim celebro e assisto
a tua criação desde quando
as narinas de Deus sopraram tua imagem
lavada de águas atlânticas desde
quando

Pero, Martim, Tomé, Duarte e Mem
e Manuel da Nóbrega e José de Anchieta
e os outros padres de roupeta sopraram nome e ser
em tuas narinas de areia e barro e pedra por onde
teu espírito e teu sangue — terra de meu pai e
[terra minha.



A penugem da epiderme estremeceu
em todas as curvas de teu corpo: —
o poeta do mar e guerreiro do mar sobre ondas velejadas
suas pupilas ainda adolescentes

Pero

Pero Lopes de Sousa — e de seus bagos venho —
no primeiro frêmito
na primeira carícia
suas mãos marinheiras
tratadas ao sal das águas e das cordas
conheceram tuas formas de virgem
à beira da água verde, à beira das espumas de ouro
e da volúpia
do primeiro encontro, terra e noiva.

Na era de 1530, sábado, 3 dias do mês de dezembro
com vento leste se partia no quarto d'alva
para a lua-de-mel junto às palmeiras
do Maranhão ao Prata e além do Prata:
não no lombo do touro, Europa, como tu,
aqui te rapta o Capitão
de norte a sul os seios empinados
nos pinhos de Diônisos

na proa de uma nau à sombra
da guitarra de teu corpo e ao ritmo
das cítaras
das velas e dos ventos
partindo a galope cantando galope ao galope das ondas
na estrada do mar.

Na primeira madrugada, ao quarto d'alva
se nos fez vento do norte:
e era o sopro da senha — santo e senha
do achamento
das veredas das águas,
 pois,
a leste e a quarta do nordeste
ali por onde Lagos, de São Gonçalo,
por onde Sagres
por onde o Infante
dono do mar e dono do horizonte

a mão de pedra
acenava ao salto de partida
da emboscada do Atlântico pelo

Cabo de Sam Vicente.

De Belém de Lisboa se partiu no quarto d'alva
já sabedor
dos caminhos do Brasil:
todas as carreiras das ondas têm de passar, Infante,
pelo teu santuário de mapas
triângono de ventos mares pedras
por Sam Vicente-Lagos-Sagres — ali
Pero Lopes de Sousa — Capitão das águas —
abriu seu caminho
dos quatro mundos e o caminho
de meu país.

E os Cabos eram
sinal da terra oferecido ao mar
para achamento
da terra dos brasis.

E assim parti
de Cabó em Cabo

do Bojador ao Barbas
e os outros a que demos os nomes
das cores do arco-íris curvado sobre
as sobancelhas de seus semblantes:

Cabo Branco, Cabo Verde, Cabo Roxo
rotas do Infante na fortuna do mar
as ilhas afortunadas — Canárias e Madeira a barlavento
de lés-nordeste.

Pétala a pétala seguíamos
pela rosa-dos-ventos
essas léguas do mar
com totalas velas pelos terços pelas quartas
de oeste e sudoeste e lés-nordeste e oés-sudoeste
e pairávamos à boca da noite
até o quarto d'alva.

E o Brasil era perto e era lonje
das ilhas de Santiago e do Sal e do Fogo,

e das ribeiras da Ribeira Grande por onde em
[madrugadas
na concha das mãos, eu Poeta, sonhei o afago
da pérola noturna
de teus seios mascavos, fêmea das ilhas
de Cabo Verde onde amadura
a beleza crioula das mulheres e onde todas
as mulheres são morenas e todas as morenas
[são morenas
de olhos verdes.

IV

E cavalgava as ondas Pero
— e de seus bagos venho —
e enfunavam-se as velas e murchavam
às vezes barlavento, sotavento, julavento às vezes
e um galeão perdia as âncoras e um marinheiro
caía ao mar e às vezes dois ou tres — e nunca mais —
e era este o caminho do Brasil e seus Cabos
com seus nomes de santos — Santo Agostinho
[e São Roque.

E o Capitão começou a prear as naus francesas
e tomamos suas cargas e os piratas
eram todos passados a fio de espada — e a morte
muitas vezes roçou a minha testa
com naus desmanteladas sem pilotos
íamos matando peixes e corsários de Marselha
com o Capitão Irmão (Martim Afonso)
e víamos as barras das terras e das águas
e lhes dávamos nomes de santos
e arribamos ao mar arrebetado em Pernambuco,
depois a São Miguel, barra do Coruripe onde
o tacape de índios brasis — caetés — um dia iria
[partir a cabeça

devorar os miolos sagrados e comer peça a peça
braços, pernas, testículos e miúdos e a carne
[dita saborosa
da palma das mãos do senhor Bispo
Pero Fernandes Sardinha, seus cônegos e freires.

Outros tocaram algum pulso da terra.

Pero Lopes foi o primeiro que riscou seu mapa nas águas,
angra por angra, abra por abra, cabo por cabo,
ilha por ilha, foz por foz de seus rios
até o Rio da Prata e o país dos patagões
viu a Terra do Fogo — aflorou a Antártida
e varreu de seu mar naquele tempo os estrangeiros
ladrões de brasil — o pau-de-tinta.

(Hoje, Pero, nos falta tua espada
e os ladrões nacionais e estrangeiros
fazem curso em terra e mar.)

Viessem de novo as cinco velas
de tua armada em que os galeões tinham o nome
do santo guerreiro São Miguel, de São Vicente,
o nome das raparigas deixadas na ribeira do Tejo,
e se chamavam "Princesa" e "Rosa".

Em duas delas o Capitão mandou Diogo Leite
descobrir a costa lés-oeste
e desenhar na espuma as enseadas
até o Maranhão o Grão-Pará e os seios de areia
do Golfo de Gurupi, o Mar Doce do Amazonas talvez.

E foi Pero com os ventos do verão
pelo sul-sudoeste
conferindo e nominando os rios
a Serra de Santo Antônio
o encontro das águas do Vaza-Barris, do São Francisco
e dos outros rios.

E viu o Japarutuba e o Cotinguiba
o Itapicuru e o rio das Canafístulas

e o Inhambupe e o Rio do Melo, dito Jacuípe,
e o São Francisco e o Capibaribe onde um dia
os brancos e os negros e os índios
do país de Pernambuco
do país do Ceará Grande e Mel Redondo,
da Paraíba, do Rio Grande,
das Alagoas, da Bahia e do Sergipe del Rey
toldaram as águas
com o sangue ruim dos flamengos sangrados

na defesa do chão de meus avós. [a espada

Por ali nos ensinava Pero
a fazer Pátria — a pátria que fizemos
com nossos ossos para haver Brasil.

E era o mar de Luís o mar de Pero
mar com tanta tormenta e tanto dano
tantas vezes a morte apercebida:
uma noite

tantas noites

uma vez

era o quarto da prima e veio
a trovoada com tanta força de vento
meteu a nau o portaló por debaixo do mar
e deu um raio no mastro do traquete da gávea
e o partiu em dois e trouxe
grande fedor de enxofre — e os marinheiros
não morreram — guardaram os olhos
sabedores de Serras Leoa, Senegais e Açores
para saber nas barras do equador
a nova terra os novos rios e seus nomes
e do caderno da bitácula de Pero, sua escritura,
brotaram os veros mapas, madrugaram os nomes
que ainda hoje cantam a corografia amorosa
dos primeiros lugares:

Barra Velha, Camaratuba, Barreiras Vermelhas,
Mamanguape, Barra das Jangadas, Maragoji,
[Camarajibe
Igaraçu e Catuama e Barra de Catuama — três sesmarias
dos Barros Carvalhos — saqueadas
por ladrão polaco e sua barregã infame
e uns rafeiros da raça de Caim —
sesmarias dizimadas de meus filhos e meus netos,

sesmarias de teu nome, Paulo, de teu nome, Eládio.

E aqui lavro os dáctilos e os jâmbicos
alexandrinos, redondilhas, decassílabos e espondeus,
versos de todos os ritmos na escritura de posse
[dessas terras
ita in fide Poetae.

E as naus desciam pela correnteza
desses nomes azuis e verdes e verde-azuis:
Ponta Verde, Itapuã, Serinhaém, Tambaú, Igaraçu,
Santo Antônio Grande, Santo Antônio Mirim
e das praias de minha terra, Ascenço,*
só os nomes fazem sonhar — fazem chorar.

V

Medi as braças de fundo da Bahia de Todos Santos
ali tomei água e lenha e corri as naus desmanteladas
e era ali um homem português — Caramuru chamado —
vinte e dois anos ancorado entre os selvagens
era senhor na terra, com os principais dos índios
e trouxe todos para obediência ao Capitão Irmão —
vieram com muito mantimento
e fizeram grandes festas e bailos:
a gente da terra é toda alva
os homens mui bem dispostos e as mulheres
mui bem formosas
e não hão nenhuma inveja às da Rua Nova de Lisboa

O português Caramuru
nos deu rezam larga do que na terra havia e suas gentes:
a cada duas léguas têm guerra uns com os outros.

São guerreiros.

Eu os vi pelejarem:
estando no meio do rio se bateram

cinquenta almadias de uma banda e cinquenta da outra
cada almadia traz sessenta homens
todas apavesadas de paveses pintados como os nossos
e pelejaram desde o meio-dia até o sol posto:
as cinquenta almadias da banda de que estávamos

[surtos

foram vencedoras:
trouxeram muitos dos outros cativos
e os matavam com grandes cerimônias,
presos por cordas, e depois de mortos
os assavam e comiam a carne insossa;
quando se acham mal e feridos — não comem
e põem-se ao fumo.

O Capitão deixou ali dois homens
para crear a terra que viemos crear
e lhes deixou muitas sementes

e sementes também de homens e mulheres

e as sementes das fêmeas e dos machos

irão brotar — brotaram — Pirro,
das pedras do caminho de Deucalião
no começo do mundo entre palmeiras
carnaúbas jandaia e pássaros e pássaras
ribeirões e açais, caju e buritis
e o cheiro do ananás e da cidreira
na pele de algodão das redes e das núpcias e no olor
e na cor no cajá na cajarana
das mulheres de mel e seus guerreiros
entre o verdor das relvas e das águas:

gemiam entre as moitas corações, violas
cantigas ensinadas por Diônisos
aos ouvidos de Isabel:

aprendemos também essas cantigas, Pero,
e a letra e a melodia delas e o meneio do corpo
entre a cintura e as ancas entre
gravatás, cachoeiras e clarins
de sabiás na saudação da aurora
às jabuticabas e às raparigas em flor
e às outras corolas abertas.

Depois, era o uivo das jaguatiricas
o relincho das éguas o sino
do martim-cererê: e o estrondo
da salva dos bacamartes — e silvavam flechas
e gemiam a morte e a vida,

e o gemido da gênese e o clamor da aurora
nas agonias da inauguração
sacudiam as copas das árvores
estremeciam as raízes das árvores
e a terra se rachava ao sol do equador — e a
[flecha do sol
rachava os equinócios do céu — e no umbigo
da terra morena já o dia
podia mais que a noite:
e os meninos e as meninas
começavam a cantar e dançar pelos caminhos.

VI

E em navegar navegando navego aquela
*Navegaçam que fez p. lopez de sousa no
descobrimento da costa do brasil militando
na capitania de martim a. de sousa seu irmão
na era da encarnaçam de 1530.*

E ali em Fernão Buquo — Pernambuco mesmo —
ergui o Forte de Itamaracá — e ali a primeira
[igreja do Brasil
ainda hoje na sesmaria de Antônio nas bandas de seu
condado de Catuama *
e destrocei o fortim francês
e foi de grande ajuda a chegada de Paullos Nunes
com a caravela *Espera* —
e em honra da caravela *Espera* — dizem —
deu Pero Lopes depois a uma azinhaga
do alto de Lisboa o nome de Travessa da Espera,
onde são as boas casas de pasto ainda hoje
O Farta-Brutos do Oliveira
e a Cocheira do Alentejo
com seus vinhos do Mourão e as jantas de Portugal.

E as ladeiras de Lisboa
em seus sinos de pedra ainda ecoam
os nomes inventados entre o equador e o mar
terras de Santarém, de Óbidos, de Almofala,
de lá, de cá, de Porto Alegre e Belém do Pará
e Belém de Lisboa por Goa e Madragoa
e tanta Nazaré
Nazaré das Farinhas, Nazaré do Círio,
Nazaré da Mata.

VII

E Gabriel Soares de Sousa descreve o roteiro
riscado pelas quilhas de Pero Lopes na escritura das águas
e das costas com suas ilhas e seus cabos
e Gandavo escriba da Torre do Tombo e os outros
repetem na letra de tinta o que fora escrito
em letra de sangue e água e esperma
e espumas salgadas
e gravam no risco da planta das praças
e dos mapas de Luís Teixeira, de Lázaro e dos outros
o desenho desenhado por tuas caravelas, Pero:
e assim ficaram as lembranças por escrito — Gabriel —
do Maranhão ao Prata
norte e sul de Porto Seguro Velho e Porto

[Seguro Novo,
sítios de Cabral, léguas acima léguas abaixo e as colinas
depois vila de Olinda, seus azuis, seus verdes e encarnados

segundo as tintas de Guignard, segundo o sonho
de Antônio no teto de sua casa-grande do

[Cosme Velho*
seu engenho de saudades — e assim
as enseadas em concha, as primeiras capelas,
os primeiros fortes os primeiros engenhos de cana

e a meia légua do Rio de Santa Cruz o engenho
de um João da Rocha
e os engenhos depois desmantelados do Duque de Aveiro
e um engenho com vinte e oito vizinhos
e cento e cinqüenta escravos índios
queimado pelos tapuias
e todos os moradores foram devorados em
[grande festa

e nunca mais o Duque consertou esses engenhos
onde os ossos dos devorados embranqueciam à lua.

E os engenhos que moeram a cana caiana agora moem
lembranças e saudades.

E íamos correndo ao som do mar
ao som das ondas rugidoras
buscava as ilhas e entrava duas ou três léguas
[pelo arvoredos
e tornava ao bergantim com muita caça e muito mel.

E um dia veio o mar por cima
e entre a raiva das vagas e das pedras
a noite destruiu todos os barcos:
agarrados às tábuas alcançamos a praia

alguns não alcançaram

e um marinheiro morreu de pasmo.

Esperamos o dia amanhecer:
recolhemos as tábuas que boiavam
salvamos traquetes e velas que pudemos
salvamos duas cabras que vinham com dois bodes
e umas pipas de vinho do Douro:

caçamos umas emas pequenas, uns veados-galheiros
achamos ovos de emas e frutas de cardos
e durante dois dias
estendidos na areia os restos dos barcos

em espetos de espadas e varas de tabocas
assamos os bodes inteiros e os veados e as emas
e cozinhamos seus ovos
e bebemos todas as pipas de vinho
e ficamos deitados na praia, jantando e bebendo
e arrotando diante do mar os vinhos e os azeites.

Depois achamos as âncoras
e acendi fornalhas na areia e mandei fundir as âncoras
e abatemos a machado uns pés de cedro e
[serramos tábuas
e fabricamos pregos para pregar de novo as
[tábuas das naus:

e este foi, Pero, o primeiro banquete na terra
e estas carpintarias navais e esses pregos fundidos
[na praia
foram a primeira indústria do país,
para criar o Brasil, segundo a ordem do Rei.

E Martim Afonso no mar creava a terra
e navegava ao Prata: na altura do Chuí
nafragou-lhe a capitânia: salvou-se numa táboa
andou roto e faminto por praias e brenhas
e flechas de antropófagos e rondas da morte
e a morte e a fome e o naufrágio e o perigo
rondavam e creavam o país:

um dia o Padre Nóbrega, fundador da fé,
ia morrer de fome e privações.

Faminto e roto encontrei o Capitão Irmão
na ilha tomamos água e lenha,
me fui com os batéis à pescaria e num dia
matamos dezoito mil peixes — corvinas e tainhas e
[enxovas

e o Capitão jantou com os marinheiros,
voltou a São Vicente e armei trinta homens
e segui sua rota: com uma pedra de padrão
em nome do Rei tomei posse do estuário do Prata.

Sempre o Infante conosco — lembrou-se o Capitão
de sua ordenação: plantar cana-de-açúcar
naquele tempo o Brasil era Pernambuco e Pernambuco
era a cana-de-açúcar — dos canaviais do Infante

[na Madeira

onde se chegara a sessenta mil arrobas num ano;
o pau-brasil, o pau de Pernambuco ia acabar-se,
entendeu Martim, não se plantava como a

[cana a cada safra

e os mercadores do pau-de-tinta não povoavam a terra
derrubavam árvores às pressas
para os mercados da Flandres e Marselha e Florença.

E vindas de Olinda Igarapu e Catuama
das várzeas do Nordeste
e também da Madeira as canas
começaram a crescer nas terras boas de São Vicente.

E os doces antes só regalavam o céu da boca
dos príncipes e das condessas da Europa
com os escassos pingos do mel de abelhas
e as doses farmacêuticas do açúcar do Oriente:

os engenhos da várzea brasileira
levaram a doçura à boca dos homens e das
mulheres do povo
de todo Portugal, de toda a Europa.

Cumpria-se a ordem do Rei — creava-se o Brasil —
o Capitão mandava abrir as veias da terra
com os arados de rabiça e as enxadas,
fervia nos tachos de cobre o mel-de-cana
ardiam as fornalhas de barro com seus
[tachos de cobre
gemiam as almanjarras de engenhos
na festa da moagem — e em torno deles
crescia a vila com a Casa do Concelho e a
[Casa de Deus

e as sesmarias se dividiam e erguiam-se os trapiches
os abarracamentos dos moradores
e Pero de Góis montou o Engenho da Madre de Deus
na Serra de Jurubatuba e Martim Afonso
[montou o seu
Engenho de São Jorge dos Erasmos

e seu escudeiro Brás Cubas com Pascoal Fernandes
fundou o povoado de Santos e ali
armou a traquitana do primeiro monjolo desta América

e o genovês João Adorno
montou o segundo engenho da terra paulista
o Engenho de São João
e os colonos de nomes perdidos
fundavam suas alcovas e sua raça com mulheres da terra
e um Bartolomeu Gonçalves,
mestre ferreiro, fazia todas as coisas de seu ofício
sem pedir soldo ou salário ou prêmio algum
“por folgar de se a terra povoar e enobrecer”
[— contam anais.

E Martim Afonso subiu de São Vicente ao planalto
campinas altas de Piratininga e ali mandou lavrar e
[assinou
a escritura da primeira sesmaria na borda do campo
cartório de Pero Capico
primeiro tabelião do país de São Paulo.

E a terra se povoou, se enobreceu
e os padres e os freires casaram as mulheres mancebas

com maridos portugueses, castelhanos, italianos e brasis
e batizaram e casaram as filhas de Caramuru
assim legítimas como bastardas
e os solteiros e as amancebadas — ego scriptor,
vi eu mesmo uma lápide
na igreja da Bahia:

*"Aqui jaz Afonso Rodrigues, natural de Óbidos,
o primeiro homem que se casou nesta terra."*

E Diogo Rodrigues, seu filho,
foi o primeiro mameluco a se ordenar padre,
e foi provido numa capela da Sé da Bahia.

Eu Poeta desses dias venho e em memória deles
em seus gonzo de bronze
canta em minha casa uma porta de cedro,

lavrada e talhada com romãs abertas e fechadas
que foi dessa Sé da Bahia — 1551.

E não tenho mais nada — rico de nada, nada mais
que essas memórias e escrituras
senhor do cabedal dos tempos — eu Poeta,
pastor de águas e de caravelas — pastor de espumas
pastor dessas lembranças
pastoreio seus nomes
canto as naus e os marinheiros
e os capitães da aurora — Martim Afonso
e Pero Lopes de Sousa
e de seus bagos venho.

VIII

Já Pero Lopes com seus três navios
abre as velas de novo sobre as ondas
ginete azul do mar azul e verde

cavalga as águas onde vive e morre
e torna ao reino, aos ventos de Lisboa
a rainha do Tejo e do Oceano.

Vinham quatro caciques dos guerreiros
de Pernambuco, de Piratininga
e de Porto Seguro da Bahia

e vestidos de sedas e veludos
os príncipes do trópico passeiam
entre fanfarras e arcos de festejo

os fidalgos da corte os cavaleiros,
os soldados os bispos os barões
os aclamam nas ruas deslumbradas

assim o quer o rei de Portugal:
por dilatar a fé e o império e a glória
às coroas ducais junta os cocares.

Pero Lopes de Sousa capitão
das terras do Brasil saúda o Rei
e é vassalo de um Rei de Reis vassalos

os caciques reais ali também
com seus olhos de ofídio e o braço forte
cumprem o rito — a criação da pátria.

E criar o Brasil — este era o ofício
do sabedor de estrelas e de mares
e o ofício dos príncipes da aurora

sabedores de selvas e sertões
sabedores de rios e montanhas,
das flores, das raízes, dos jaguares,

das corsas e dos pássaros do céu,
das entranhas da terra e suas vozes
de maracás, inúbias e borés,

trompas latinas e violas de pinho
pinhos de Portugal e de Diônisos
a lira de Camões e o canto de Isabel.

A voz do norte, a voz do sul, as vozes do nascente
e a Grande Voz do Oeste por vales e montanhas
serpente de esmeralda arrasta-se no chão, ergue o
[clamor:

Sebastião!
Sebastião!

IX

Lavouras, canas, feitorias prósperas
o grande Capitão Martim Afonso
volta a outro mar o velho mar das Índias.

Deixava tudo em ordem de justiça — (crônica de Pero)

Não foi em vão o sangue dos heróis:
tupis, tapuias, carijós, tamoios
devoravam guerreiros na floresta —

era a medula dos guerreiros brancos
nutrindo os ossos de uma nova raça
a raça dos brasis do Capitão.

No coração a têmpera da raça
temperou sua espada em sangue mouro,
Camões gravou seu nome no bronze dos *Lusíadas*
e por ele e com ele o nome do Brasil,
e por seus feitos no Atlântico o Rei lhe faz mercê
da Capitania-Mor do mar das Índias.

E o Capitão-Mor das gentes do Brasil
foi-se a fincar suas bandeiras nas ruínas dos reinos
de mouros e cambayos — Calicut e Damão.

E antes de partir deixou um dia numa ilha
uma carta emburilhada em cera — eu Poeta
destinatário desta carta a guardei neste canto,
junto a mapas de minas e outras cartas em garrafas
[e ceras
de capitães, marinheiros, piratas bucaneros
alagados e naufragos em geral.

E Pero Lopes, morador do mar,
vai e volta à China às Índias
vive no mar, morre no mar
e o mar o engole — e alagado, habita para sempre
seus palácios de águas, algas, conchas — e às vezes
aparece, José,*
no fantasma da proa da *Esperança Galega* — sua
[última nau,
nas águas do Maranhão Ceará Olinda e Itanhaém —
(testemunha Jerônimo, mestre e capitão de jangadas).

Fortins de Pernambuco — canaviais
de Itamaracá, Santo Amaro, Santa Ana, S. Vicente —
herdeiro sou de suas capitanias hereditárias — e ali
eu, Poeta, cantador da serra, ouço os ventos marinhos
e o terral das várzeas e vejo, Dora,*
ao talhamar da caravela de teu canto o talhamar
do bergantim da morte — a cariátide, a noz
de seu rosto, noz de um sol de ouro, sol
de Olinda e São Vicente:
recordamos seus passos sobre as águas
repetimos seu nome para sempre

Pero Lopes de Sousa
inventor do rosto da terra

e de seus bagos venho.

CANTO QUINTO

Esta terra é uma empresa nossa.

Padre Manuel da Nóbrega



II



s reis magos, os sacerdotes caldeus
os padres babilônios e os profetas hebraicos inventaram
o enigma deste número: e eram doze
as tribos de Israel e doze
as colunas do templo e doze
a *rota genitura* das constelações
no *tzodíakon* dos gregos — e doze
os mártires da África no canto
do Bispo de Salerno e doze
os césaes de Roma — doze os coros dos anjos;

e os guerreiros e os profetas das duas Escrituras
Isaías, Jeremias, Pedro, João, André, Mateus, Tiago
[e os outros
eram doze — e doze eram "*los de fama*" de Pizarro
e os pares de França e os guerreiros portugueses
chamados os doze de Inglaterra

e doze eram as naus e doze os capitães da descoberta
e doze os capitães das doze
capitanias hereditárias
que herdaram meus avós e herdei — eu Poeta,

para estes cantos também hereditários
de viola em viola repetidos
para meus filhos e meus netos,
e os outros meninos do bairro,
para as rodas de rapazes e raparigas nos terreiros
para os soldados em seus pátios de guerra
e os marinheiros no balanço de seus navios
e os bêbados na algazarra de suas bebedeiras;

para esses herdei e para os monges
no cantochão de seus mosteiros — e aos cantadores
[da feira
que ainda cantam com suas rabecas de pau-pereira
— ensino a todos e canto e conto essas histórias
nestes versos ora abertos ao vento e ao mar
e às vezes escandidos
na flor dos doze pés do metro alexandrino:

mestre-de-obras do ritmo — engenheiro das sílabas
canto o canto — e o canto e os cantos
em clarins de guerra e em *viola d'amore* repetidos

soam ressoam nessas cordas de prata nesses sopros
[de ouro
ao ronco dos carros ao pulmão dos foles à centelha
[das forjas

o nome inaugural e metalúrgico
de feudos e fortins.

III

Já madruga no mapa dos cartógrafos
tua geografia mestiça e nela a pele e o prisma
dos nomes que lampejam teus conúbios:
Passo de Camarajibe e Maranguape
e és o tálamo das línguas e das raças
godos visigodos celtas e celtiberos
romanos, normandos ruivos, mouros morenos
e filhos de Ulisses e Diônisos
sacerdotes, Rodrigues,* e guerreiros do Benim
e as povoações repetem
europas, árias, áfricas, américas,
Cratos, Beléns e Santaréns e Óbidos
Mombaças, Almofalas, Minas,
Portalegres e Bragas e Braganças
entre Macaus, Guaramirangas,
e as doces Bertiogas, Congos Novos.

E São Vicente e Santo Antônio, Todos os Santos
e todos os anjos e arcanjos
São Gabriel e São Miguel dos Campos.

As aldeias, as vilas, as paróquias

vão de regresso à tribo do primeiro Adão
e o novo mundo começa a viagem de torna-volta
aos labirintos de Babel aos impérios perdidos
e da semente do mundo brota a nova raça
e o novo mundo é o mundo da lenda
mais antigo que o mundo antigo
e os nomes de seus sítios pétala a pétala
vão compondo
a rosa de seu nome — a rosa
do rosto da primeira mulher e do primeiro homem.

Nessa rosa o rosto de Isabel e de Iracema — o rosto
da Paraguaçu e da negra Fulô das Alagoas
de Luísa Caramuru, Catarina, Bartira e minha

[remota avó

Maria Arcoverde — Maria
do Espírito Santo Arcoverde de Albuquerque Maranhão —

e o rosto de bronze de Nunálvares
o rosto dos príncipes das Líbias e Etiópias
dos mouros e judeus
os marinheiros da França e dos Países Baixos

o físico alemão e os aventureiros sábios
de Gênova e Florença, e de Veneza e um traço às vezes
do bretão e do batavo,
dos barqueiros dos fiordes de gelo e
dos filhos do sol, os Camarões e Henriques,
crioulos, mamelucos e os puros negros Mina.

A pele e os riscos desses rostos valem
os riscos do mar, da selva, da flecha do tapuia
das guerras dos corsários, do banquete
em que os tupis comeram moqueadas em moquéns
[de aroeira

as costelas e as coxas de um João da Beira
e trinta outros marinheiros
na aldeia de Serinhaém:

depois fizeram flautins de cinco furos
dos ossos de seus braços, flautas grandes de ilíacos
das coxas devoradas
e das rótulas redondas dos joelhos
brincos para os beijos e as orelhas.

E os canibais nas ladeiras da Serra Grande
entre o Ipu e as Ipueiras e o Piauí
comeram assadas em espetos de taquara
as costelas de um marinheiro — e no seu rastro
os jesuítas fizeram a navegação da terra
pela corda dos montes e a corda dos montes era a
cordilheira
a minha, a Ibiapaba — e o Padre Antônio Vieira,
de pés inchados, atravessou as penhas escorregadias
no rude baldaquim — sobre os ombros dos índios —
uma cadeira de pau-d'arco
guardada na capela da Matriz de São Gonçalo

[dos Mourões,

Serra dos Cocos, e doada por meu primo
Monsenhor José de Lima
à Matriz de Viçosa de onde foi levada
ao Museu de Dom José Tupinambá da Frota,
Bispo-Conde de Sobral, pastor das almas e pastor
das memórias da terra.

E estas são notícias miúdas
das capitânias hereditárias e são verdadeiras
como a história de Heródoto,

pois,
eu poeta e cantador daquelas serras e ribeiras
as ouvi de minha mãe Esther
que as ouviu de seu pai, que as ouviu de seu avô,
que também as ouviu de seu avô, bisavô, tataravô

[— e este

viu com seus próprios olhos
que a terra já comeu
e eu mesmo com seus olhos vejo as velhas índias
no gume dos caninos
roendo os ossos de um Bernardino, de Braga, ferreiro,
com os cauins fermentados de milho e caju da safra.

Os tocarijus mataram para comer o Padre Pinto
mas os índios tabajaras salvaram seu corpo:
era chamado o Manaíra, quer dizer o senhor da chuva,
e falava com Deus e foi sepultado com grande honra
no ritual das tabas pelo Cacique Diabo Grande
em grandes e públicos prantos de toda a aldeia
e os índios pintaram e tisonaram os corpos —

[era seu luto —

mostravam sua dor em gritos altos ao redor
[da sepultura,
deixaram crescer os cabelos em sinal de tristeza
trucidaram um a um toda a tribo dos tocarijus
matadores do padre

e numa pedra da Serra Grande ficou a marca de um pé
nos lados de Ubajara: — era o pé do Padre Pinto
e o padre palmilha ainda hoje e para sempre
as procissões as roças as bandeiras
e os rochedos da Ibiapaba minha, onde os índios
[pintaram
sobre o abismo de Água Fria o imenso galo vermelho
o Cristo cantador das madrugadas da serra.

III

Este país é uma empresa nossa —
e esta foi a carta constitucional do país
escrita pelo Padre Manuel da Nóbrega:

não era uma empresa do rei, de sua corte,
de seu clero, de seu Tesouro, de suas armas:
empresa nossa — de cada capitão
cada soldado, cada padre, cada bolsa
cada um de seus fundadores
e cada sonho era um feudo e cada feudo um sonho
e cada sonho um perigo e cada marinheiro
ao pisar a terra pisava seu próprio feudo
seu risco sua vida e sua morte — e era senhor
de seu risco, sua vida e sua morte em busca
de seu império:

Sebastião!
Sebastião!

Cada palmo de chão é a sesmaria de seu reino
e cada reino um engenho na lua
onde talvez morava o rei e o rei
era o puro clamor de seu próprio nome:

Sebastião!
Sebastião!

E era a empresa de cada negro no eito e nos palmares
seus olhos também no horizonte do mar e da
[montanha
das Angolas e das Serras Leoaas onde reinara
e agora aqui também à espera do Esperado:

Sebastião!
Sebastião!

E era a empresa do tamoio com seu cocar
de ouvido colado ao chão das várzeas
esperando o rumor dos passos do Encoberto
na marcha que viria pelos vales do Oeste:

Sebastião!
Sebastião!

Um dia saberemos: é por dentro de nós que ele viaja
e espantados narcisos olharemos
no cristal das lagoas e regatos
nosso próprio rosto — e o trom das cachoeiras e o clangor
das seriemas no tabuleiro repetirão ao conhecer
cada um dos moradores da aventura e da aurora nossa:

Sebastião!
Sebastião!

E somos nós
nossa própria esperança.

Sebastião sou eu.

IV

Os doze capitães das capitânicas hereditárias
deram tudo à terra: nela enterraram seus cabedais
e muitos a vida. O aimoré, o goitacaz e os outros índios
infernaram os capitães e seus engenhos: uns

[morreram de flecha

outros de febres tropicais, outros até de fome
como o velho fidalgo Vasco Fernandes Coutinho:
vendera sua quinta do Alenquer, vendera sua tença
empenhara sua honra de herói das Índias
tudo em vão: seus engenhos foram queimados,
seus soldados abatidos a frechadas, sua gente escapelada,
renunciou à capitania, acabou pedindo que lhe dessem
uma tigela de comida, pelo amor de Deus
e não teve um lençol seu em que o amortalhassem.
Velho e pobre padeceu todos os vexames
e o Bispo de Olinda lhe tolheu cadeiras de espaldas

[na igreja

e o declarou excomungado
por andar de mistura com homens baixos e

[por beber fumo

(beber fumo era apenas fumar).

Restou, do malogrado Capitão do Espírito Santo,
a Igreja de Nossa Senhora da Penha — seu convento
saudade de pedra da Penha da Serra de Sintra,
restou o filho que seria depois

capitão de um terço da bandeira de Manuel Preto.

E assim iam morrendo e a terra começava a viver.

Batistérios de igrejas e capelas
guardam seus nomes repetidos nos nomes
de descendentes até hoje — de Pero do Campo Tourinho
a Duarte Coelho e às primeiras gentes
da Bahia, São Vicente e Pernambuco,
fundadores de tudo: dos engenhos de cana
e dos nomes das povoações — hoje ainda nomes
das cidades e províncias — e nomes
dos clãs familiares dos filhos d'algo.

Antônio de Barros, donatário do Ceará,
nem chegou a ver sua capitania
e seu irmão, o escrivão das Décadas,
perdeu seu ouro e sua prata e os dez navios armados
para a aventura de suas sesmarias
na luta contra o índio e contra o mar — e o mar
engoliu suas naus com seus novecentos homens
e cento e treze cavalos

e engoliu a capitânia de Aires da Cunha
com sua carta de parceiro, despedaçados
entre os rochedos o barco o Capitão e seus baús de
[dinheiro.

Mas germinaram
ao norte e ao sul as sementes regadas a sangue
por Pero Lopes e Martim Afonso — brotadas e floridas
na esmeralda das lâminas e no ouro dos pendões
da cana de Pernambuco e São Vicente
e depois nos Campos dos Goitacazes.

Os arrozais para o arroz do povo
e os canaviais para o açúcar das naus da carreira da
[Europa

davam a cor à paisagem — e a paisagem do Brasil
de Itamaracá às várzeas de Santos
repetia aos ventos da matina
o matiz e a ondulação do mar — conta o cronista —
pareciam inconsúteis em seu verde e sua dança
a terra e as águas

e não se sabia no país do Atlântico onde era
o começo do mar — onde
o começo do chão:
eram verdes as ondas do oceano de águas
e dos oceanos de canas — e eram
de ouro e prata
os pendões do canavial e as espumas do mar.

*Quando o verde dos teus olhos
se espalhar na plantação
uma lágrima sentida
vai molhar todo o sertão
não chore não, menina, viu,
que eu voltarei, meu coração.*

(Nos confins do sertão cantavam cantadores — os Humbertos
Teixeiras inventavam a primeira metáfora das metáforas da terra — a
água dos olhos e do céu molha e verdeja os canaviais que verdejam as
pupilas que verdejam os canaviais na pupila e a pupila nos canaviais
— voz e sanfona do Homero do país — dito Luís Gonzaga.)

Erasmus de Sechts, comerciante flamengo

sócio de engenhos de Martim Afonso, avalia o negócio

e escreve ao seu amigo Erasmo de Rotterdam
e o filósofo compõe o livro das

[*Chrysostomi Lucubrationes*

e o dedica a D. João III, a quem cobre de glórias
pela expansão da cristandade nos remotos

[mundos novos —

na relva das louvações desliza uma serpente:
condena monopólios reais — o do açúcar.

A alusão não agradava ao Rei, mas convinha aos Sechts
e era a primeira pedra da doutrina da

[liberdade mercantil:

com os lucros do Brasil
os Sechts compraram um ducado na Bélgica;

outros Erasmos, cinco séculos depois,
no rastro dos Sechts
compram ducados por aí
com os lucros do Brasil.

V

Posto em brios por Pero do Campo Tourinho,
Francisco Pereira Coutinho, donatário da Bahia,
enfrentou clérigos corruptos
corsários de França e índios em fúria,
ousou meter seu navio entre recifes de Itaparica
e foi ali trucidado e jantado pelo gentio.

E o Rei entendeu: nem o governo nem as armas
podem criar um país.

O país é creado por uma cabeça
caput, capitis —

Capital

e mandou Tomé de Sousa
para inventar a capital do país dos brasis.

E por ali onde Cabral chegara à invenção da terra
parecia bom tentar a invenção de sua cabeça
caput, capitis —

Capital

e Tomé de Sousa fez os ritos da fundação
da primeira cidade
segundo o Regimento do Rei:

*fundar uma fortaleza e povoação grande
na Bahia de Todos os Santos,
donde se possa dar favor e ajuda às mais povoações,
direito das partes e negócios da real fazenda.*

E essa povoação grande
pelo tempo adiante venha a ser a cabeça
de todas as mais capitânias.

(Depois a cabeça achou o seu lugar, assentou-se ao pé do Morro Cara de Cão na Baía da Guanabara e o Rio de Janeiro fundou e integrou o país — e a insensatez e a ignorância dos tempos tentou desfundá-lo e desintegrá-lo e engendrar uma capital de ópera-opereta. Sobre a cabeça dos insensatos e ignorantes e impostores sem avós há de cair a maldição dos fundadores e das gerações. Malditos sejam com todos os seus cúmplices os que que cortaram a cabeça da pátria velha e jovem! — Esta imprecação — em nome dos Capitães Estácio e Mem de Sá, eu Poeta pude aprender com o Florentino e com o Pan de Idaho — Ezra chamado.)

— Volta o canto do mestre-de-capela —

E eram mil os que partiram do Restelo
e dois mil no cais clamavam o adeus dos que ficavam
ao pranto dos que partiam — todos
em trabalho de lágrimas —

e o vento

balouçava caravelas e naus e marinheiros
e procissões de padres pelo Tejo:

homens de armas, colonos, degredados muitos
desceram na Bahia e Tomé de Sousa
ao lado do Caramuru marchou com os homens
em forma de combate e procissão
à frente os padres e a grande cruz de pau de

[ibirapitanga

e os cânticos
e os índios maravilhados, todos de novo
em trabalho de lágrimas
até o arraial de Diogálvares.

E o sacrifício e os ritos de fundação da cidade
cumpriram o sacramento dos tempos míticos, Vicente:*

imolaram-se as árvores e os bichos da terra

alimparam e sagraram o espaço
benzido pelos padres
cantaram hinos e beberam pipas de vinho
e aclamaram a cerimônia de erguer as cumeeiras:

e ainda hoje nos campos do Brasil
caboclos e negros e brancos
senhores de engenho, vaqueiros, camponeses
saúdam e celebram as cumeeiras erguidas
na religião primitiva — a sagração do espaço de morar —
e eu mesmo, ego Poeta,
vi meu avô levantar os copos, estrondar os fogos
e ordenar os vivas e as cantorias no alto da serra
à glória do telheiro sustentado
pela viga-mestra de pau-d'algo-do-campo;

e vi o cabra Antônio Pixuna
dansar no terreiro varrido com sua mulher Damiana

entre cachaças e rojões para o festejo
de sua cumeeira de carnaúba linheira
no cabeço da casa — sua —
de taipa e palha — e sua — no alto da serra.

(Hoje os filhos e os netos de Antônio Pixuna não têm mais cumeeiras nem terras alimpadas e o governo-geral desaprendeu a lição do primeiro Governador-Geral Tomé de Sousa, ao assentar o povo naquele alto sobranceiro à praia, vizinho à antiga Vila do Coutinho, ao norte da Vila Velha, com igreja, praça, cercas — suas.)

— Volta o mestre-de-capela —

Escolheu Tomé de Sousa com sua gente
o assento da povoação:
sacrificou a mata, aplainou terreno do cimo da colina
separou o recinto do forte e antes de tudo
para abrigo e morada dos trabalhadores
levantou a cerca de pau a pique na esplanada.

E todos começaram a fazer a cidade com suas mãos
na Bahia das baías do mundo:
uns oitenta quilômetros entre a ponta antiga do padrão
no pontal da barra e a Ponta do Garcia e a Itaparica
e as outras ilhas afortunadas da Bahia — e um litoral
de cento e vinte quilômetros;
e empunhavam ferramentas e moviam barros
o próprio Governador e os padres e as mulheres e
[as crianças
e os índios traziam dos arredores
palha, cipós e pedras,
madeiras de pau-cravo (e ainda hoje a Bahia
[cheira a cravo)
e as primeiras casas surgiram no quadrilátero
e a cerca de madeira da fortaleza deu lugar
à muralha de taipa
com dois baluartes sobre o mar e quatro sobre a terra.

E todos os dias promoviam festas em meio do trabalho
e assim é ainda hoje no país da Bahia.
E o sol lavava de luz e quarava os prédios vivos:
casa do Governador, casa da Câmara, cadeia,
[Igreja Matriz

Colégio dos Padres, Sé para o Bispado,
Casa dos Contos, Armazéns e Alfândega
e no dia primeiro de novembro de 1549 era criada
a primeira cidade do Brasil, capital do país
por mais de duzentos anos:

a multidão acompanhou Tomé de Sousa já de manhã
à Igreja da Ajuda, ao Paço do Senado e ali
declarou-se fundada a capital

e seu nome é Salvador ainda hoje
capital do país da Bahia:

e dali brotaram as igrejas barrocas, palácios e
[sobrados
flor de madeiras, flor de pedra e flor de barro
flor das cidades antigas — Olinda e tu,
Salvador da Bahia de Todos os Santos e de
[todos os pecados,
ladeiras da terra, ladeiras do mar
umbigos do Brasil:

e nessas Alexandrias barrocas adoeceram por
[primeira vez,
na garganta rouca de um Gregório bêbado,
ao ouvido da musa de seus becos
o soneto e a sonata que aprendemos.

VI

Naquele tempo — canta o cantor —*
quando o vento da fé soprava a Europa
a matilha sagrada dos padres missionários
anunciava o reino dos céus e o reino da terra
e regia e batia os caminhos para a entrada
dos reis e capitães e povoadores.

Tomé de Sousa conhecia o rastro de Xavier e dos freires
desde as campanhas da Índia e as surtidas da África
e trouxe os primeiros loyolas da Companhia:
quatro clérigos e dois irmãos,
sob as ordens do Padre Manuel da Nóbrega.

Duarte da Costa trouxe o Padre Luís da Grã
reitor de Coimbra mais dois padres e quatro irmãos
[roupetas
um deles foi José de Anchieta
destinado a poeta, profeta, político e santo.

E veio o primeiro bispo, Dom Pero Fernandes Sardinha
com mais quatro loyolas

com muitas donzelas da Rainha Catarina
e do mosteiro das órfãs:
mandassem mulheres, solteiras ou viúvas
— pedira o Padre Nóbrega —
ou mesmo de vida errada — era preciso casar os colonos
e até os teólogos já sustentavam
diante da caça dos machos à volúpia do coito —
ultra aequinoctialem non peccatur:
nas bandas do equinócio,
ao sol do equador — nada é pecado.

A sombra das sodomas e gomorrhas
as folias das babilônias mamelucas a impiedade
os festins de Baltazar e as usuras dos mercadores
e as rapinas dos Verres de aventura começaram
a envenenar a vida do clero nobreza e povo

e o bispo com suas riquezas e o Provedor-Mor e
[dois cônegos,
duas mulheres honradas, muitos homens nobres
e outra muita gente, mais de cem pessoas,
se partiram de volta ao reino

e não chegaram: o navio
despedaçou-se na Barra do Coruripe
bandas de São Miguel dos Campos:
salvos do naufrágio, um a um abatidos, dia a dia,

nenhum deles escapou
do tacape dos caetés:
devoraram grelhadas nas brasas
as carnes gordas e as carnes magras
as duas senhoras honradas, a sogra de Rodrigo de Freitas
os senhores cônegos e o aldaiam — deão — da Sé
e todos os cento e tantos náufragos
Sua Excelência o Senhor Bispo
e o Provedor-Mor Antônio Cardoso de Barros
irmão do escritor João de Barros e malogrado
Capitão-Geral da Capitania do Ceará.

E ali onde mataram e comeram as mãos ungidas
dos santos de Deus — conta a história de Frei Vicente —
nunca mais a terra se cobriu de erva,
estando todo o mais campo coberto dela e de mato:

o sangue clamou a Deus da terra contra a impiedade.

O tacape partidor de cabeças, a flecha, a embira
e o espeto do moquém

tocaiavam por toda parte
não detiveram os passos do povoador.

VIII

E chegou Mem de Sá
o gentio levantou-se e seu filho foi varado pelas flechas
e ainda chorava o filho morto quando
começou a guerra dos franceses.

De lágrimas e sangue se nutriam
as raízes da terra:
eram os índios comedores de gente
eram franceses em corsos e fortins no Rio de
Janeiro onde
Nicolau de Villegagnon aliciava o gentio
e fundava sua França Antártica
em nossas águas, terra nossa.

“Da parte de Deus, de vosso rei e do meu
admoesto e requeiro largueis a terra alheia a cuja é
e vos vades em paz sem querer experimentar
os danos da guerra” — adverte Mem de Sá.

Saíram os calvinistas a ferro e fogo
na batalha de 20 de janeiro: e onde foram os franceses

o jovem Capitão Estácio de Sá
fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro;

onde era o fortim dos calvinistas
levantou Mem de Sá a Ermida de Nossa Senhora
e o morro passou a ser o Morro da Glória
e hoje brota a igreja oitavada
sobre a rosa de pedra do patamar do outeiro
talhamar do galeão da Senhora da Glória
esperando para sempre o vento e a vela
da monção que não parte e não volta
capitânia celeste da capitã da terra
sua capitania hereditária.

A flecha envenenada entrou na bochecha de
[Estácio de Sá
e os soldados, vencedores dos calvinistas,
não venceram as lágrimas e carregaram em silêncio
o corpo do guerreiro morto
com a rosa vermelha e bela da ferida de seu rosto.

E o jovem Capitão foi enterrado na capela de pau a pique

entre os misereres dos padres e os soluços
afogados no peito de seus arcabuzeiros e lanceiros:
sobre a semente do morto germinou a cidade.

Doutor e homem de guerra, juiz e capitão
irmão do poeta Sá de Miranda
Mem de Sá foi o senhor da guerra e o senhor da paz
passou a fio de espada os rebeldes
aboluiu a escravidão dos índios
fechou antros de tavolagem medrados como praga
aboluiu a servidão das índias em serviços de alcova e
[alcouce
deteve a abominação dos antropófagos
a vida viciosa dos clérigos
e a exploração do povo:

plantada a cidade no outeiro,
os mercadores abriram pipas de vinho para celebrá-la,
propuseram preços exorbitantes para a venda em
[quartilhos:
o Governador exarou o "cumpra-se",
tirou da cabeça o grande capacete e decidiu:
"esta é a medida do quartilho".

VIII

Governou com seus magistrados, sertanistas,
capitães, homens da coisa pública,
e os padres pregadores da doutrina e da paz,
mestres das aldeias, do convívio,
casadores de europeus e nativas
inventores das primeiras famílias de colonos

conservaram a língua dos índios — nela
compuseram as primeiras gramáticas
antologias da mitologia oral
racontos, leis das tribos da selva,
escreveram os primeiros poemas,
os autos de teatro,
os catecismos, os evangelhos, as ladainhas
e recortaram os hinos
sagrados e profanos
e ensinavam o tupi aos portugueses
e ensinavam o português aos tupis
e o latim à memória de todos
e fundavam novas cidades e o Padre
José de Anchieta escrevia em dáctilos virgilianos
a epopéia “De Gestis Mendi de Sá”.

Pedia ao Rei: “se Vossa Alteza não for fácil em perdoar,
não terá gente no Brasil; e porque o ganhei
de novo, desejo que se ele conserve”.

De seu bolso e fazenda sustentava a capitania grande
“nela gasto muito mais do que tenho de ordenado”
era mais rico ao chegar ao governo
que ao morrer o velho Mem de Sá;

(hoje muitos homens públicos invertem a
regra)

tinha dois engenhos em Ilhéus e no Recôncavo
duas léguas e meia de terra, a sesmaria de Sergipe
[da Bahia com seu engenho,
estimava a legítima da filha em dez mil cruzados
e dizia no testamento:
“tenho mandado muito açúcar ao reino...”
“e assim do pau do Brasil que lhe mandei...”
“sendo mil e tantas arrobas de açúcar para Flandres...”
“na Bahia possuía perto de 500 cabeças de gado
e um curral junto do Joannes com 150...”

Em muitas cartas pediu à Rainha para ser exonerado
e morreu com a imagem da cidade nos olhos
a cidade sonhada no dia da fundação — e a profecia:
“há de ser o empório do mundo”.

“De todos igualmente desejado” — canta Antônio Ferreira
veio o sucessor do grande Mem — Luís de Vasconcelos;
Tomé de Sousa era filho do Prior de Rates,
Dom Luís era filho do Arcebispo de Lisboa*
nascido entre padres, trouxe em seis navios
o Padre Inácio de Azevedo mais trinta e nove jesuítas;
os corsários franceses tomaram
no meio do Atlântico a nau dos padres
e os lançaram no mar e são chamados
com Santo Inácio de Azevedo
os quarenta mártires do Brasil;
o navio de Dom Luís foi dar a São Domingos, Antilhas,
e outro corsário francês o matou:
o Governador-Geral morreu com a espada na mão.

sobre os mortos da terra sobre os mortos do mar
riscado o mapa a sangue —
fulgurava ao sol do equador

a face atlântica do país do Brasil:
suas gentes, seus capitães, seus rômulos,
seus padres, seus licurgos, seus heróis e seus

[mártires — muitos —

seus governos, suas tribos da selva,
das áfricas, das áσίας, das europas
entre lágrimas e brados de marujos
entre o estrondo das bombardas dos guerreiros
a ladainha latina dos padres
a impreciação dos degredados, a blasfêmia dos infieis
o maracá e a inúbia dos tupis, os borés do antropófago
e os grandes olhos espantados das princesas da Angola
o lundu dos cativos nos terreiros
e o chiado do ferro em brasa e o rumor da chibata
nos rins dos anjos de ébano do Benim:

todos os pontos contrapontos
da alegria e da cólera
saltam e tombam cantam e gemem

no coração do homem
da mão de Deus, do frêmito da terra, da incerteza do mar
do sol, da selva, das cachoeiras e dos rios

IX

e do azul e da estrela do céu
brotado.

Os Tibiriçás e Caubis e Arcoverdes e Mel Redondo
guardam os colégios dos padres — e as Bartiras e

[Iracemas

e as filhas em flor do Cacique Arcoverde
nos leitos de relva nas alcovas nas redes
arredondam na barriga morena o arco da aliança
e na arca da aliança das camarinhas de palha
o amor sobe do mar, desce da lua
e os marinheiros do Algarve
com seu sagrado orvalho orvalham a aurora: desabrocha
a flor da raça.

E o Padre Nóbrega e Anchieta fundam colégios e cidades
aulas em Olinda, São Vicente, Ilhéus, Salvador
e Rio de Janeiro e São Paulo onde o colégio, Ignácio,*
é semente e lugar dos bacharéis de hoje.

E escrevem sem cessar à corte sobre as precisões do país
e convertem o gentio e dilatam a fé e o império
e Anchieta faz versos em *nbehengatu* — a língua boa —
ordena sua gramática e seu léxico
e vai com Nóbrega às aldeias tamoiás rebeladas
e não tendo mais papel nem tinta
nas areias da praia de Iperoig
repete o poeta mnemônico da *Ilíada* nas areias da

[praia jônia:

escreve com seu cajado — era corcunda — e guarda de

[memória

o poema à Mãe de Deus:

os milhares de hexâmetros latinos
cantam a glória da Virgem Maria
e os fundadores de São Vicente e de São Paulo
— destinada a ser a cidade maior do mundo atlântico —

finam-se em privações, sem uma cama, sem uma pedra
para descansar a cabeça — como o Filho do Homem
e os pobres de nossos dias, nas ruas inclementes,
e são enterrados em lençóis de caridade.

Tibiriçá arranjou para os padres a primeira cabana
[de palha:

eles vinham pregar a fé e civilizar a terra
(civilizar — lembra Efraín — é fazer *civitates* e *cives*
cidades e cidadãos) — e o Padre Brás
fazia os petipés, regras-de-escala, traçava paredes,
lavrava madeira com sua enxó e o serrote na mão calejada
nunca aprendera as artes de pedreiro ou marceneiro:
com a memória das casas de Portugal e das ocas

[dos índios
se fez mestre-de-obras e levantou a igreja e ao pé da igreja
a casa dos estudantes — depois colégio grande
e a construção era muito boa — diz o Padre Grã —
e no melhor lugar que se podia escolher — e dali partiam
as ruas “feitas à moda portuguesa
com as coisas necessárias a cada família”
em círculo o tapume defensivo de pau a pique,
dentro as oficinas: nascia a cidade de São Paulo,

padrão um dia do Brasil:
dentro a colmeia das artes dos ofícios das indústrias
fora — a fortaleza —
e o que os povoadores chamavam de caminho do
[Padre José

veio a chamar-se romanamente Via Anchieta
e é por ali São Paulo de Piratininga,
capital do país dos paulistas.

Foi o Padre Nóbrega. Foi o Padre José — e a crônica
conta a primeira casa: pouso estreito aberto aos
[ventos frios
às chuvas do planalto — por comida — a farinha dos índios
e rondando sempre à noite o perigo
dos índios comedores de gente.

“Vai-se fazendo uma formosa povoação” — escreve
[Nóbrega.

Depois, foi cantada a vida desse Padre José
por Luís Nicolau Fagundes Varela
poeta e santo e bêbado

e foi contada pelo poeta mais alto
cantor e querubim e anjo da guarda de todos nós
São Jorge de Lima, contador de histórias dos bangüês
do reino das Alagoas e do reino de Deus.

Padres da Companhia, depois franciscos, domínicos,
padres bentos, os da Senhora do Monte Carmo —
carmelitas — levantaram igrejas e escolas
e falavam de amor aos índios
e lutavam contra os hereges

e contra a dureza dos senhores
alcançaram do Papa Farnese, dito Paulo III,
a bula de declaração:
os índios e os negros são seres humanos como os brancos
creados pelo mesmo Deus e por Seu Filho redimidos
destinados à salvação,
todos devem amá-los e respeitá-los como a si mesmos
e não podem ser tratados com tortura e servidão.

Mas ai de nós! breve, os gemidos

dos homens, das mulheres e crianças
partirão dos porões dos negreiros
da Costa da Mina e das costas da Guiné
às costas do Brasil:

e este foi um dos pecados que bradaram aos céus
nas bandas do equinócio — onde também se peca.

E entre pecados e virtudes heróicas
germinava a sabedoria das gentes:

o branco ia aprender, poeta, na escola do negro*
e o negro ia aprender na escola do índio
e o índio ia aprender na escola do branco
e a terra começava a produzir
seus varões valentes, justos, sábios

e suas mulheres de ancas torneadas a sopro de flauta,
o andar ensinado pelas ondas do mar,
a fala aprendida ao murmúrio das águas

e à doçura das brisas — e a cútis
entre o lírio e a canela, entre aurora e crepúsculo:
e esta seja, Coronel, a terra
dos homens valentes e das mulheres bonitas.

E norte e sul se povoava a terra,
os Albuquerque amassavam em suas mãos o barro
do país e das gentes de Pernambuco e do Nordeste.

Era uma vez Beatriz de Albuquerque
herdeira da capitania de Duarte Coelho, seu marido,
fundador de Olinda e Igarauçu — chegado a Pernambuco
das diplomacias da França, das batalhas da África,
do reino de Sião, da China e Cochinchina.

A viúva Beatriz — Dona Brites, a velha,
assumiu as sesmarias seus engenhos de cana suas guerras
seus índios suas costas coalhadas de piratas
e entregou o comando das armas ao irmão, Jerônimo,
Jerônimo de Albuquerque.

Chusmas de índios destruíram três engenhos

de Olinda e Igarauçu
moendas e tachos de dez mil arrobas de açúcar por ano;
Vasco de Lucena salvara Igarauçu do cerco dos
[antropófagos
aconselhou: melhor que a guerra punitiva
era um convite aos índios para uma noitada de vinhos:
vieram todos os principais das tribos e, já bêbados,
denunciaram os comedores de gente dos engenhos
[destruídos;
acusavam-se uns aos outros, engalfinharam-se em luta
uns com os outros:

Jerônimo prendeu os culpados, mandou matar um por um
a ferro frio,
formou exércitos de índios aliados e um dia
dez mil flecheiros inimigos encurralaram o capitão
nos Montes Guararapes: peleando em retirada
uma seta tabajara arrancou-lhe um olho.

Em guerra muita os Albuquerque regeram o mar
e as terras da costa
da Bahia ao Maranhão e o velho capitão caolho
comandou mais tribos que qualquer outro

povoou as aldeias com sua própria semente — e
[conta a lenda

— como Carlos Magno —
foi o pai de mais de duzentos filhos:
foi chamado o Adão pernambucano
e de seus bagos venho.

Fundou a primeira família brasileira
com números de tribo — os Albuquerque
e os Cavalcanti de Albuquerque
e nela o fervor do sangue português caldeou todos
[os sangues
de Portugal,
do velho e do novo mundo:

o fidalgo florentino Filippo di Cavalcanti
da família do poeta Guido, amigo do poeta Dante,
tomou mulher — Catarina — da raça de Jerônimo e
[Arcoverde —

e seus machos e suas fêmeas vêm do leito
de Arnault de Holanda, Barão de Renoburgo,
e Margarida Florência, a bela,
irmã do Papa Adriano VI

— e de seus bagos venho —

e assim todos os de seu nome e todos
os Mellos e Mourões, Feitosas, Limas, Lopes,
Sampaio, Barros, Ribeiros e Bezerras e Holandas
do país do Nordeste e outros, desde Pero Lopes de Sousa
da grande árvore de machos e fêmeas
da linha tronco até à flor.

Eu poeta cantor antigo
noutro cantar já os cantei ao cantar
as glórias de meu país.

E Dona Brites pediu aos padres da Companhia
a fundação de um colégio
com dotação de seus cabedais

e entregou ao filho Jorge de Albuquerque Coelho
as lidas da guerra
e ao filho Duarte os negócios de governo
e eram “mancebos dignos da geração dos soldados
[da Índia”

e o jovem capitão levou a guerra de Olinda ao
[São Francisco
e voltou a Lisboa e o barco foi avariado pelos franceses
e ficou no mar à deriva uns quatro meses
e quando pensavam chegado o último instante,
avistaram as Berlengas e a Serra de Sintra;
e tão marcado pelas desgraças do mar
ninguém o reconhecia.

Duarte Coelho de Albuquerque,
juntou aos trinta e cinco soldados e dois mil índios de
[Pero Lobo

uma tropa de vinte mil caboclos
ocupou o Cabo de Santo Agostinho
e de Pernambuco à Bahia, do Ceará ao Maranhão
o país conhecia seus donos

e os filhos de Dona Brites preparavam os filhos
para as entradas no país do sertão e da selva
onde Deus era grande e o mato era maior;
forjavam a raça dos sertanistas
e a raça dos guerreiros das guerras de Holanda:

testemunham as *Memórias Diárias*
de Duarte Coelho II
Capitão e cronista de guerras e aventuras.

Duzentos apelidos portugueses
nominam as famílias do país
repetem a família lusitana:

são guerreiros do Porto e Aljubarrota
nomes clamados no arraial dos mouros
nomes de Ceuta, Calicut e Arzila;

e seus nomes nos deram — os Queiroz,
os Magalhães, os Guimarães, Gouveias,
os Lopes, Cunhas, Teles, Benevides

e os Mello, os Vieiras, os Ribeiros,
Britos Freires, Botelhos e Carvalhos,
fidalgos de braço e camponeses

Gonçalves da Galícia — outros ibéricos:

os Buenos, os Ponces, os Paes Lemes,
os Camargos, Soares — Rios Verdes,
Goiazes de Curados e Fleurys.

Besantes de Bizâncio em seus escudos
de ouro e sangue e notícias do oceano
e guerras de Castela e de infieis

Barros, Teixeiras e Martins e Limas
Tibiriçás, Paraguaçus, Botelhos,
em casamentos, batistérios, crismas,

fazem a raça, o povo, seus soldados,
os bandeirantes de Piratininga,
e a Nova Lusitânia em Pernambuco;

mestres das artes, profissões, trabalhos
tinham todos o ofício que legaram
aos herdeiros da terra — fazer pátria.

CANTO SEXTO

*Lembraí-vos disto varonilmente...
lembraí-vos das coisas passadas.*

Isaías, XLVI — 8 — 9



II



odos os sonhos se sonharam no sonho
do Príncipe sonhado:
flutuavam as bandeiras sobre
as crinas dos cavalos
e os porta-estandartes abriam a entrada das terras
[desejadas;

“soldados e cavaleiros ao partirem partam sempre
com a minha bandeira à frente
erguida em seu pendão, firmada em cordas de linho”.

Este era o *Regimento das Ordenanças* do Infante;
também constante nos alvarás de Dom Sebastião:
e as entradas a labirintos de infieis
e as conquistas de terras se chamaram *bandeiras*
e os aventureiros do Rei nessas surtidas
geraram na outra banda do mundo
os Borbas Gatos, Dias Paes, Anhangüeras
e Raposos Tavares, Garcias d'Ávilas e Pedros Teixeiras
Luís de Piza Botelho Mourão,
Amador Bueno, o Aclamado,
e seus nomes são o catálogo das léguas do Brasil

bandeirantes das bandeiras da Bahia,
bandeiras de Pernambuco, bandeiras do Pará
do Rio de Janeiro
e maior que todas — a juba
das bandeiras de Piratininga.

Marqueses das marcas d'água salgada
Mem de Sá e os Albuquerque
fincaram os padrões das ribeiras do mar
e as atalaias de pólvora e chumbo e lanças de ferro
nas fortalezas da costa
cinturão e cartucheira e peito de taipa e pedra
do país — das latitudes longitudes
léguas aloeste.

Eu poeta vi os pergaminhos as iluminuras
vi nos mosteiros, torres de tombos, e museus do Papa
as bulas do Gênesis dos mares e das terras
Romanus Pontifex, Inter Coetera, Tordesilhas
e as outras
e o Rei de França teve a audácia de pedir uma cópia
do testamento de Adão:

eu, poeta, Senhor Rei, eu, escrivão de Jerusalém,

tabelião do cartório de Belém de Judá,
notário, protonotário dos caldeus,
cronista de Ítaca e escrivão de Tróia,
dos registros de notas de Babilônia, Egito, Assíria,
vi o inventário de Deus, o patrimônio de São Pedro,
as doações de Constantino, letra e signo de seu punho, e li
nas noites de Ipueiras e Crateús
à luz de velas, à luz de lamparinas de lata
feitas por Mestre Chico Bento, oficial flandreiro,
e à luz de estrelas nos Engenhos da Canabrava e
da Serra Grande — dos Mellos e Mourões —
todos os alvarás de *possidetis*
as firmas reconhecidas com o sangue dos guerreiros,
nas folhas (fls.) dos livros amarelos de suor e lágrimas
lacs de barro das botas bandeirantes
vinhetas de pólvora nos papiros do Nilo,
calandras a mão, documentos de Holanda
e Florença e Veneza e cartórios bizantinos — suas marcas
e contramarcas d'água, no papel à contraluz
filigranas de lírios e tiaras e monogramas de pontífices:

“Alguém terá visto o testamento de Adão?”

Papirólogo dos concílios e dos papas,
dos ofícios de Diônisos, Manuel e Afonso, o Sábio
criptógrafo dos reis de Castela e Portugal e Algarve,
eu vi, Sire, e decifrei,
com todos os seus timbres e sinetes,
os galhos das assinaturas em fronde
e os meridianos da partilha legítima — Castela e Portugal,
suas linhas e padrões,
mercê da mão de sal dos marinheiros, do pé de pedra
dos padrões, dos remos dos rios e do copo da espada
e do arcabuz de pederneira — e a pontaria
dos bandeirantes.

Oficial dos negócios de chancelaria e doutor de Sião
nos ofícios de Sagres e Sevilha
onde eram sancionados os papéis,
rastreador de caravelas no oceano — rastreador
de entradas e bandeiras pelos pântanos vales
rios serras e sertões — medi as terras;
agrimensor do mar risquei a superfície das águas

e escrevão pela graça de Deus
no deuterônômio deste canto lavro e depósito
e traslado a escritura de posse e possessão e aqui,

em nome do Padre e do Filho, vai começar o reino
do Espírito Santo.

Testemunhas assinam:
os vivos que virão e os mortos que tombaram
a ferro frio, a frecha, a chumbo, a febre, a fome,
por estas águas estas terras nossas
e jazem desde séculos,
estatelados no chão, as pupilas queimadas
ao fogo das estrelas — nossas cinco estrelas.

Estas são as testemunhas — as da terra — as minhas.

Ao som de cítaras, trombetas, sinos de bronze
e salvas de morteiros
copio a certidão das atas e dações

vi o inventário de Adão e Eva
o instrumento de procuração no Livro dos Números
Pedro, homem do mar, testamenteiro e primeiro
[Pontífice
subestabelece aos sucessores — de Alexandre a Pacelli
e de Pacelli a Wojtyla e aos que vierem.

De público e raso de meu punho e letra
e firma depositada no cartório do Coronel Né
[Guilhermino
e no batistério do Padre José de Lima, Matriz da Conceição
Ipueiras, Ceará, onde sou nascido
de sangue português, de pais cristãos,
assino e dou fé.

III

No princípio era o oceano dos desejos — depois, a terra
desejada a desejar os desejosos.

Os quatro bandeirantes de Martim Afonso — os primeiros —
caminharam cem léguas e voltaram. No mesmo ano
os bandeirantes de Pero Leite, com seus paulistas e
[o língua,

um Francisco de Chaves, bacharel,
natural de Chaves, bandas de Vila Real,
e não voltaram: — eram oitenta,
os índios os comeram todos com mandioca assada
e danças e alaridos
nos campos de Curitiba.

Anos depois — 1553 — o Padre Azpilcueta Navarro
— falava as línguas de todas as tribos —
meteu na cabeça do castelhano Francisco Bruza de
[Espinoza
curtido no Peru e conhecedor da língua geral
e saíram os dois de Porto Seguro com seus baianos
financiados pelo feitor-mor da Capitania,
andaram rios e brenhas

em mulas, alpercatas de sola, botas de cano,

montarias de pau-de-balsa, por trezentas e
[cinquenta léguas,
contadas pelo bandeirante de batina;
escaparam dos índios ferozes
correram o Jequitinhonha, o Rio das Velhas
cabeceiras do Rio Pardo e o São Mateus
deram no São Francisco — entre a Bahia, Dantas poeta,
e o teu país das Gerais adormecido ainda
nas coxias de ouro das catas virgens.

Pois era longe o ouro, longe o Brasil naquele tempo
e ainda hoje, tenente, às vezes o Brasil é longe e todos*
são bandeirantes:

Pero Lopes, João Batista das bandeiras, desceu os
[rios do Sul
ouviu as histórias de prodígios do bacharel de Chaves
e Pero Coelho, em busca de ouro, trazia cocos secos
do Cabo Verde e plantou os primeiros coqueiros da terra

na Serra dos Cocos e por ali
fundou nas Ipueiras
a primeira aldeia da Ibiapaba, sítios de Ararendá,
terras todas depois de engenhos de Mellos e Mourões
onde Atanagildo criava cabras para o leite e o queijo e onde
moeram cana para cachaça e rapadura Manuel de Barros,
Raimundo, Mousinho, Tim Mourão, o Coronel
Laureano em suas Macambiras e Zuza e o
Major Borete Mourão
e o Coronel Alexandre da Silva Mourão Quinto —
o quinto de seu nome em sua raça — e Pero por ali
conheceu as amarguras de Martim Soares Moreno,
bandeirante e Orfeu no Ceará Grande entre as doçuras
do rosto dessa Iracema da lenda
a virgem dos lábios de mel — seu talhe de palmeira
[na campina.

Caçavam ouro, esmeraldas, diamantes
os capitães das vilas caçavam índios
os capitães-do-mato caçavam negros e quilombos
os missionários caçavam almas
os índios caçavam mulheres brancas
para a luxúria de suas redes

e homens brancos para a orgia
de seus assados de carne de gente,
e todos

caçavam o Brasil.

Caçar — era a coisa dos bandeirantes
e a *cosa nostra* — a coisa de seus herdeiros;
e assim vivemos — na caça de todos os dias
e o Brasil é cada vez maior e cada vez mais longe — e nunca
terminamos de achar o Brasil
e muitos morrem na caça desta glória,
e somos todos marqueses das minas de prata
capitães-gerais das lavras de ouro
das grutas de diamantes — e é cada um de nós
governador da esmeralda que habitamos, pois
naveguei a esmeralda, Fernão,
contra vento, contra monção,
contra maré, contra razão, e assim
eu poeta moro na esmeralda.

E um dia será o dia do achamento
Veni, Sancte Spiritus, et renovabis faciem terrae
e seremos a coroa de teu império
e a face da terra será renovada
pelas bandeiras de teus bandeirantes.

III

Obra do mar ao longo da ribeira atlântica
— o mar fez o Brasil —
obra dos homens é o coração da terra
os rios os sertões a cordilheira
os pântanos e o pampa;
e os homens são obra do delírio
do Príncipe esperado — maravilha, Luís,
maravilha fatal daquela idade.

De Sebastião somos nascidos e Sebastião
nasceu de nós, dessa saudade
de um mundo novo de um império novo
saudade
do heroísmo e da glória e da ventura
de Manuel, o Venturoso,
descobridor da aurora e dos povos da aurora, Vicente,*
da alegria feroz nos corpos de ouro
dos homens nus e das mulheres nuas
guerreiros de cocares altos e fêmeas e goiabas vermelhas
talhadas para os olhos dos segréis do mar — segréis
das caravelas sem medo
e das raparigas sem pecado.

IV

Aqui aprendeu a Europa — e Portugal ensinou a Europa
a violência genesíaca do amor, a volúpia
de gerar um povo —
e a colônia primogênita do mundo nascia
como nasce toda creatura: em seu banho de sangue.

Vinham de longe, vinham dos séculos
os sabedores dos tálamos
de Ásias, Áfricas e Açores e Madeiras
achadores de ilhas afortunadas, das Guinés, das Minas
dos Baçains e Calicuts das Índias:
nem batavos nem francos nem britânicos nem
[hispânicos possuíam
esse saber de experiências feito
o gesto de amansar a história o seio o ventre
e conceber império e raça
herdado de troianos e de gregos, etruscos e romanos.

Não são aqui, poeta,
*a batallas de amor campos de plumas**
nossos campos nas batalhas de amor de nossas raças

foram campos de lanças e de flechas
a natureza, sua selva selvagem, Diônisos, desafia
a polidez, Apolo, dessas liras de prata
essas violas de ouro nas arcadas dos templos
sôbolos rios do Tejo e do Mondego.

Se o amor servir de guia, terás êxito —
disse a Teseu o oráculo de Delfos*
e venceram os querubins de roupeta negra
os nóbreas e anchietas — os piagas do amor, poeta —
e foram-se trocando os ritos canibais
pelos ritos das redes concubinas
e o ritmo das flechas disparadas
pelo ritmo do meneio dos machos e das fêmeas
entre a cintura e as ancas.

Conta o cronista: — “...do primeiro encontro não perdoam
a grande nem a pequeno, para o que vão apercebidos de
uns páus à feição de arrochos, com uma quina por uma
ponta, com o que da primeira pancada que dão na cabeça
do contrário lh’a fazem em pedaços. E ha alguns destes
bárbaros tão carniceiros que cortam aos vencidos, depois de
mortos, suas naturas, assim aos machos como às fêmeas, as
quais levam para dar a suas mulheres, que as guardam

depois de mirradas no fogo para nas suas festas as darem a
comer aos maridos por relíquias... Os contrários que os
tupinambás captivam na guerra, ou de qualquer outra
maneira, trazem cordas de algodão grosso, que para
isso têm mui loução, a que chamam muçuranas, as quais
são tecidas como os cabos dos cabrestos de África; e com
elas os atam pela cinta e pelo pescoço, onde lhes dão
muito bem de comer, e cada um por mulher a mais
formosa moça e lhes fazem bom tratamento até que
engordam e estão estes captivos para se poderem comer...
E se a moça emprenha do que está preso, como acontece
muitas vezes, como pare, cria a criança até idade em que
se pode comer, que oferece para isso ao parente mais
chegado, que lhe agradece muito, o qual lhe quebra a
cabeça em terreiro...; e como a criança é morta,
a comem assada com grande festa, e a mãe é a primeira
que come desta carne, o que tem por grande honra...*”

— Volta o mestre-de-capela —

As aldeias cresciam e as moendas gemiam
nos engenhos de cana e eram nas várzeas
cachos de alfenim e almanjarras gemedoras
o fervor dos tachos de mel a alegria das bolandeiras
o cheiro do mel-de-furo e o cheiro
da bagaceira queimada. Uma noite

os moradores ouvem o alarido dos índios,
a fumaça ondula ao som dos maracás e a terra
[estremece
ao trom dos tambores na alegria da guerra

acorrem os padres
as velhas aprestam-se à roda da fogueira e à roda
da dança dos cateretês e maracatus,
para trincar e assar o corpo do prisioneiro aimoré:
os padres arrebatam o cadáver gordo
para dar-lhe sepultura em nome dos direitos de Deus
e dos homens;

foi a primeira declaração de guerra:
comer carne humana era a lei suprema do gentio
o Cacique Cunhambebe mergulhava em tristeza e fúria
no dia em que lhe faltava a coxa de um homem
ou uma perna de mulher para comer.

"...amigos de comer carne humana...
se lhes não acha nunca escravo dos contrários que
[captivam;

porque a todos matam e comem...
e quando as fêmeas emprenham dos contrários, em
[parindo
lhe comem logo a criança, a que também chamam
cunhã-embira;
e a mesma mãe ajuda logo a comer o filho que pariu."*

Eram bravos e rudes e implacáveis:
"são senhores dos matos selvagens, muito encorpados,
pela continuação e costume de andarem pelos matos bravos
têm os couros muito rijos, e açoitam os meninos em
[pequenos
com uns cardos para se acostumarem a andar pelos
[matos bravos
...vivem da rapina e pela ponta da frecha... e aos
[brancos não dão senão de salto,
usam de uns arcos muito grandes,
trazem uns páus feitiços muito grossos
para que chegando logo quebrem as cabeças;
quando vêm à peleja estão escondidos debaixo de folhas...
e não ha poder no mundo que os possa vencer...
são muito covardes em campo... são cruéis como leões;
quando tomam algum contrário
cortão-lhes a carne com uma canna de que fazem as frechas.

*e os esfolam, não lhes deixam mais que ossos e as tripas;
se tomam alguma criança e os perseguem,
para que lh'a não tomem viva, lhe dão com a cabeça em*
[um pau,
desentranham as mulheres prenhes
para lhes comerem os filhos assados" — conta Fernão Cardim.

*"...mui deshumanos e cruéis, não se movem a nenhuma
piedade, vivem como brutos animais, sem ordem nem
conceito de homens, mui desonestos e dados à
sensualidade, e entregam-se aos vícios como se neles não
houvesse razão de humanos... Todos comem carne
humana, e têm-na pela melhor iguaria de quantas pode
haver"* — (da crônica de Gandavo).

— Volta o mestre de capela —

Vinham do *ludus* e do *mythos* e na inocência deles
eram lúdicos e míticos em suas selvas e em seus rios
e a vida mágica está para lá das leis:
entre faunos e dríades, demiurgos, silenos,
foi inventada pelos deuses dos bosques — e a lei
é uma invenção dos homens

o escrivão da armada entendia:
eles são inclinados a dar glória a Deus,
e o Padre Nóbrega os achava feitos
para a beleza dos anjos
e eles cantavam hinos à Virgem Maria com Anchieta

e Pero Lopes chegava à ribeira do Rio de Janeiro
e escrevia no *Diário*:
"a gente deste rio he como a da Bahia de Todos os Santos;
senam quanto he mais gentil gente",

e os gentis-homens das tabas
e os gentis-homens do mar
faziam a guerra e a paz e faziam filhos
no ventre branco das moças do mar
no ventre de ouro das moças das tribos,

e o cacique raízes se batizava e tomava o nome
de Martim Afonso — e a genealogia da nobreza paulista
e a genealogia anônima do povo
se fundam em São Vicente com raízes

em condados de Portugal e tabas de tupis — raízes
no cais do porto de Lisboa, nos lavradores do Minho:

e ali
brota o plantel dos bandeirantes de Piratininga — a raça
do país de São Paulo.

V

Não matem os índios nem escravizem os filhos da floresta
diziam os regimentos do Rei; eles nos matam,
mas são nossos irmãos — bradavam Nóbrega e Anchieta,
e começava a aventura de amansar o gentio
e eles entraram a povoar as aldeias
e sentar praça nas bandeiras e seus meninos
aprendiam a ler e a cantar nas escolas dos padres
e os jesuítas os ensinaram em sua própria língua
e escreveram gramáticas de tupi em alfabeto latino
e poemas e peças de teatro e recolheram a
[mitologia deles
e escreveram suas histórias e suas fábulas
e salvaram o que resta de sua fala sonora
e da memória de suas lendas.

Nas matas e nos brejos, quantos morreram?
Onde estão os milhões de índios desta terra? —
perguntava o Padre Antônio Vieira;
e onde estão os donatários, as capitânias, os cabedais,
os padres, os que traziam a Europa e a fé
e quando escapavam com vida tinham
toda a fazenda gastada e a saúde arruinada?

Onde está Pero de Góis, da Paraíba do Sul
onde acabaram tantos, índios e brancos,
santos, criminosos, mártires, guerreiros da Ásia,
degredados, réus do reino, delinqüentes,
canibais de beijo furado?
Onde está o olho arrancado de Jerônimo de Albuquerque?
Onde estão os marinheiros de garbo, os que
[saltavam das naus
com elmo e peitoral e pelote de combate?

Do barro deles, da esperança de seus olhos
norte e sul e leste e oeste
partiram as bandeiras.

VI

Plantado o engenho, por guardá-lo
do aimoré, do goitacaz, do tupinambá
o lavrador se faz guerreiro:
o índio bárbaro destruía de noite
o que o fundador construía durante o dia, e então
na Idade Média do Brasil — por carta de barão —
dava o Rei aos cavaleiros o título
de Senhor de Engenho,
e o Senhor de Engenho sustentava
quatro terços de espingardas, vinte espadas, dez lanças e
vinte gibões de armas,
cada morador devia possuir uma arma: lança espada
[ou arcabuz
e cada homem de lavoura era um soldado
e cada um descia da nau para construir sua fortaleza
com o tronco das árvores abatidas:
o tupinambá espreitava a praça
e aguçava as flechas e a cidade crescia
e Salvador era a nova Goa no Atlântico e seu bispo
de báculo e mitra abençoava
na igreja de três naves os índios ajoelhados — e os colonos
honravam as casas
com alfaias de ouro e baixelas de ouro e prata:
na corte de Inglaterra os reis comiam com as mãos —

meus avós almoçavam com talheres de ouro e prata
[lavrada

na casa-grande do engenho entre
figueiras, laranjeiras, videiras, romãzeiras, limoeiros,
gingibre de São Tomé para o tempero e a gengibirra,
e arroz de Cabo Verde e coqueiros da Índia e tocadores
de viola serena e flauta doce.

Distribuíram quinhões de terras
e sítios para situar colonos e índios:
Tomé de Sousa era governador-geral
e não quis receber terra nenhuma para si;

e era ordem do Rei:

*com os jentíos que houver assentareis paz e
terras e trabalhareis por que se conserve e se
sostente e nas terras que abitão possuem
seguramente estar.*

A terra dava para todos e eram — crônica de Gabriel —
muitos moradores ricos de fazendas de raiz, peças

de prata e ouro, jaezes de cavalos e alfaías de casa,
muitos homens têm dois e três mil cruzados
em jóias de ouro e prata lavrada,

os senhores de engenho — conta Fernão Cardim —
andam como condes,
tratam suas pessoas com muita honra,
muitos cavalos, criados e escravos,
e com vestidos demasiados, as mulheres não vestem
[senão seda:

Tomé de Sousa estendeu à colônia a ordenação das sedas
a ostentação estava proibida na corte: meu antepassado,
Antônio Mourão, mestre-de-armas, amava
as espadas longas e as roupas de seda
e por usá-las sem licença foi preso por três vezes e
[precisou

de indulto do Rei — e assim a lei austera
modulava a figura do país de aquém e de além-mar
e o povo de degredados e aventureiros
era também empresa de soldados e estadistas
e virtudes varonis.

Jerônimo de Albuquerque Mello,
os Cavalcanti e a estirpe deles
agraciavam a Nova Lusitânia do país do Nordeste
e numa academia de Olinda seus filhos e agregados
aprendiam — conta Gabriel —

toda a polícia [polidez da polis], bons modos de
falar, honrados termos de cortesia, saber bem negociar.

E na casa-grande dos engenhos de minha gente
agasalhavam-se os hóspedes em leitos de damasco
[carmesim,
franjado de ouro entre colchas da Índia
e o marfim e o ébano e o ouro e a prata, lavrada e por lavar,
chegavam em pinhas e em postas nos caravelões de negócios
e crescia o luxo nas despensas e nas prateleiras de cedro:
canela do Ceilão, cravo de Moluco, noz-moscada da Banda,
almíscar, benjoim, porcelana da China, roupas e anil
de Cambaya e Bengala e pedrarias de Balaguete e Bisnaga.

E viajantes de Castela — conta Gabriel —

bem vividos na corte de Madrid se espantam:
nela não se traja melhor do que no Brasil
os senhores de engenho, suas mulheres e filhas;
e na horta do Colégio da Companhia erguiam-se parreirais
assentes em pilares, e romãzeiras e laranjais
e os maracujás da terra.

Mesmo com imposto de 1.400 réis por pipa
chegava-se a beber 10.000 cruzados de vinho num ano
em banquetes dos festins de engenho.

Nem o luxo amolecia o punho ou toldava a honra
dos filhos da raça de Duarte, o velho, e Dona Brites:
Jorge de Albuquerque e Duarte, o moço,
os primeiros fidalgos cavaleiros nascidos no Brasil
a bordo de uma nau e de uma espada correm
a matar mouros e morrer de mouros
em Alcácer Quibir, Antônio,* ao lado de seu rei:

Sebastião!
Sebastião!

"Preclara e excelente" — assim a chamam —
trouxe Dona Brites ao país do Nordeste
o fulgor de sua graça castelã — e ela
fidalga do Paço da Ribeira — deu aos filhos
os primeiros soldados do Brasil a lutarem no além-mar
lavadas pelo sangue em terras de infieis
as heranças da honra —

e eles repetiram em vida e nome
a nobreza e a sabedoria dos fundadores
Duarte e Jerônimo
e de seus bagos venho.

E as bandeiras entram nos sertões
tecidas pela mão das mulheres de Piratininga
e é de Dona Ana Pimentel, viúva de Martim Afonso,
o alvará que revoga a proibição do acesso
de europeus ao sertão — alvará da aventura
e toque da alvorada bandeirante.

Eu poeta vim para cantar
a bravura dos machos e a graça das mulheres
na madrugada do país.

VIII

E norte e sul e leste e oeste
pelas chãs pelo mato pelos rios os bandeirantes entram,
queimam o miolo das árvores roliças
e descem as correntes nas canoas de angico e jatobá.

E navegam os rios e navegam a selva:
navegar o sertão é navegar um mar
levam a bússola e os olhos para ler a rota
nas estrelas do céu; e a partida repete a cerimônia
das partidas de monção das caravelas:
ouvem todos a missa solene levam um padre na bandeira
e casa por casa se despedem na vila,
em trabalho de lágrimas: não sabem aonde vão —
sabem que ao ouro ao diamante às esmeraldas
à caça ao bugre, à flecha da morte, à onça, à caninana
e não sabem se voltam — quando voltam — e sabem
que terão um padre para a ajuda da hora de morrer.

*"...indo caminho da guerra e sendo mortal e não sabe
o que Deus Nosso Senhor de mim fará"* — assim
começa o testamento dos Raposo Tavares, dos

[Fernão Dias

e todos se confessam e comungam no dia de partir.

Assolavam o deserto por centenas de léguas
eram homens, mulheres, padres e crianças
e os magotes de índios — os caminhos eram a trilha das onças
e a corrente dos rios: um saco nas costas, no alforge
o polvorinho e a pólvora o sal as balas o chumbo

[as caçarolas

a espingarda no ombro
no rosto a brenha das barbas e no fulgor dos olhos

[a miragem

do ouro e das pedras verdes:
dias, meses, anos, às vezes não voltavam mais ou voltavam
cheios de filhos paridos ao deus-dará das noites do sertão,
iam do Tietê a Santa Cruz de la Sierra
do mar atlântico à Cordilheira dos Andes
e todas as manhãs ouviam missa no acampamento errante
e só a Deus prestavam contas
do sangue derramado do espanhol e do gentio
e dos milhares de índios preados nas reduções dos padres:
sob os escombros das Tordesilhas crescia a pátria
e norte e sul e oriente e poente.

O Tietê era o rio sagrado das partidas rumo
ao Paraná Cuiabá São Pedro do Rio Grande, Paraguai —
e de uma feita trouxe Raposo Tavares tres mil índios
a metade morreu no caminho de volta
e as cruzes da estrada lembram os mortos e indicam a rota
às bandeiras vindouras.

O nome do bandeirante Antônio Raposo Tavares
mergulha na lenda — mas a história é seu chão
brotam de suas botas a geografia de oito milhões e meio
de quilômetros quadrados semeados
de roças e arraiais fundados a ferro e fogo
entre missas e ladainhas.

E um dia rasgou os campos de Vacaria,
subiu o Rio Paraguai, o Tibagi, o Paranapanema e o Paraná
varou os sertões, escalou os Andes antes de San Martín,
atravessou o Peru, entrou nas ondas do Pacífico
e a água salgada e a espuma pelos joelhos
desembainhou a espada e jurou
“avassalar por seu rei a terra e o mar”,
subiu ao Amazonas, navegando em jangadas

à mercê das correntes e os povoados do Gurupi
[assombrados
o aclamaram — herói das lendas —
foram duzentos combates com os espanhóis
trezentos com as tribos:
a marcha durou anos e era de bronze o couro de seu rosto
na prata dos cabelos, na pedra rachada dos calcanhares
e ao tornar era um fantasma das selvas e das águas
e os seus não reconheceram mais em Piratininga
a figura antiga — agora
chanfrada a sangue e tempo e sol e nós e cascos — e glória:

voltou e a rocha e a brenha de sua cabeça
sobre as omoplatas encouradas
caminhou de novo
rumo ao sertão e à lenda — seu butim.

E assim se repetiam uns aos outros
Matias Cardoso de Almeida, Domingos Jorge Velho
e Pascoal Leme e Francisco Pedroso Xavier
e Lourenço Castanho Taques e André Zuniga
e Antônio Gonçalves, Antônio do Prado

e Dias Adorno e Campos Bicudo
o catálogo de seus nomes escande a estrofe
dos nomes dos lugares e das vilas sonoras — Ararituaba
Taubaté Pindamonhangaba Guaratinguetá,
até os rios verdes de Goiás e os Cuiabás de ouro.

E o ouro e o verde lampejam nas pupilas
e os Cataguazes das catas mágicas anunciam
aos duzentos anos da aventura brasileira —
dois séculos de São Paulo e Grão-Pará,
Pernambuco, Bahia e Maranhão — e a aurora acende
a estrela d'alva da constelação das minas, José, Josés,*
a última estrela da galáxia nossa — a estrela nova, Dantas,*
de teu país das Gerais — das nossas
Minas Gerais — a terra prometida
ao heroísmo, ao sonho, às armas, ao suor,
de mil milhões de arrobas de pau-de-tinta
de mil milhões de arrobas de açúcar
do país do Nordeste, do país de São Paulo,
a cem mil conquistadores e bandeirantes mortos
bandeirantes
de Piratininga, Bahia, Pará e Pernambuco
e a quantos — quantos — índios imolados

dos jucás, carateús e cariris do Brejo Grande.

Pedro Teixeira, capitão dos terços
de Jerônimo de Albuquerque,
bandeirante do Grão-Pará, sertanejou a Amazônia,
subiu do Maranhão,
ajuntou bandeira em Cameté e se largou
num outubro dos seiscentos à proeza
de fazer de torna-volta a viagem de Orellana:
mil homens entre índios e brancos
em quarenta e cinco canoas — subiu o rei dos rios
passou do Amazonas ao Paiamino e ao Napo,
chegou a Quito, varou o Equador até à barra do Aguarico,
fronteira do Peru, e em nome do Rei
tomou posse de todas as terras — do Pacífico ao Atlântico.

Viajou mais de dois anos — uma rota mais longa
que a navegação de Vasco da Gama às Índias;
Capitão-Mor do Grão-Pará sertanejou até à morte
descobrimdo rios, amansando o gentio e sonhando
[fronteiras.

O mito gera a lenda, a lenda gera o herói
e só o herói pode gerar a história
e a história é fruto e flor da lenda

a lenda está no coração da história
e os bandeirantes de Piratininga
deram seu sangue ao coração da lenda

e era uma vez Bartolomeu Bueno
na bacia de prata incendiava os rios
era um deus e um demônio — um Anhangüera

e era uma vez um troço de bandeira
pelos índios frecheiros destruído:
recuaram da guerra todos eles,
do inferno do Capão da Traição;

e toda a vila — as filhas e as mulheres
lhes fecharam as portas de seus lares
e o pundonor os fez voltar à luta

e assim fundiu-se a raça dos paulistas
do orgulho das mulheres e da honra
dos que querem a honra mais que a vida.

E era uma vez e era uma vez e era uma vez...

VIII

Sesmarias de Castela — rios do Sul
país do Rio Grande de São Pedro por onde os
[bandeirantes
acuaram predaram a indiada dos jesuítas
empurraram as lindes,
acostumaram a terra da fronteira ao estrondo do arcabuz
à espada degoladora, ao fulgor das lanças
ao tropel das tropas, ao ferro ao fogo aos relhos aos cutelos
e nessa forja forjaram os varões do Rio Grande antigo
sabedores do sangue
na alegria das peleas — peleas
dos cavaleiros que jogam limpo
o jogo da vida e o jogo da morte
e tanto choram à vida como riem à morte
no assombro de seus pampas,
em seus galpões de erva e cuia e arreios de orgulho
e harmônicas de festa e chinas dançadeiras.

Na geometria do país da fronteira — desde, até —
astrágalo da carta geográfica — ao mesmo tempo vértice
do triângulo escaleno no mapa de Piri Reis

onde o Brasil acaba — onde o Brasil começa
onde teus avós são todos, Carlos,* todos, Paulo,*
margraves — marqueses das marcas da terra.

Vieram da Bahia, de Pernambuco os Mellos Falcão (falcões)
de minha raça e sobretudo
os gerifaltes de Piratininga —
Cachoeira, Tronqueira, Chapada Diamantina,
o arraial do Borba, roças dos Carvalhos no Paraíba
partia Vasco Caldas do Paraguaçu ao norte
e Brás Cubas do litoral paulista
para o mesmo encontro: as cabeceiras do São Francisco,
de onde escrevias epístolas, Dantas, desde então,*
e era — ensina Plínio, o Velho*
de São Bento do Sapucaí de onde também Miguel,*
o rio da unidade dos povos de Brasis:

nas ribeiras dele,
afros e ameríndios — as bandeiras nativas
altas já — no pendão da bandeira nossa
dos capitães do Rei de Portugal
embandeiravam capelas e fortins de taipa
vigia do Pará, atalaias das Alagoas,

Sergipe, Bahia e Pernambuco
e as Minas:

O Marquês das Minas não achou as minas de prata
mas as Minas Gerais pariam ouro por todas as vulvas:
catas pretas catas altas velhas catas novas catas boas,

Ouro Branco, Ouro Preto, Ouro Fino, Ouro Velho,
Ouro Novo, Ouro Bom, Ouro Mesmo e
havia lugares podres de ouro e o arraial
se chamava Ouro Podre
e o ouro deu o nome às vilas e às vezes
deu quilate às pessoas.

E era uma vez o Governador-Geral Diogo Botelho,
o primeiro a sediar o governo em Pernambuco
ao chegar, mandou tirar o pelourinho
da frente do palácio — seu primeiro decreto —
lembrando-se: já estivera uma vez ao pé de outro,
por sequaz de D. Antônio, Prior do Crato — e foi com ele
que vieram Pedro Teixeira, o da Amazônia, e
Martim Soares Moreno, do Ceará,

e foi ele que os mandou navegarem as terras
em procurar por terra o que por mar não alcançavam
e ordenou a criação de *três doutrinas de potiguares*
na Paraíba do Norte
e as entradas do Rio Grande do Norte de onde
pioneiros das bandeiras, deixaram o forte dos Reis Magos
rumo ao Jaguaribe — e ali perdidos,
náufragos dos chãos tórridos:

eram uns poucos, estropiados, doentes, famintos,
o sol e a areia ardente, Dona Tomásia em prantos
no deserto sem pegadas de caravanas dizia:
“é o Saaráh, o Saaráh” — e era o Siarah, o Ceará — por onde
navegaram da terra para o mar,
e chegaram aos campos maiores do Piauí, às águas
do Parnaíba e às águas — às doces e às salgadas
do país do Maranhão
com seus matos emaranhados — onde
Deus é grande, mas o mato é maior.

E era uma vez. E todas as veredas eram
o labirinto dos caminhos para as minas de ouro.

IX

Era uma vez Fernão
Fernão Dias Paes, dito Paes Leme,
conviva de todas as léguas e conviva do sonho
fundou os espaços e os tempos;
quarenta e tantos anos navegou sertão e serra
e rios lagos vales
amestrador de bugres a esmeralda
encandeou seus olhos e os pés de botas altas
pisavam o chão de ouro e prata e a miragem
das grotas ao fulgor
das pedras verdes, à labareda
dos rubis e ao relâmpago dos diamantes.

Ao sonho imolado, imolador do sonho
o filho pendurado na aroeira-do-campo
balançava ao vento sua última bandeira
no estrangulado coração — nas fronteiras de febre
do país das pedras verdes.

Foices do mar as ondas
degolaram os navegantes

as embiras do cerrado
enforcaram os navegantes do sertão:
esta terra é nossa, Fernão Dias,
e nos custou os dobrões, os cruzados de sangue
de tua vida, teus ossos,
a vida dos pais e filhos:

neste país
atrás dos ombros de um vivo
está sempre a cabeça do morto
no moirão de braúna das porteiras assombradas.

Conheceu o caminho das cruzes de beira-estrada
onde os mortos jaziam — os mortos da bandeira
de Raposo Tavares — no rastro desses mortos
andou pampas e serras — Rio Grande do Sul,
Santa Catarina e Paraná e as terras cisplatinas do Uruguai
dos altos de Apucarana contemplou as nações e trouxe
à nação dos paulistas milhares de viventes
das nações guaianazes e de outras nações
e subiu e desceu o Tietê e os outros rios
na montaria de cedro das canoas e de palha e barro

foi montando as aldeias e montando o Brasil.

E os Manuel Preto e os Prados e os Pires e o Borba Gato
toda a genealogia das bandeiras se cruzou
em seus caminhos de chãs de terra e de correntes de água
e da planta de seus pés brotaram e cresceram
todos os arraiais do novo país das Minas
e este é seu testamento: — “deixo abertas cavas
de esmeraldas no mesmo morro donde as levou
Marcos de Azevedo

já defunto”

e construiu igrejas e ergueu o mosteiro dos padres bentos
e sustentou de seu bolso os padres das paróquias
e o Colégio da Vila de São Paulo
e o Rei o nomeou Governador das Esmeraldas
as pedras nunca achadas — não importa — elas virão um dia
nos baús de ouro do Rei Encoberto:

Sebastião Fernão!
Fernão Sebastião um dia
Sebastião Fernão Dias Paes Leme.

E cumpriam suas ordens — e seu corpo, digo, os ossos
foram sepultados entre misereres e dies irae sob as lajes
do Mosteiro de São Bento em São Paulo

e ainda hoje os monges
no cantochão do ofício de matinas
vêm sobre a laje o fogo-fátuo o fogo verde
da esmeralda de seus ossos
coruscar na pedra.

Marquês do Leste e Oeste
de meridiões e setentriões — Fernão Dias
celebrou a monção das bandeiras baianas
e os Dias d'Ávila, os Garcia d'Ávila levaram
os brasões da Casa da Torre às mesopotâmias do Norte
marcharam a mais longa marcha da conquista
com os bandeirantes do Nordeste:
bateram os sertões oblíquos e os paus
das ribeiras do São Francisco ao Parnaíba
o Sudoeste o Carinhanha o Mearim o Itapicuru,
reduziram os índios gurguéias no Pajeú
aparelharam pastos e currais de Pajeú das Flores

atroparam Domingos Sertão e os Landins de cabelo ruivo
não em busca de esmeraldas e ouro — em busca
dos pastos bons de Pastos Bons — em busca
do campo maior de Campo Maior

para povoar as terras de gado reiúno
as cabras crioulas de Coriolano e Atanagildo
as ovelhas peladas de Morada Nova
éguaas baias, jumentos, bois e vacas pé-duro
nos Inhamuns de Donana Mourão e outros Mourões
pelas bandas de Oeiras, Piauí, condados
do Coronel Domingos Mourão.

Correram lagoas das Alagoas
Mundaús em flor de Luís Oiticica — rios de Sergipe
Rio Grande do Norte e Paraíba do Norte.

Sua bandeira do Setentrião
enfrentou as confederações selvagens
abriu caminhos e criou boiadas e engenhos
de rapadura e cachaça

Floresta dos Leões, Floresta do Navio
marcou as linhas das chapadas:

Diamantina Araripe Pernambuco e Ceará
povoou os tabuleiros
de beirões, mamelucos
mulas ruanas burros tostados e garrotes chucros
limpou os matos do Maranhão
e fundou o Piauí da terra para o mar.

Os bandeirantes ensinaram tudo
nominaram os rios e as montanhas
e nas janelas velhas das casas velhas
nas cidades velhas
lambidas pelo Rio das Velhas — Carlos,*
com seus velhos olhos de Sabará — as velhas
olham no chão de pedra de seus rastros a memória
do princípio das coisas:

guerreiros, patriarcas, peregrinos, missionários também
juntaram e regeram
a tribo do Brasil — a tribo nossa — e será para sempre

cada Anhangüera cada Antônio Dias de Ouro Preto
cada Borba Gato cada Fernão cada Raposo Tavares
cacique morubixaba pagé e capitão-mor
desta aldeia de palha e pedra
capitania-geral do sonho antigo:
em suas mãos o ventre da terra pariu as cidades

e o ventre
das mulheres de todas as raças
pariu a raça
dos machos e das fêmeas do país
a tribo que te clama e aclama:

Sebastião!
Sebastião!

CANTO SÉTIMO

*Lembraí-vos dos dias passados, dos tempos prístinos
apaixonadamente vividos e sofridos e vencidos.*

São Paulo — Epístola aos Hebreus — XI



II



*chegam bravos de Holanda,
e chegam bravos franceses
disputando aos portugueses
prenda de tanto valor.**

Praia de Iracema
os olhos no parapeito das ruínas
da fortaleza de Schoonenbroch,
o velho bardo de barba assíria
a viola ponteia, compõe o setestrelô, a redondilha
dos versos populares; e a tribo dos meninos nos terreiros,
da Serra dos Cocos à Meruoca
de Jericoacoara a Messejana
e os cantadores nas feiras
do Aquirás ao Crato a Crateús, Cascavel e Inhamuns
repetem a crônica da guerra púnica
de piratas ingleses, almirantes de França
e capitães de Holanda e seus assaltos
à terra núbil
do Maranhão a Pernambuco à Bahia das baías
e ao Rio de Janeiro.
No país do Ceará Grande e Mel Redondo
emburilhada em sangue de guerreiros

de Olinda e Salvador e São Luís — no sangue
do Capitão Estácio de Sá
guardamos a certidão da saga:

eu mesmo a ouvi, com os outros meninos,
Alexandre, Francisco, Raimundo, João,
tantos Antônio, tantos Josés e Pedros e Expeditos
nos bancos de peroba da escola de minha mãe
e aprendi a cantá-la, com Luís e Manuel
na quadra do mercado de Ipueiras onde
as histórias da guerra eram gemidas
nas rabecas dos cantadores da feira — Anselmo e Juvenal
e às vezes Florêncio ou Jeremias — e ali
guardei seus nomes:
Guararapes, Henriques, Vieiras e Potis.

A corte de Madrid suspeitava dos mercadores não-cristãos
e cristãos-novos
e seus passos nos mercados flamengos;
decretou-se a expulsão dos estrangeiros das terras
[do Brasil.

Entre boiadas pedras verdes
tribos engenhos casas de farinha couros curtidos
fronteiras norte sul e leste oeste
fortins de taipa roças elementares
algodoais e monjolos de milho e escolas de padres
rezas ladainhas cantorias
pôla ley e pôla grey —
os capitães morenos do país do Nordeste
da argila das ribeiras do sertão e da areia do mar
amassaram nas mãos espinhaços e músculos de
[gente — e a terra
era de barro bom pra homem.

III

Fervia a cupidez nas praças
e de Londres, Marselha e Amsterdam
afiam garras gaviões de ilhas bastardas contra
os reinos fidelíssimos — Portugal e Espanha.

E um dia as águas da Bahia, águas de Olinda
mares do Maranhão e Guanabara
brisas afeitas à cruz de Cristo sangrada
nas velas belas das caravelas de Portugal
amanhecem coalhadas, poluídas de barcos feios
de huguenotes, calvinos e infiéis
dos litorais de hereges da Fenícia britânica.

Aos infiéis, Senhor, aos infiéis!

E ao som, Luís, de tua
canora trombeta embandeirada — de tua
tuba canora e belicosa
levantam-se índios, pretos, brancos, mamelucos
as lanças e arcos tomam
e aos toques da diana — da alvorada —

— éramos Espanha e Portugal —

tubas, inúbias e trombetas soam — estremece a terra
no espanto da alegria:
vai já nascer o povo brasileiro — e seu primeiro pranto
sacode e acorda
o ouro dos pendões o verde das folhas
dos canaviais de marinha:
Maranhão Pernambuco Salvador Rio Grande do Norte
Alagoas Sergipe del Rey o Rio de Janeiro
e a Mecejana, o Mucuripe, a Porangaba,
a praia de Iracema, a rapariga de lábios de mel
e cabelos mais longos que seu talhe de palmeira.

E ali começa a guerra — não a guerra dos reis —
era uma vez essa guerra —
guerra do povo — um povo
chamado brasileiro.



Já Pero Lopes passara a fio de espada
os corsários calvinos no Nordeste,
depois com as bandeiras de seu Rei
começa Coligny a fundação
da terra prometida aos hereges *Eid-genossen*
ditos huguenotes:
a terra prometida é nossa — e os Villegagnons
Duclerc, Duguay-Trouin e La Ravardière
do Maranhão ao Rio de Janeiro conhecem
arco arcabuz e lança e flechas nossas e conhecem a morte
o calabouço a retirada em suas naus de velas murchas
e das praias violadas se devolvem ao mar ingleses
incendiadores de aldeias, Cavendish, Lancasters,
mais bárbaros que os tapuias comedores de gente.

Aos infiéis, Senhor, aos infiéis!

E Santo Antônio de Lisboa desce dos altares
de suas capelas no Rio de Janeiro na Bahia
e os guerreiros o avistam e saúdam
fardado de coronel da tropa nossa — e o taumaturgo
comanda a batalha de extermínio dos Senaqueribes louros.

E ainda hoje o santo de nossa língua portuguesa
guarda suas patentes militares
e é Vereador perpétuo em Câmaras de Pernambuco.

E assim, anjos e santos e mamelucos
se batem nas vilas e nas praias:
em penhascos antigos de uma delas
Mestre Jerônimo, jangadeiro, viu figuras*
e inscrições feitas de sangue — e não era sangue de gente
era um sangue sagrado — o sangue
dos anjos feridos por armas estrangeiras.

Eu vi o sangue dos anjos derramado na pedra.

Derramou-se na terra, Augustín, o sangue dos anjos*
e o sangue nosso e o sangue dos corsários que abatemos
e o sangue do Cordeiro nutre em seu país
corações de leão
e freme para sempre o coração da terra
ao fervor da sístole
do coração de seus varões — diástole

de anjos da guarda arcanjos querubins e serafins
em nossas veias vivas.

E o sangue de Estácio de Sá
flecha rosa de sangue nas bochechas.

Estava a terra maciça de riquezas
era o Recife de Pernambuco o primeiro porto do mundo
cento e vinte navios por dia
dois milhões e meio de escudos de açúcar
a Bahia dois milhões
e a Paraíba do Norte Itamaracá e o Rio de Janeiro
mais de um milhão
e os engenhos de cana pagavam todas as perdas da Índia.

Afia as unhas o carcará de Holanda
mercadores sem pátria armam a frota e em busca
de trezentos e sessenta e três engenhos de açúcar alvo,
vinte e seis velas quinhentas bocas de fogo
emergem da neblina:
seus almirantes batavos — almirantes de corso bucaneiro

*"Piet Heyn, Piet Heyn
zijn naam is klein"*

Piet Heyn, herói de Holanda, e os outros
com três mil e trezentos homens rompem
na Bahia das baías
no assalto de surpresa tomaram a cidade
pareciam conhecer cada palmo da praia
guiados por mercadores suspeitos:

o Padre Jerônimo enfrenta a cavalo a chusma belga
o rico Pero Garcia por uma bala de canhão é morto
na janela de seu sobrado baiano

a fortaleza do mar dispara em vão seus tiros de honra
e Dom Marcos Teixeira bispo e santo
com seus paramentos de seda roxa
consumiu as sagradas espécies no altar da Sé — livrou
da profanação de hereges o corpo de Deus — e exclamou:
na minha idade, melhor defender a Bahia com orações
mas o Senhor pode estar ocupado com outras

[coisas e se
armar golpes de espada e pederneiras de arcabuz —

despiu casula estola alva de rendas amicto de linho
entregou a um cônego cálices âmbulas ostensórios
[de ouro

dobrou a capa de asperges num baú
vestiu roupa de capitão
tomou espada e escopeta
e era um guerreiro de seu povo e seu Deus
Rei da Escritura, novo David — Sacerdote e Rei.

Distribuiu lanças e trabucos
organizou um regimento de clérigos
aquartelou cônegos e servos e gente boa da Bahia
na Quinta dos Padres — daí arrancam todos
para a ribeira do Rio Vermelho e na enchente
das águas rugidoras
morrem centenas na escuridão da noite
e ainda hoje os bahianos de Salvador chamam "Conselho"
o monte no Rio Vermelho junto ao mar
onde se juntaram os clérigos em planos de defesa:
marcharam para a aldeia do Espírito Santo
atroparam os índios dos jesuítas — catecúmenos —
cercaram suas roças para mantimento e logo
começou a crescer o exército de guerrilha

no arraial da Torre de Garcia d'Ávila,
com o neto do fundador da Casa e seus aliados.

A soldadesca flamenga entrou sem um tiro
na cidade deserta
o Governador Diogo de Mendonça Furtado
decidido a morrer de espada em punho, e um morrão
aceso pronto a explodir uns barris de pólvora,
sozinho, com seu filho mais
o Ouvidor e o Sargento-Mor;
o Ouvidor Pero Casqueiro segurou-lhe o braço
e foram presos e levados a ferros para a Holanda.

Numa chuva de balas, conta o Padre Vieira,
tempestade de fogo e ferro e estrondo e confusão
relâmpagos fuzilando feriam os olhos
na nuvem de fumaça não se via nada
e o trovão da artilharia e o clangor das trombetas
povoavam de estudado terror a cidade deserta.

Saquearam as casas — foi grande a pilhagem:

três mil caixas de açúcar e muito pau-brasil
e os soldados mediam ouro e prata nos chapéus vazios
jogavam dados em paradas de trezentos, quatrocentos
[florins]

roubaram todas as moradias — só pouparam as casas
do cristão-novo Francisco Druchs e seus parceiros.

A guerrilha — a guerra santa do Bispo guerreiro
tocaia todas as estradas: — tiro certeiro —
dois capitães da tropa de cônegos derrubam de emboscada
o governador holandês Van Dorth —
e acabam de matá-lo a espada com seu corneteiro

e vieram os índios e trincharam os corpos
e assaram a carne branca dos flamengos
e se regalaram e dançaram.

Os guerrilheiros do Bispo fecharam todas
as entradas e saídas da cidade
a fome rondava a soldadesca holandesa e em vão
o cristão-novo Francisco Druchs, morador da Bahia,

tentou arranjar farinha-de-pau em Boipeba e Camamu
e o Senhor Bispo morreu de achaques em seu
[acampamento]
cercado de cônegos e soldados e só tirou a farda
e a espada da cintura para ser sepultado
em paramentos de gala — outros dizem que compareceu
diante de Deus com seus aparelhos de Capitão
a cruz pastoral entre o arcabuz e a espada.

Os clérigos cantaram em torno de seu caixão
o hino de exultação da Páscoa — o *Exultet*
e o hino dos Pontífices
à entrada das catedrais — “*ecce sacerdos magnus*
qui in diebus suis placuit Deo” — e o grande sacerdote
chegou à presença de Deus com a espada
cortadora de orelhas de seu antecessor, Cephas,
[dito Pedro]
fundador de sua igreja.

De Pernambuco o Governador Matias de Albuquerque
manda seus Albuquerque e chega a esquadra real
com a flor das marinhas latinas — nossas —

o Almirante Dom Fradique de Toledo Osório,
sobrinho do Duque de Alba, com seus espanhóis
Dom Manuel de Menezes e os marinheiros de Portugal
e o Caracciolo, Marquês de Torrecuso,
com seu terço de napolitanos e uns Fontenelles
e uns Goularts e uns Bittencourts de França.

O holandês manda um tambor a parlamento
e não é recebido e Dom Fradique responde:
só vou falar pela boca dos canhões.

E 1.919 piratas de terra e mar
largaram armas bandeiras petrechos e riquezas
o cavalheirismo latino deixou os oficiais com suas espadas
e arribaram todos a seus *polders* rumo à Holanda.

O triunfo passou a chamar-se *Restauração da Bahia*
e Lope de Vega escreve sua comédia *El Brasil Restituído*
e Frei Juan Bautista Maino pinta os heróis baianos
na *Apoteose de Felipe IV* — presença do Brasil
única até hoje no Museu do Prado

e ergue-se na cidade do Salvador
a Igreja de Nossa Senhora da Vitória - a primeira
das 365 igrejas que a Bahia tem - lembra Peralva -
(segundo o cantador de seus mares)*.

Domina a Holanda o corso e os mares
e é cantado ainda hoje entre os meninos de escola
nas cantigas de roda em Delft e Amsterdam

*"Piet Heyn — zijn naam is klein
zijn daad been groot
hij heeft overwonnen
de zilverende vloot"*

Piet Heyn, seu nome é curto, suas ações são grandes
assaltou e roubou a frota da prata dos peruleiros
ganhou cem milhões de ducados:
o dinheiro da prata do Peru armou outra esquadra
espalhou de novo o terror nas costas da Bahia e Cabo Frio
e os de Holanda voltaram —
rapinas em Salvador e agora

é Pernambuco — o Recife, Olinda,
a província mais rica — caminho do Brasil
dos países atlânticos, madrugada do império
aurora do mundo novo
em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

IV

E restaram de aventuras francesas
esses nomes das ilhas ao sul e ao norte
Villegagnon, cidade de São Luís e a graça dos beirais
de seus palácios de porcelana onde um dia estrondou
a voz do Padre Antônio Vieira.

*De Olinda a Olanda não ha mais que a mudança
de um i em a — escreve Frei Antônio Rosado —
tantos eram os mercadores cristãos-novos de*

[Pernambuco]

em conluio com sócios e parentes de Amsterdam
e a província “mais rica de quantas há o reino de Portugal”

— diz *O Valeroso Lucideno* —

era a porta de todas as capitânias norte e sul
chave do Atlântico ao Maranhão
a Santa Maria de Belém do Grão-Pará
e ao Prata e à Patagônia.

Os Países Baixos da Holanda marcam a hora do estupro
da terra adolescente
morena e magnífica:
não a Holanda dos místicos, pintores e poetas — a Holanda

dos jograis do Brabante e Wilhelm Menestrel,
do canto de Maarlant, dos hinos sagrados
da monja Hedwiges, da crônica épica do monge de
[Egmont,

e do canto de guerra de van Heeln — a Holanda
de Ruysbroek, o Admirável, das baladas castelãs,
dos autos de Vondel, Holanda de De Witt,
dos pincéis de Hals e Ruysdaal e Vermeer e Rembrandt
e todos — da *Ronda Noturna* aos girassóis de Vicente,
não a Holanda do Papa Adriano, de minha avó

[holandesa]

não a Holanda vossa, Padre Paulino Padre Antônio*
Padre Luís Padre Gaspar van Haanappel
e meus vinte mestres que me levaram pela mão
às alamedas de Homero e de Virgílio
não essa Holanda de tulipas e Lidwinas de Schiedam
não a Holanda da flor de teu sorriso, Helena,
de teus olhos verdes, Helena Vanderwereld,
(onde andarás com teus pés de condessa?)
nem a noite dionisiaca das meninas de ouro de Amsterdam
as meninas de vez entre as folhas da noite holandesa.

Não, Adriana, não a nossa Holanda — mas a outra
a Holanda fenícia da Companhia das Índias
com suas esquadras e exércitos de mercenários
de todas as raças e todas as crenças
e muitos judeus e renegados cristãos-novos e até velhos
a serviço de Mamon.

Era a Holanda o único país da Europa onde os judeus
viviam livres, sem fogueiras e inquisidores
e escreviam seus livros, praticavam suas artes de físicos
adoravam o Deus de Israel e também os bezerros de ouro:
adotaram o país como sesmaria de Judá — Nova

[Jerusalém —

e seu ouro e seus saberes mosaicos e talmúdicos
desmentiram a lenda da avareza dos judeus — e generosos
retribuíram a liberdade e a paz de suas sinagogas
e armaram a Companhia das Índias
armaram o braço flamengo para a travessia
do Mar Vermelho à Canaã do Atlântico.

A Companhia das Índias queria já agora
não apenas saque e butim de piratas — queria

no que era a Nova Espanha e a Nova Lusitânia
fundar a Babel, babelônia, babilônia,
dos mercadores de todas as pátrias
e de nenhuma.

Matias de Albuquerque cercou de fortalezas e fortins
a cidade de Olinda e seus caminhos
e fazia festas populares pompas públicas
e acendia o amor da terra.

Os holandas reuniram a esquadra em Cabo Verde
aparato de setenta navios, mil cento e sessenta canhões
e sete mil soldados — concentraram-se em São Vicente
e um patacho português levou a notícia a Pernambuco;

Matias de Albuquerque dia e noite em febre
febrilmente montou o espetáculo da guerra:
cresceu em torno do Recife a linha dupla de paliçada
obstruiu o porto afundando oito barcos de açúcar
e a linha bela de canhões alongou a praia de Olinda: —

barrado o almirante flamengo à entrada do porto
o invasor reuniu seus conselhos e depois de muitas
rezas e leituras piedosas de salmos do Testamento antigo
com os calvinos e hebreus de sua banda
guiado pelo judeu Paparobalos
meteu a tropa em terra — três mil homens
pela Enseada do Pau Amarelo — e o Almirante
destacou uma chalupa em direção à praia
levava bandeira branca e mensagem aos pernambucanos:
não vinha para saques nem matanças — vinha
conquistar o país, fundar as posses,
se se entregassem sem resistir
trataria a todos com brandura e clemência;

antes de ouvir-se a embaixada deu Matias de Albuquerque
uma resposta de Albuquerque:
a descarga da mosqueteria —
o trom das armas era a senha da batalha
e as milícias de linha, as ordenanças, voluntários e
frecheiros indígenas
ocupam os pontos bons da luta
alinham-se patrulhas regimentos;
comanda a infantaria entre as duas povoações

pelos redutos da vizinhança e ao longo
do promontório aberto entre Olinda e o Recife
Albuquerque assume, com seu prumo,
o garbo e o comando da gente de cavalo
para acudir por toda parte o exército bizarro.

Mais do que as armas pôde a infâmia de Paparobalos:

Éramos oitenta no Forte de São Jorge
contra mil e quinhentos: defendemos a atalaia heróica
sete, oito dias de fogo e arma branca
ao fim de uma semana entraram os gringos em fúria:
restavam dos oitenta nossos
setenta e nove defuntos e um agonizante
todos lavados no fervor do banho de seu sangue.

No Colégio dos Jesuítas de Olinda
uma trincheira em cada cátedra — um baluarte
em cada sala: — entre padres e leigos
negros índios e brancos — éramos vinte e dois
contra mil holandeses: despedaçaram as portas a bombardas

e encontraram no chão dezenove mortos
e tres moribundos — prelúdio, Euclides,*
das Termópilas caboclas de Canudos.

De Termópilas em Termópilas chegamos
para começar de novo, Matias de Albuquerque,
no Arraial do Bom Jesus:

e entre arraial e arraial entre Olinda e o Recife
entre o porto e os engenhos,
pelas chãs pelas várzeas montes e afogados

cada palmo de terra era um palmo de sangue.

V

O hebreu Paparobalos guiou os holandas
por veredas e escarpas de Olinda
e Albuquerque tentou quebrar o avanço: eram
oito companhias de infantaria e quatro de cavalos
oitocentos homens foram dizimados e dispersos
restaram vinte soldados — à frente deles
precipitou-se o capitão para o Recife
debaixo de chuvas de chumbo:

*“pareceu-me que convinha pegar fogo a 24 navios,
mais de oito mil caixas de açúcar
e muito pau-brasil, algodão e tabaco,
e assim queimei todas as casas em que havia açúcares,
outras mil caixas e pau e tabaco,
valeria tudo bem um milhão e seiscentos mil cruzados”*
e o licenciado André da Fonseca de Almeida
e o meirinho da correição com grandes riscos de vida
tomaram a si salvar armas, pólvoras dos armazéns de Olinda
e essas munições sustentaram fogo
de quatro para cinco meses
no Arraial do Bom Jesus e os guerreiros achavam ser ali
de novo o milagre da multiplicação dos pães e da pólvora.

Pelas grotas ribeiras tabas de índios
convocavam à guerra todos os viventes
da terra e do céu:
o Padre Vieira ia desafiar o próprio Deus
no púlpito da Bahia:
esta causa é mais vossa do que nossa
se não fordes o vencedor, sereis o derrotado —
parece até quererdes que Holanda vença
se quereis, ficai com os infieis —
eles quebrarão as imagens de vosso templo
de vosso Filho crucificado e de Sua mãe e Seus santos
eles profanarão os vasos sagrados
pisarão as sagradas espécies:
dai vitória a Holanda —
Holanda vos construirá igrejas,
Holanda vos erguerá altares,
entregai-lhe as Índias, entregai-lhe o Brasil
entregai-lhe as Espanhas e os reis apostólicos
e os povos que navegaram trabalharam derramaram
[sangue]
para aumentar vossa fé — talvez um dia nos queirais de novo
pois não nos encontrareis.

A audácia do padre chegou aos ouvidos de Deus
e aos ouvidos do Rei: — Felipe IV decretou orações
procissões, penitências públicas, novenas
a calamidade era um sinal da punição divina
e encolerizado contra os judeus e cristãos-novos
que conduziam os invasores pela mão
ordenou a seu Inquisidor exemplar castigo
contra os infieis e sua perfídia*.

Multiplica-se a pólvora milagrosa no Arraial do Bom Jesus:
arregimentam gentes em Vila Formosa, Ipojuca
e Paraíba do Norte
em mar e terra medram guerrilheiros.

Por dois anos a emboscada o assalto a guerrilha
encurralam o invasor nas barras do Recife e Olinda
e é batido no porto de Afogados
lançado ao mar na Paraíba
rechaçado no Cabo de Santo Agostinho e Albuquerque
salva o Forte dos Reis Magos no Rio Grande.

Acuados, mantimento escasso, nem água de beber
matavam a sede os holandeses em poços de água salobra
furados na praia — propõem o resgate de Olinda
sob pena de reduzir a vila a cinzas:
queimai-a — responde Matias — saberemos
construir outra ainda mais bela.

Era uma vez um lugar, quarenta léguas do Recife, rodeado
de lagos e lagoas de água salobra, cheias de peixes
e terras boas de canaviais e engenhos,
chamado de Lagoas ou Alagoas
terra também de barro bom pra homem;

para cada milhão de heróis há sempre um pulha e ali
o mameluco Calabar vendeu-se ao invasor
por dinheiro ou razão,
guiou suas tropas terra adentro
queimaram aldeias e a estrela da guerra
começou a brilhar para os holandas.

Iam caindo os homens, as armas e as vilas nossas

Rio Formoso, Afogados, Goiana e os restos de Itamaracá
o cacique Janduí, tio, parece, de Calabar, filho
de mãe índia e cristão-novo o pai, a serviço de holandas
devastou engenhos
começou no de Francisco Coelho
onde trabalhavam sessenta pessoas
partiu a pau a cabeça de todos e comeu os mortos
e foi festejado pelo capitão flamengo, de nome Garstman.

E perguntado por um Antônio de Abreu
por quanto tempo resistiria — “até à morte” — respondeu
Matias de Albuquerque — e não pôde chegar a tempo
ao Forte de São Jorge onde um menino de dezessete anos
por nome João — João Fernandes Vieira
lutou até à ruína das pedras da muralha.

Depois, foi a vez do Forte do Mar onde
não restava ao Tenente Antônio Barbosa mais que
uma espada toledana e recusou-se a embainhar a lâmina
e disse: “mais vale uma espada na mão que dentro
[da bainha]”
e o Capitão Antônio de Lima segurava a sua pelos copos

no punho ensangüentado e foi o último a sair
andando firme entre restos fumegantes
o rosto salpicado de sangue e mais dois sobreviventes
pisando a pedra de sua fortaleza
entre mortos e moribundos;
não havia mais um só tiro nem uma peça inteira
o capitão exigiu sepultura cristã para os seus mortos
e toque de cornetas e requiescat de padres.

O holandês honrou a bravura dos guerreiros nossos.

Naquele tempo
o nome do Brasil era Arraial do Bom Jesus.

Waardenbuch escreve à Holanda:

“é esta uma paragem da qual todo o Brasil se pode
[conquistar”

Pernambuco era o Brasil: — “daqui se pode
enfrear e guardar o Brasil todo com poucos gastos”.

Cinco anos de luta e três meses de cerco
um mercenário polaco general do invasor
estrangula pela fome a Tróia nordestina
a última farinha de comer era joeirada
na areia e no barro das ruínas.

Albuquerque reúne na praça o que resta do povo
e dos soldados do Brasil
tem honra e força para as condições da capitulação:
“o coronel, os capitães, os outros oficiais, os esmoleres
e todos os soldados do serviço de Sua Majestade
sairão com suas armas completas, insígnias arvoradas,
mechas acesas, armas e bagagens, os tambores tocando:
nenhum tambor do Arraial sabia tocar toque de retirada
e assim partiram com toque de avançar”.

Ajuntou-se em torno de Albuquerque a gente ainda viva
o que restava de Pernambuco e do Brasil
homens mulheres e meninos
uns em carros outros a pé e se partiu
com toda a gente de guerra — e cada um levava
seus bens móveis, gados, escravos, alimária e coisas

iam adiante sessenta índios fiéis a abrir caminho
depois um corpo de tropa, depois os emigrantes
e protegendo a retaguarda o próprio Matias de
[Albuquerque:
atrás de todo o préstito — o grande Camarão

e seus oitenta índios — oito mil pessoas — nos peitos
a rosa brava das feridas de guerra — na barriga a fome
por caminhos de mortos,
bordados de cruces e sepulturas e cadáveres
decompostos à lua e ao sol no chão de sua chã.
Restava a última aventura: os exaustos retirantes
cambaleando entre a glória e a derrota
rumo das Alagoas iam passar pela praça ocupada
de Porto Calvo:
no último alento de suas forças destruíram ali
os fortes dos holandas agarraram o Calabar
enforcaram num galho de quixabeira
e esquartejaram seu corpo, e espetaram
a cabeça e os quartos nos moirões da paliçada.

Partem flamengos de Paripuera, sobre Porto Calvo,
ensangüenta-se a terra boa das Alagoas, Oiticica —*

o lendário Rebelinho reinventa as guerrilhas
o negro Henrique Dias flagela o invasor por todo canto
o índio Camarão retoma Goiana
marcha de novo sobre Porto Calvo:
de seus mil e seiscentos guerreiros
chegaram setenta e três.

E ainda hoje os caminhos de Goiana a Porto Calvo
pelo sertão
e até às chapadas da Bahia
estão cheios de ossadas de gente nossa.

Os ossos dos varões do Nordeste
marcam as fronteiras vivas do país
e apontam nas navegações do sertão de sol
a rota da viagem do povo brasileiro.

Entre o jugo estrangeiro e o desterro
escolheram todos as penúrias do êxodo e a marcha
dos caminhos ásperos — e crianças nasciam nas matas
e os fracos e os velhos eram enterrados na selva

e eram sementes bravas da gente do Nordeste.

Fincam nos cajurus dos confins o marco
da posse — padrão
da pedra e da cal de nossas vértebras — vértebras
do país brasileiro.

VI

O tempo calcina os ossos, enferruja os metais
e amolece a fibra do punho dos viventes; — não aqui:
vinte e quatro anos de Holanda, vinte e quatro anos
de guerra e tristeza e flagelos profanações e seduições
deram têmpera de aço e quilates de diamante
à adolescência do Brasil.

Sobre amálgama de sangue e ouro sujo — dinheiros
de entrelopos, corsários, bucaneros
fundou seu alicerce a Nova Holanda:
acampada no país do Nordeste — Ceará, Pernambuco,
Rio Grande, Alagoas e Sergipe
a parábola de sua fronteira ameaçava
Maranhão, Piauí, Grão-Pará, Espírito Santo,
Rio de Janeiro e riscava
chãos e mares da Bahia.

O conde alemão João Maurício de Nassau-Siegen
contratado por cinco anos
a mil e duzentos florins por ano
mais dois por cento das presas de pirataria
segundo a lei corsária;

parente do *Staatshouder* da Holanda
co-réu da concussão, adornado de títulos e prebendas
era governador, capitão-general e almirante de
[terra-e-mar]

príncipe da Renascença
civilizado e cortesão e amigo das artes governou
com mão de ferro em luvas de veludo
o sonho dos mercadores:
o império atlântico de ribeira a ribeira
a invasão de Angola o mundo meridional
do Amazonas ao Prata —
o país do ouro, das pedras, do pau-de-tinta, do açúcar
e o mercado de escravos de Luanda e Guiné
e a Ilha de São Tomé.

Envia Nassau do Recife a Angola oitocentos holandeses
sob o comando de João Cohen e toma de assalto
o Forte de São Jorge da Mina, tortura os vencidos
e a Nova Holanda domina as duas ribeiras
do lago atlântico.

Vai à Bahia —
quarenta navios, três mil e quatrocentos soldados
e mil índios —

o povo toca a rebate os sinos do Salvador
o Capitão Sebastião do Souto avança sozinho
peito aberto contra a fileira de quinhentos arcabuzeiros
e brada: — “cães! a todos vós hei de arrancar os olhos,
sou eu, o Capitão Souto, diante de quem tantas vezes
fugistes em Pernambuco!” —
Caiu varado por quinhentas balas
e Camarão e Henrique Dias
e seus índios e negros e os mais guerreiros de

[Pernambuco]

abatem quinhentos holandeses: um por cada bala
no corpo do Capitão Sebastião do Souto
e o Padre Vieira nomeia Santo Antônio de Lisboa
vencedor da batalha e Nassau volta aos salões
de seu palácio do Recife.

Quatro mil soldados holandeses e uma chusma de índios
atacam Porto Calvo e os nossos eram apenas

oitocentos homens — terço de negros de Henrique Dias e os trezentos índios de Camarão — e ao lado do guerreiro sua mulher, Clara Camarão, de lança em riste comanda um batalhão de mulheres índias.

O Capitão Henrique Dias perdeu um braço no combate empunhou a espada na outra mão, estancou o sangue com açúcar e mel de fumo e continuou na batalha.

O General holandês redige o relatório enviado ao comando geral:
“eles se batem como os melhores guerreiros do mundo”.

Os brasileiros sob o comando de Salvador Correia de Sá e Benevides retomam a Angola.

Dom João IV cede a acenos da Holanda e começam conversas de europeus: encerrar as brigas no Brasil vender ao invasor territórios já conquistados por eles;

não sabiam que a guerra não era guerra de reis era a guerra nossa — a guerra de um povo.

A insurreição se alastra: o Maranhão, primeiro,

depois o Ceará lançam ao mar os invasores e no Recife de casa em casa os insurretos se preparam: o governador-geral, nos bastidores,

apóia os rebelados; chegam cartas régias ordenando a paz, João Fernandes Vieira, o menino do Forte de São Jorge, agora senhor de engenho e capitão dos povos responde ao Rei:

vamos lançar ao mar o invasor da terra nossa depois irei curvar-me ao trono de Vossa Majestade e receber o castigo pelo crime de desobediência.

André Vidal de Negreiros amotina a Paraíba Felipe Camarão, dito Poti, do mesmo nome e raça e taba do Poti Felipe Camarão — do Ceará — que atravessa a Ibiapaba na bandeira dos Padres

levanta os índios — e Henrique Dias, capitão
governador-geral dos negros, maneta e gênio da guerra
oito vezes ferido de bala
rebela a negritude do país do Nordeste.

Os holandas escrevem cartas aos insurrectos
e oferecem vantagens e dinheiros e proferem ameaças,
reclamam a falta de resposta e então
Henrique Dias, governador dos negros, responde:
“senhores holandeses, saibam Vossas Mercês,
tenho poucas letras e muita espada —
respondo sempre e minhas respostas
são sempre dadas, Vossas Mercês podem senti-las
no cheiro da pólvora da boca de meus bacamartes;
meu camarada, o Camarão, não está aqui, porém,
eu respondo por ambos —
saibam Vossas Mercês que Pernambuco
é pátria dele e minha pátria
e já não podemos sentir tanta ausência dela”;

e este é o primeiro documento escrito da história
do país em que aparece a palavra *pátria*.

E continua o governador Henrique Dias
depois da palavra pátria:

“aqui havemos de perder as vidas
ou havemos de deitar Vossas Mercês fora dela
(a nossa pátria);

e ainda que o Governador Geral e Sua Majestade mesmo
nos mandem retirar
primeiro que o façamos lhes havemos de responder e dar
as razões que temos para não desistir desta guerra”.

Naquele tempo, os viventes do país,
pretos, índios e brancos, não podiam suportar
a ausência da pátria:
hoje um bronco doutor da economia e Ministro da

[Fazenda

informa que não há mais pátria
o que importa é o poder dos capitais
e cem anos depois de Henrique, Joaquim José
vinha das Minas imaginando a pátria
e sem contar com os terços guerreiros
dos capitães do Nordeste — morreu sozinho
pendurado em sua corda.

Naquele tempo naquela
terra de várzeas colinas sertões canaviais e praias
negros índios e brancos
faziam pátria.

E Antônio Teles envia da Bahia
o Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso — “espada
capaz de organizar regimentos e adestrar tropas”:
João Fernandes Vieira o recebe e assina o pacto do levante
e nele escreve a palavra pátria.

Pela primeira vez o verbo se fez corpo
e o Brasil se chama pátria no país do Nordeste
23 de junho de 1645 — data da assinatura do pacto;
cento e sessenta e dois anos depois — 1817 —
também ali pela primeira vez o Brasil se chamou Estado
e o Estado do Brasil foi proclamado
na revolução do Nordeste em Pernambuco —
primeiro grito de armas da independência de 22
e ali de novo o verbo se fez corpo.

Nassau retorna à Holanda
os insurrectos avançam mais
a Companhia das Índias decide a volta do Conde ao Recife
o embaixador português Sousa Coutinho o encontra
no bosque da Haia em noite de tempestade — estende-lhe
uma bolsa de quatrocentos mil florins e foi o preço
da retirada de cena do fidalgo estadista
dos Estados Gerais e seus negócios;
vendeu ainda ao príncipe eleitor de Brandemburgo
por duzentos mil francos as peças raras
trazidas do Brasil e vendeu seu palácio do Recife
por seis tonéis de ouro (trezentos mil cruzados!)
aos judeus da praça para nele instalar-se
a grande sinagoga.

Nem as degolas de prisioneiros
nem a entrega de centenas deles aos índios antropófagos
para a orgia dos banquetes de carne humana
nada mais ajuda os holandeses — as mulheres índias
dos batalhões de Clara Camarão os estripam nas tocaias
as heroínas de Tejucopapo do alto da paliçada queimam
assaltantes com potes, cabaças, alguidares de barro
cheios de água e azeite de carrapateira fervendo

e a pau e pedra acabam de matá-los.

Os santos descem do céu para esmagar hereges
Santo Antão aparece no meio da batalha
e o lugar é hoje entre canas verdes e memórias de guerra
a cidade da Vitória de Santo Antão.

Felipe Camarão viu descer do céu uma senhora
de vestido azul e luminosos olhos e ao seu lado
batalhões de anjos também vestidos de azul
distribuíam munição aos índios vestidos com o ouro
de suas próprias peles.

E os nomes de todas as aldeias e vilas e lugares
do país do Nordeste, do Maranhão à Bahia,
lembram batalhas, sangue
dos que mataram e morreram
e a estrela matutina da vitória brilha
nos céus de Pernambuco — das Tabocas
aos Guararapes.

O grito da insurreição foi o canto do galo na
[madrugada de Ipojuca

13 de junho de 1645

minha mãe me ensinou a data na escola de Ipueiras
naquele tempo aprendíamos essas coisas na escola
e decorei também a data de 3 de agosto do mesmo ano
quando a pequena tropa treinada pelo Sargento-Mor
passa a chamar-se Exército Restaurador
e mais uma vez o verbo se faz corpo
e pela primeira vez, no país do Nordeste,
patriotas em armas se chamam Exército
e ali Moreira Bento, coronel gaúcho, coronel*
da estratégia e da memória das armas aponta ali a criação
do Exército Brasileiro —
o de Caxias e Osório e Antônio de Sampaio.

VIII

General da insurreição alma da restauração
João Fernandes Vieira forjou a têmpera dos heróis
na labareda sempre acesa do Arraial —
Arraial do Bom Jesus — castelo castro acampamento
da bandeira nossa

Os henriques desciam as colinas das batalhas
cantando Salve-Rainhas, vociferando insultos contra
[o inimigo]
e os potis assombravam o flamengo com alaridos de tribos
e as lanças e os estouros do arcabuz e do morteiro
rompiam fileiras de corpos ao ritmo de imprecações sagradas.

E era uma vez a batalha das Tabocas,
um bando de padres, na mão esquerda o crucifixo
na mão direita a espada travavam corpo a corpo de
[arma fria]
varavam o peito dos holandas, davam-lhes absolvição
[in extremis]
e bradavam com Vieira “viva a fé de Cristo!”

João Fernandes Vieira tomara o título
de “Governador da Liberdade” e ajoelhado
no campo de batalha das Tabocas puxava hinos sagrados
e a tropa entoava em coro — e nesse coro de rezas,
[cantorias,

bombardas, pólvoras e ferros,
os tiros partiam certos da emboscada dos taquarais;

caiu a noite caíram os holandas, Vieira anuncia a presença,
no campo de sangue, de Santo Antão e Nossa Senhora
e saúda um por um os seus soldados
e manda enterrar as centenas de holandeses mortos.

E entre estampidos uivos tambores clangores de clarim
e estertores de mortos e aclamações de triunfo
foi gravada a memória de índios mulatos mamelucos
negros e brancos portugueses — de Igaraçu
aos altos das Tabocas.

Casa Forte, Cabo, Serinhaém, Pontal e Nazareth —
esta é a alameda de bravura e sangue e leva os passos
[do país

das Tabocas aos montes sagrados — Guararapes;
chega aos holandas a esquadra de socorro, vasos de guerra,
brigues e naus de suprimento e mais
oito mil soldados — e o invasor encurralado no Recife
decide romper o cerco e marchar sobre o interior da terra:

o Tenente-General Von Schkoppe prometeu aos soldados
saque livre nas casas e engenhos e aos índios tapuias
o direito de matar e comer os mortos;
saem rumo a Afogados, Barreta, Guararapes,
ao som de trombetas e tambores — em fanfarras de festa.

Assim começa a batalha dos Guararapes
o primeiro tiro atinge a cama de Schoonenborch
presidente do Conselho holandês — acabara de levantar-se —
e ao apito da esquadra a tropa rompe o cerco — e eram três
os Montes Guararapes — Outeiro, Barreiras e Oitizeiro
e entre eles a Garganta do Boqueirão,
restinga de alagados e mata rala — picada antiga talvez

de engenhos e roteiros da Bahia e Alagoas
pela garupa do outeiro — rumos de Cabo e Muribeca.

Henrique Dias recebe primeiro a tropa flamenga
“Subi o monte de onde nos fazia ele todo mal —
[conta Van der Branden —

éramos atingidos sem que os nossos pudessem fazer
ao governador dos negros qualquer mal”
e Guararapes quer dizer na língua boa “estrépito de golpe”
segundo Ericeira

“tambores” — segundo Santiago —
em razão do estrondo das águas tombadas em suas ravinas;
os três montes eram campos de tiro
e o desfiladeiro do Boqueirão — escreve Southey —
foram as Termópilas do Brasil e ali
as árvores do alagadiço guardavam a emboscada de

[Henrique

e as da garupa do Oitizeiro as tocaias de guerra de Camarão:
sábios da terra brava o negro e os índios
sabiam pântanos, afogados e lados das ladeiras
e os leônidas de pântanos e serras e sertões
sabedores da guerra nos seus chãos
elegeram ali suas Termópilas e o mestre de batalhas*

pede se inclua a tática dos montes de Pernambuco
entre os estudos da arte militar de todos os tempos
e as manobras de Henrique e Camarão e Vieira
compuseram a sinfonia das armas de Clausewitz
claves musicais do concerto político e guerreiro
na partitura da regência do Mestre-de-Campo
General Francisco Barreto de Menezes:
toda batalha é a batalha decisiva
e o destino do Brasil foi decidido
a ferro e fogo por essas legiões adolescentes
dos Montes Guararapes —

coroa e jóia da história militar do novo mundo,
“fazendo inveja
aos grandes capitães da história militar da humanidade”.

E a plena ocupação do exercício das armas
foi prelúdio e modelo da estratégia da guerra total
e o gênio militar da Europa a repetiu em Valmy
onde a guerra dos reis teve seu fim*
e a guerra dos povos teve início:
a primeira batalha dos Guararapes

aconteceu quase século e meio antes de Valmy
e nos três montes de Pernambuco
quando os exércitos do mundo não haviam

[inventado ainda

o Grande Estado-Maior,
os generais brasileiros do Nordeste
inventaram a unidade do comando — profecia estratégica
da lei de Bonaparte em 1800, ao definir
“a necessidade primeira da guerra”.

Em seus comandos acadêmicos esperavam os holandeses
bater por partes as armas insurrectas:

saíram do Recife “como de casa mudada”
e o mapa da força foi achado no bolso do Coronel
Van Elst, ferido e prisioneiro:
sete mil e quinhentos soldados, afora
setecentos carregadores, índios tapuias em grande número
e eram franceses alemães polacos húngaros e outros
e o resto holandês — todos soldados profissionais
das guerras da Flandres, da Alemanha
e da Guerra dos Trinta Anos —

os nossos eram dois mil e duzentos homens todos do povo do Brasil, os brancos luso-brasileiros negros e índios — todos das províncias do Nordeste, [sendo 16 companhias — 700 homens — da Bahia] e lutavam com as armas de fogo tomadas ao holandês nos passos das Tabocas, Casa Forte e emboscadas em geral o mais eram chuços, bordões, lanças de pau tostado e sobretudo espadas — e era a golpe de espada que o holandês caía; e assim davam batalha os nossos alimentados pela ração diária de uma espiga de milho e uma pobre mancheia de farinha de mandioca e assombrado o Coronel Waardenbruch escrevia em
[seu relatório:

“é difícil submeter pela força um povo constituído de soldados vivos e impetuosos”.

Os patriotas repeliram sempre todas as propostas de paz e as ameaças e não aceitaram nunca a palavra empenhada dos holandas tantas vezes descumprida: quando alguns dos nossos na Paraíba e no Rio Grande depuseram as armas

sob a palavra do Príncipe de Orange de lhes
[poupar a vida,
foram todos trucidados — e as mulheres, brasileiras e
[portuguesas,
foram violadas e os templos incendiados
e os engenhos roubados e os calvinos divertiam-se
em degolar a espada as imagens dos altares.

Enviavam mensagens e propostas, e Henrique Dias respondeu:

“Se os senhores possuem armas, é desnecessário o lançamento de papéis. Meus soldados pouco entendem deles e muito dos numerosos e grandes mosquetes que possuem e manejam com muita presteza e valor, como os senhores a toda hora sentem.”

E Camarão desprezava as cartas de ameaças ou propostas:

“Não necessitamos de papéis a não ser para o fabrico de cartuchos para nossas armas, nas quais os meus soldados acreditam bem mais do que em simples papéis escritos. Saíam já para campanha, que a descoberto nela os esperamos.”

E André Vidal de Negreiros respondia:

“Saíam à campanha, onde faz longo tempo os esperamos.”

“Não vos iludais, senhores: o Brasil não foi feito para vós” — foi a resposta de João Fernandes Vieira.

E a resposta do povo se chamou Guararapes tambor e estrépito de guerra.

Vencidos na primeira batalha dos montes sagrados o Conselho holandês envia relatório a seu governo:

“Eles resistem muito bem ao ataque, e logo que descarregam suas espingardas, atiram-se sobre os nossos para se baterem corpo a corpo. Sabem também armar emboscadas em lugares e passos apropriados e vantajosos dentro da mata e em geral produzir muito mal aos nossos. Quanto às armas estão bem munidos, sabem muito bem servir-se

delas e, no tocante a suas qualidades físicas, excedem muito em agilidade e disposição nossos melhores soldados. Sabem melhor que os nossos submeter-se às privações.”

Estes eram, Coronel,* nossos soldados rústicos
sábios e fortes e indomáveis os que lutam em seu rus
e por seu rus

rus-ruris — poeta Horácio

e vencem sempre mesmo os exércitos mais poderosos
rusticidade de Indochinas Cochinchinas — ditas Vietnam —
dos guerrilheiros plantados nos bosques — emboscados —
os pés no barro seu, nos rios seus, entre as árvores suas,
na garupa dos morros Guararapes onde
o soldado da guerra dos povos vence sempre
o soldado da guerra dos reis.

Dos sete mil e quinhentos soldados holandeses (Van Elst)
ferido o General, Van der Branden no comando
retira-se com três mil e duzentos — os restantes
tombaram em combate, desertaram, enfurnaram-se

[nas matas;
quinhentos luso-brasileiros morreram pela pátria

no campo de batalha — *dulce et decorum*, Horácio

Entre os despojos dos vencidos recolhemos
trinta e três bandeiras e além de armas e outros bens
um estranho butim: um barril com algemas e grilhões.

Os brasileiros fundiram as algemas e grilhões
e fizeram balas redondas para as bocas de fogo.

Esta foi a primeira batalha de Guararapes.

Felipe Camarão e Henrique Dias recebem títulos reais
são chamados Dom Felipe e Dom Henrique
agraciados com o hábito de Cristo
são os primeiros fidalgos filhos das tabas e canaviais.

Carta régia confere a Dom Antônio Felipe Camarão
brasão de armas e patente de capitão-mor
de todos os índios do Brasil;

Dom Henrique Dias de lendária fama
rei dos estratagemas desde Igarapu
tem confirmada por Felipe IV sua patente
e é para sempre, por diploma régio e diplomas
redigidos a sangue e assinados com a mão que lhe falta,
governador-geral de pardos e crioulos
General Mestre-de-Campo.

Dois meses buscam os holandas refazer suas forças
encurralados no Recife: — os comandos nossos
só lhes permitem sair por água de beber,
livres no mar desembarcam na Bahia saqueiam o

[Recôncavo

rompem de novo o cerco e o Coronel Brink
com cinco mil de seus homens mais duzentos índios
volta aos Guararapes em busca da desforra
cornetas e clarins e brados de “Oranje boven”
e alarido de tapuias.

Somos dois mil seiscentos e quarenta e os capitães
veteranos da primeira batalha — menos Camarão
sepultado depois da vitória nos chãos de Pernambuco:

deu-lhe primeiro o sangue, e afinal os ossos,

seu sobrinho Antônio Camarão toma seu arco
o Mestre-de-Campo Francisco Figueiroa,
vindo da Madeira traz trezentos recrutas da Bahia
o Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso
sempre mestre de tropas e estratégias

Governador das Armas

veterano surrador de holandas — Tabocas, Casa Forte —
do cocuruto do morro do Oitizeiro
ataca com quatro troços a retaguarda invasora,
Vieira comanda mil trezentos e cinquenta guerreiros
e Barreto de Menezes, Mestre-de-Campo-Geral,
rege de novo os ritmos da batalha plena.

Éramos ali — reza a crônica — brasileiros,
tapuias, negros, mulatos, mamelucos, brancos
todas as gentes do Brasil e também portugueses
italianos e aprenderam dos naturais do país a
atravessar matas e cruzar brejos e subir morros
com rapidez e agilidade de jaguares do mato.

Na lâmina das espadas recurvas os soldados gregos
honravam uma inscrição antiga:

Ελευθερία ἢ θάνατος

e em talhe rústico a lâmina de ferro de Vieira
repetia a senha: — *Liberdade ou Morte*

e a espada era a primeira de nossas armas — a rainha
[das armas,

o relatório do oficial holandês Van Goch
escreve o peão dos aquiles morenos do Nordeste:

saíam dos matos, dos pântanos e dos outros
lugares inventavam a vantagem da posição e
aplicavam-se a romper nossos quadrados — são
tropas ligeiras e ágeis de natureza, correm para
diante e para trás e por causa de sua crueldade
inata são também temíveis.

Dias Cardoso, o ensinador das táticas,
ouviu a queixa e a raiva do coronel holandês:
“de agora em diante vamos lutar dispersos como vós” —

“melhor para nós — emendou o mestre — pois, para os holandeses lutarem dispersos, vão precisar de um capitão para cada soldado; para nós é fácil — em nossa tropa cada soldado é um capitão”.

E dia e noite se ocuparam brasileiros e holandas na ocupação da batalha
a derrota do invasor foi desastrosa e terrível
e a fuga era um espanto e um terror
a morte nos calcanhares deles — o relatório de Van Goch
“nossas tropas começaram a fugir em confusão
em direção ora ao mato ora ao rio e sempre
em direção à morte”
e o Valeroso Lucideno:
“os nossos levaram a perseguição até onde lhes permitissem o cansaço, a sede e as sombras da noite”.

Foram de mil e quinhentos e quarenta e quatro
[homens as baixas holandesas
tivemos nós quarenta e cinco mortos e duzentos feridos;

tínhamos dois capitães de cavalaria
e quarenta cavalos e cavaleiros,
à ordem de Vidal de Negreiros para acometerem
[contra uma emboscada holandesa,

o capitão brasileiro Manuel de Araújo diz ao
Capitão Antônio Silva:

“quarenta é um número muito escasso para a empresa”
e ouve a resposta:
“fomos honrados com a escolha para morrer aqui”
e o outro:
“vamos morrer com honra”;

morreram.

O inglês Robert Southey, escritor da história e conviva das musas marinheiras de Coleridge, escreve:
“Guararapes — o lugar mais memorável da história
[do Brasil”.

E da história desta América nossa— ali
salvamos a fé e a liberdade das repúblicas
detivemos o batavo do Maranhão a Vila Velha
às estradas fluviais de Pedro Teixeira
ao Tietê sagrado e aos caminhos das Missões
e das Minas — minas de ouro — Sabarás e Goiás e Cuiabás
do Rio de Janeiro a Buenos Aires e Santiago do Chile
e ao Peru

até onde chegavam as cartografias
riscadas nas pranchetas de fronteiras

e as frotas da pirataria de Nassau regidas
de seu palácio do Recife para o sonho — o pesadelo
da Nova Holanda.

Ali a Restauração de Pernambuco
ali a Restauração do Reino de Portugal
ali a Restauração da América do Sul
e das Angolas e Guiné e São Tomé
de nossa língua.

Ali jaz a memória
ali jaz a invenção da Pátria brasileira
ali o barro foi amassado em sangue
e Francisco Barreto de Menezes desse barro
e das pedras e areias das ribeiras amassou a argamassa
e os mestres-de-armas se fizeram mestres-de-obras
e os guerreiros que riscaram os mapas do campo de
[batalha
riscaram as linhas do primeiro e mais belo santuário barroco
e ergueram nas cotas gêmeas do Morro do Outeiro,
celebração de seus heróis
de seus anjos e santos combatentes, de seu Deus,
a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres dos Guararapes.

VIII

Dos dois lados do mar já restaurado o reino
no rastro da primeira bandeira, partida da Bahia
os heróis de Piratininga vencem bosques rios serras
aa solidões da Amantikira (Mantiqueira), vencem
índios feras brenhas — vencem a fome — e à falta às vezes
[de caça e pesca

assam lagartos cobras sapos roem raízes
mascam folhas tentam frutas silvestres e sem água
não é raro que suguem o sangue dos animais que matam
segundo se lê nas *Memórias do Distrito Diamantino*.

A fronteira do mar assegurada
em muralhas, ameias de ossos, sangue
erguidas no país dos Guararapes

vanguarda e retaguarda da conquista
garante enfim a marcha das bandeiras
e a descoberta do país de dentro

a espada de Vieira, a lança rude
rasga a cortina do horizonte e a bota

dos paulistas abre as lavras de ouro

do país das Gerais com suas catas
os diamantes do primeiro sonho
em que faíscam homens e metais.

E ali, Alferes, o sítio de Pombal,
o arraial de donde fostes vindo
termo da Vila de São João del Rey

e ali a Vila Rica do Albuquerque, Dantas*
“a cidade não é tão antiga quanto parece”
cem, duzentos anos mais nova que as primeiras
Olinda, Todolossantos, Piratininga e São Vicente,
e ali mesmo vêm outras mais antigas,
a Ayuruoca tua, Baependy,
Campanha da Princesa, São Gonçalo do Sapucahy
aliadas a São João del Rey,
ou a do Rio das Mortes
de donde o Alferes, dito Tiradentes, é vindo e provindo
e esse tempo, Dantas, de fato

orça pela metade do século dezoito
entre setecentos e quarenta e cinco
e setecentos e quarenta e oito.

Bons ares são os ares de Vila Rica e em suas
vuelas e ruas estreitas, Dantas, como tu,
entre touceiras de processos e escrituras, o doutor
Tomás Antônio Gonzaga pratica a musa,
a emboscada de seu rosto furtivo entre sótãos e alçapões
portadas com sanefas, cobertas de telhas curvas
em casas — algumas até “suntuosas”;
bons ares são os ares da Vila Rica do Albuquerque
e ali pela primeira vez nestas Américas canção de amor
se tange em cordas de ouro lira de ouro
nas romanças da Marília de Dirceu.

Era uma vez
nessa Vila Rica do Albuquerque do Pilar
a sombra de Felipe dos Santos e os conspiradores rebeldes:
Gustavo Barroso encontrou a carta do Conde de

[Assumar:

“o mandei arrastar e esquartejar”

e os membros atados a quatro cavalos
foi esquartejado pelo galope das patas —

[*quadrupedante pedum* —

morreu sozinho e foi esquartejado sozinho
e a coluna de pedra, a torre de sua lembrança permanece
alta e dura na neblina do tempo;
dessa coluna descem duas sombras, Dantas,
Jm. Jzé. da Silva Xer.,
por alcunha, já sabeis, o Tira-dentes
e Antônio Francisco Lisboa, também sabeis,
por alcunha o Aleijadinho.

O padre do Porto trouxe os riscos do patamar
da Igreja de Bom Jesus do Monte, bandas de Braga,
onde profetas de pedra e figuras da Paixão dia e noite
testemunham imprecações da terra aos céus de Portugal:
o Aleijadinho, Carlos,* lavou na pedra-sabão
todos os nossos pecados e lavrou na rocha
Cristos, apóstolos, anjos e profetas
clamam dos altos das Minas
cantaria de cantareiros — coro de pedra
contracanto dia e noite com os parceiros
do adro de Portugal — e o mulato possuído pelo

Padre e o Filho e o Espírito Santo
não conspira com os homens de seus montes — conversa
com apóstolos anjos e profetas — e às vezes
arcanjos.

O Tiradentes provém de um distrito de tropeiros,
muladeiros, pastores, tecelões, sobe a essa Jerusalém
de bateias, fiscais, intrigas, delações e sonhos e poetas,
capital de fiscos e balanças e dízimos e quintos
pisa o chão de pedra e não usa os interlocutores do
[mulato Aleijadinho,

conversa com os homens — os doutores os
capitães os padres os escribas de prosa e verso
[videntes de tribunais, cartórios, sacristias,
e tarde chegará à lamentação de Jeremias que informa:
pelos montes desta Sião faltam leões, sobram raposas
e os homens de cochichos políticos cultivam a esperteza
das raposas do monte.

Joaquim Silvério e outros alcagüetes depõem denunciam

o Tiradentes queria a independência e a república
e depois de três anos de enxovia na Ilha das Cobras
a serpente da chamada justiça enrola a cauda
em torno do sonhador, com algemas na mão
e grilhetas nos pés

e com voz desembargada
“um desembargador ou Ouvidor qualquer,
após dizer que todos os conjurados
menos um,
tiveram suas penas de morte comutadas”,
lê esta sentença:

“Portanto, condenam o réu Joaquim José da
Silva Xavier por alcunha o Tiradentes, alferes
que foi da tropa paga da Capitania das Minas,
a que com baraço e pregão seja conduzido
pelas ruas públicas ao lugar da forca, e nela
morra morte natural para sempre, e que, depois
de morto, lhe seja cortada a cabeça e levada a
Vila Rica, aonde em o lugar mais público dela
será pregada em um poste alto até que o tempo

a consuma; o seu corpo será dividido em quatro quartos e pregados em postes pelo caminho das Minas, no sítio da Varginha e de Cebolas; aonde o réu teve suas infames práticas, e os mais sítios de maiores povoações, até que o tempo também os consuma. Declaram, ao réu infame, e infames seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens aplicam para o fisco e Câmara Real. E a casa em que vivia em Vila Rica seja arrasada e salgada, e que nunca mais no chão se edifique, e não sendo próprias serão avaliadas e pagas ao seu dono pelos bens confiscados, e no mesmo chão se levantará um padrão pelo qual se conserve em memória a infâmia deste abominável réu.*”

Dizem os que se encontravam na sala do Oratório — informa o cronista;

“os demais conjurados, à medida em que iam sendo
[liberados dos ferros e das grilhetas,
prorrompiam em vivas à magnanimidade de Sua
[Majestade a Rainha, que Deus haja.

A um canto, porém,
já não se dirá triste,
mas também não sem um certo travo de nostalgia e
[saude,

Tiradentes sozinho
Discretamente sorria”.
Era mineiro. E para ele, poeta, Minas não havia mais.

No sítio da Varginha o Vigário viu o quarto de carne
pendurado no poste
tapou os olhos com horror
e ficou taciturno para sempre e afastado das gentes:
era o Padre Antônio da Silva dos Santos,
irmão do Tiradentes.

O carrasco Jerônimo Capitania
passou-lhe o laço da corda no pescoço
e para ajudar o condenado a morrer
deu-lhe um empurrão do tablado e
saltou sobre seus ombros
a cavalo em seu corpo

“e no mundo e no ar, então,
samente Tiradentes e seu carrasco”

balançando às onze e quarenta e cinco da manhã
a bandeira de seu corpo e sua alma — a bandeira
de sua vida e sua morte
bandeira dos Guararapes vindo de Vila Rica
hasteada no Largo dos Latoeiros
na cidade do Rio de Janeiro.

E vós, Dantas, poeta, diácono de feitos e processos,
cronista de devassas no cartório de Ayuruoca
e assim no cartório de todas as memórias das Minas,
lembrais o inventário do morto:

“na busca da arrecadação,
dos bens pertencentes ao Tiradentes,
vê-se que entre um xairol e várias capeladas de pano azul
forradas de linhagem,
com seus galões de prata e cercadura encarnada
e um teliz de couro, forrado de baeta amarela
existiam solitárias *duas cangalhas*”.

Estas doamos, em nome do *de cujus*,
ao lombo dos juízes alcagüetes e torturadores do Alferes.

E o poeta lembra:
outros desvairados não morreram sozinhos:
Antônio Conselheiro, do país do Ceará,
morreu no país da Bahia com todos os milhares de
[viventes
de sua cidade de barro e esperança — e Virgulino
Ferreira Lampião, justiceiro e vingador,
morreu com todos os seus cabras
e suas mulheres no sertão de juazeiros,
e tu, herói, tu, fazedor de pátria,
ficaste só na solidão de tua morte:

mas a memória dos vivos sabe sempre:
a homem forte é mais forte sozinho.

IX

E agora, Musa, cobre o rosto e deixa
o verde de teus olhos se espalhar na plantação
junta a lágrima tua a essa chuva de lágrimas
dos negros que cantavam e choravam nos eitos
e molhavam com seu pranto o chão de crescer cana
a terra escura de crescer café
e engrossavam a água dos ribeiros na bateia de ouro.

Esta é uma estrofe curta, sufocada, e seu ritmo é o ritmo
do soluço que estrangula a garganta do cantador:
interpela, poeta, o Deus embuçado:

Deus, ó Deus, onde estás, que não respondes,
em que mundo, em que estrela tu te escondes?

Naquele tempo, Gilberto conta,
o Brasil era Pernambuco e Pernambuco era o açúcar
e o açúcar era o negro
depois, o Brasil era o ouro — e o ouro era o negro
depois, o Brasil era o café — e o café era o negro
e os negros eram — lembra o frade na

Crônica da Cultura e Opulência do Brasil

[por Suas Drogas e Minas,"

os negros escravos eram pés e mãos dos senhores
de engenhos e fazendas e lavras de metal amarelo.

Régulos e sobas do Dahomey, de Angola, Serra Leoa,
Guiné e Congo

vendiam aos ingleses prisioneiros capturados em

[suas *razzias*

e os próprios compatriotas condenados por certos crimes
e quando o negócio do açúcar passou aos banqueiros

[da Flandres

na nova Jerusalém da Holanda,

a venda de carne humana passou a ser o maior negócio

[do mundo:

das sombras da heresia nova

ancorada em passagens do Velho Testamento,

o tirano fanático Olivério Cromwell,

regulete também, soba dos brancos de sua ilha,

assume a gerência

da comandita infame e o governo inglês se torna o braço

dos banqueiros de Amsterdam e seus parceiros de fé

acampados no estuário do Tejo — testas-de-ferro

dos seitas-novas da Holanda e Grã-Bretanha.

Montaram o comércio infame em dimensões empresariais e a cabeça da empresa era o governo inglês: e o Lord Protector era o Comissário-Mor dos bancos marranos de Hamburgo e Amsterdam e contratava agentes em Lisboa e Sevilha para abalar o poder dos reis fiéis de Espanha e Portugal corrompeu mercenários e os cristãos-novos escrituravam a distribuição de sua mercadoria sacrílega: — o corpo [e a vida de homens e mulheres da África.

Trouxeram negros da Guiné, do Congo, Angola, Sanagá, dito Senegal, Sudão, Hotentócia, Guiné e Moçambique e Nigéria e São Tomé e o grande entreposto era a baía de Cabinda e os régulos ingênuos e cruéis vendiam aos calvinos flamengos e aos puritanos ingleses seus irmãos e suas irmãs — por búzios que serviam [de moeda por fumo em corda, por um galão de aguardente: três rolos de fumo eram o preço de um negro forçado e os ingleses obtiveram, através de seus agentes em Lisboa, licença de Dom João III para uma quota de cento e [vinte negros

por cada engenho — e um escravo comprado na Guiné por três rolos de fumo era vendido no Brasil pelos comissários ingleses, flamengos e seus carontes [do Tejo entre cento e cinquenta e duzentos mil-réis; já em 1798 a população do Brasil era de três milhões e 250 mil habitantes — e os negros eram um milhão e 361 mil: vinte anos depois tinha o país três milhões e 817 mil habitantes sendo os escravos um milhão e 728 mil:

a principal mercadoria comprada pela moeda inglesa era o escravo e a própria moeda da Inglaterra passou a chamar-se “guinéu”; “os navios ingleses — conta Cunningham em Cambridge — são os navios negreiros por excelência e enxameiam a receber a carga infame nas abas e enseadas da costa da Guiné e a moeda inglesa guinéu guarda a memória do tráfico de carne preta”.

Pelo Tratado de Utrecht — a Inglaterra por trinta anos consegue oficialmente o monopólio do comércio [de escravos

o governo inglês — lembra o mestre Nina Rodrigues recompensa com títulos de nobreza os grandes negreiros e John Hawkins é elevado a baronete pelo impulso dado ao comércio de escravos; — em vinte anos, de 1680 a 1700, tiraram da África 300 mil criaturas nos começos dos setecentos mais 150 mil e os

[comerciantes

diziam com orgulho que Liverpool tinha as ruas calçadas com crânios de negros;

depois organizaram fazendas de reprodução de escravos na Virgínia e Jamaica e eram verdadeiros haras de negros; pelo Tratado de Québec a Inglaterra obtém o privilégio de ancorar navios em Porto Franco e Porto Belo, Antilhas, bases do contrabando e monopólio do tráfico de negros na América do Sul, e Canning proclama sem pejo no Parlamento inglês

[— 1798 —

que “a Grã-Bretanha exerce o monopólio mundial do tráfico”.

A escravidão — denuncia o grande negro José do Patrocínio — foi, do princípio ao fim, negócio oficial da Inglaterra

sócia das tribos de piratas da Companhia das Índias e quando o fidalgo alemão Maurício de Nassau, alugado pela empresa flamenga, comanda a invasão de

[Pernambuco,

tem como plano principal — diz o cronista holandês — * tornar o Recife “o centro distribuidor da escravaria” — e o próprio procônsul Nassau arma a frota de negreiros para comprar escravos em Luanda e São Tomé.

As cortes dos reis católicos, que tiveram a grandeza de inventar os mares nunca dantes navegados e descobrir as terras desconhecidas, eram objeto da inveja e da cobiça dos países de mercadores. As cortes dos reis cristianíssimos e dos reis fidelíssimos foram minadas por agentes dos *banksters* sem pátria e a mancha da escravidão estendeu sua lepra branca sobre a América, o mundo novo criado pelos heróis do mar, Portugal e Castela, para inaugurar o império do Cordeiro, a liberdade, a justiça, o amor.

A honra de ser livre, senhor de seus vales e rios,

a alegria da possessão de suas árvores e suas mulheres
estava na medula dos varões da África
seus dentes largos e brancos
mordem raivosos a lima de aço do cativo.

Nos grotões nas serras fundam-se repúblicas
quilombos por toda parte
e os que foram príncipes no país do Congo e da
[Serra Leoa

transfiguram-se em reis no país das Alagoas
no reino dos Palmares
e os exércitos se chocam e a Tróia negra
em sangue e cinza deixa apenas nos cerros
a memória dos marqueses guerreiros na
fronteira africana dos castelos
de Ganga Zumba e Zumbi — e as mulheres
dos últimos heróis de tua aldeia, Jarmelino,*
lavam debaixo da ponte do Mundaú
a cabeça degolada do Senéca, rei dos negros.

Os sonhadores da liberdade do país bem sabem:
o fim da escravidão tem que ser obra nossa — *cosa nostra* —

impossível na colônia — coisa deles — na verdade,
coisa de ingleses e seus sócios traficantes.

No país do Nordeste onde primeiro se escreveu
o nome de Pátria deu-se o primeiro grito de guerra
da independência e também pela primeira vez

se chamou a terra de Estado do Brasil,
o Estado teve exército, governo, chanceler e bandeira
e a primeira Constituição — nela se inscreve
a libertação dos escravos — 1817.

E era uma vez uma princesa
e com uma pena de ouro
assinou a abolição da escravidão
e a sentença de morte de seu trono
e trocou a glória da coroa do império pela glória
de ver um país sem escravos;
e o Papa de Roma enviou-lhe uma rosa de ouro
e os brancos e os negros guardam seu nome
nas ruas das cidades e na toada coral

em que dançam nos terreiros e avenidas
a dança de alegria de seus carnavais elementares.

Com uma pena de ouro e uma rosa de ouro
e a doce mão de uma princesa
estancou-se o jorro de sangue dos negros do Brasil
sessenta e seis anos depois da independência;

na colônia dos ingleses os mercadores resistiram
e a agonia dos negros foi a mais longa da história
da América independente:
os Estados Unidos, constituídos em 1787,
só aprovaram a libertação dos escravos
setenta e nove anos depois
em razão de uma guerra por mercados de algodão*
e depois de uma guerra civil de escravocratas
que durou quatro anos e precisou de um banho de sangue
de cerca de um milhão de herdeiros dos ingleses
tanto era neles empedernido o vício da escravatura;

bastou aos brasileiros o leite que beberam das
[mulheres negras

o protesto dos negros nos quilombos
a vergonha de ter irmãos escravos
o sangue negro nas veias de seus filhos
o relâmpago de Nabucos, Rebouças, Gamas, Patrocínios
e a tuba do poeta da Bahia
e o braço de um Dragão do Mar nos quatro paus

[de sua jangada
imóvel sobre as águas dos verdes mares bravios
onde é o Ceará — por isto
Terra da Luz.

E no Estado do Brasil criou-se a pátria
das criaturas vindas
de todas as terras

e em suas cidades e em seus campos
dançam em roda e cantam
a dança e o canto dos primeiros homens
diante de suas casas
seus campos seus jardins suas ribeiras.

GÊNESE OU
GENEALOGIA

DAS
NAÇOENS
POR SEUS CANTORES

A QUE SE SEGUE O
FORMAL DE PARTILHA
DAS LEGÍTIMAS
EM O

INVENTÁRIO
GERAL



II

E Moisés e Salomão e David e os outros profetas
maiores e menores — todos muito grandes —
quatro mais doze — dezesseis, digamos,
escreveram a Escritura antiga — e escrever é entalhar
caminho na pedra ou na casca da árvore
—

e Moisés e Salomão e David e os outros
no ventre das profetisas do templo
geraram Mateus, Marcos, Lucas e João
cronistas de Jesus, chamado o Cristo,
que gerou Pedro e Paulo e os doze — e estes
geraram Nóbrega e Anchieta. Antes deles,
havião gerado na Jônia Homero, o Cego,
e Homero gerou a Grécia
e a Grécia gerou Tróia e Tróia gerou Enéias
e Enéias gerou o Lácio e o Lácio gerou Virgílio
e Virgílio gerou Roma e do ventre de Roma

gerou Alighieri, dito o Dante,
e o Dante, do lírio encarnado de Beatriz
gerou Florença e Florença gerou a Itália,

e o Lácio gerou o Império e o Império gerou Caio Júlio,
chamado César, e das sete colinas
o Lácio gerou a Ibéria,
e Luís Vaz, dito Camões, gerou o reino de Portugal.

Mas o reino de Portugal foi gerado veia a veia
e Diônisos, poeta e rei, dito Dom Dinis,
gerou por Isabel
as trovas, a língua e os barcos que galopam no mar
e Henrique, dito o Infante, gerou oceanos e caravelas
e nelas Vasco, Bartolomeu, Pedrálvares, Pero Lopes
— e de seus bagos venho. —

E o mar gerou o Brasil,
gerou Cristóforo, dito Colombo,
gerou os caminhos de África e as carreiras da Ásia
e Cristóforo gerou a América
e Manuel, o Venturoso, gerou as ilhas afortunadas,
o Infante, celibatário de mulher, gerou
das águas salgadas e do vento de Sagres
cartógrafos e mapas e cartas de marear.

O Brasil gerou Martim Afonso e Mem de Sá
e Duarte gerou, de Dona Brites,
a tribo dos Albuquerque e um Albuquerque
gerou o negro Henrique Dias e o índio Camarão
e João Fernandes Vieira — e estes
geraram os Guararapes e um dos montes dos Guararapes
gerou a pátria brasileira.

E um Albuquerque gerou a Vila Rica do Albuquerque
e a Vila Rica do Albuquerque
gerou o Tiradentes
e Nóbrega e Anchieta geraram São Paulo de Piratininga
e São Paulo gerou Raposo Tavares e Fernão Dias
e Anhangüera e Borba Gato e Botelho e Mourão
e a Bahia gerou a Casa da Torre
e o Grão-Pará gerou Pedro Teixeira e os bandeirantes
geraram o Rio Grande do Sul, a Amazônia,
o Oeste e as Minas Gerais.

E a pátria adolescente
gerou no Nordeste em 1817
o Estado do Brasil

nascido, afinal, na ribeira do Ipiranga.

Nos termos do Deuteronômio, do Livro dos Números
e das Crônicas 1 e 2,
esta é a genealogia — vaga, acrônica e ambígua
como todas as genealogias achadas na noite dos tempos
mas fiel e plantada na história e no mito
como todas as genealogias:
testemunham Luís, Vicente, Fernando, Gustavo, Pedro,
Plínio, João e Bruno e Joaquim e outros*
segundo escrituras.



INVENTÁRIO:

Arrolados todos os bens, no formal de partilha,
deixo terras de continentes e ilhas conhecidas
aos mercadores, aos banqueiros, aos corretores,
aos agiotas, ratos de usura, ladrões públicos,
negociantes e negociastas — são a mesma coisa —
e seus parceiros da raça de Caim.

A Portugal e Espanha deixo os mares
o Atlântico para suas velas redondas e latinas
o Pacífico para que o descubra Balboa
e os oceanos da Índia e o mar da China
e ali
alarguem o mundo e juntem
os mundos do planeta;

deixo a cada um de seus homens
a coragem de morrer — a coragem de Abel — Caim não teve,
e só a quem ousa a bravura de morrer
é lícita a virtude, a coragem limpa de matar.

Deixo a cada um de seus varões

umas armas de fogo e ferro frio
e gosto para usá-las — em grito d'armas: a espada
do Capitão José de Barros Lima, o Leão Coroado — a força
do Padre Tenório e de Domingos Teotônio Jorge
que não temia a morte — e só
temia a posteridade — e deixo ao seu irmão Vigário
as postas de carne do Alferes esquartejado.

E deixo o frade, poeta e professor de Geometria
Frei Joaquim do Amor Divino Caneca
do Ceará às Alagoas
cantando sonetos para sempre ao pé do cadafalso
na praça das Cinco Pontas aos poetas do país.

Deixo o Campo da Pólvora aos arcabuzados de Fortaleza
os capitães das armas e o Padre Gonçalo Inácio
de Albuquerque Mello — dito o Mororó
seu coração varado e os dedos decepados a bala.

Deixo a Abdias e os seus a cabeça degolada do rei morto
dito Zumbi, lavada pelas mulheres de sua raça
nas águas do Rio Mundaú, União dos Palmares, Alagoas.

Um Marechal mandou desenterrar
o corpo do Padre João Ribeiro
degolar o cadáver e espetar a cabeça por dois anos
no Pelourinho do Recife — deixo esta cabeça — por grinalda
à cidade noiva da revolução, aos Barros Mello*
e aos Ribeiros Mello (raça minha)
a cabeça ao luar — sua açucena — ao sol
estrela da manhã no azul do azul do céu
entre o firmamento e o mar.

Deixo o Pelourinho da Bahia à flor de sangue
do peito do Padre Miguelinho e Domingos José Martins
e Antônio Henriques e os outros
entre arcabuzes de 17 — e deixo as ruas ensangüentadas
aos enforcados esartejados ao galope dos cavalos do rei
Francisco e Peregrino e Amaro e os Albuquerque
também de 17 e os outros.

E deixo a todas as Américas esses Abreus e Lima
os olhos do Padre Roma sozinho em sua jangada
lendo seus salmos desde o mar de Olinda
passando pelas Alagoas para levantar os povos
chegou a Salvador para levantar a Bahia

onde o Conde dos Arcos levantou patíbulo:
o padre insurrecto engoliu os papéis com os nomes
[dos patriotas
e foi executado diante dos dois filhos na Praça do
[Pelourinho:

deixo a todos os pais, todos os filhos,
os olhos do fim do olhar desse pai, desses filhos,
na hora do arcabuz — e esse olhar um dia se fez chama
no rosto brasileiro do General de Bolívar
nos Ayacuchos da libertação.

E deixo aos senhores de engenho o cepo de aroeira
em que foi cortado o pescoço da cabeça
de Manuel Bequimão no Maranhão.

Deixo ao campanário de todas as igrejas
dobres de sinos e aleluias pelos trezentos e sessenta padres
arcabuzados e enforcados
nas revoluções do Nordeste — e deixo
em missa solene e ofícios de matinas
um lírio de marfim — rosto de Joana Angélica,
a bela abadessa atravessada a espada

pelo sargentão Madeira,
ao defender com seu corpo o portal do Convento da Lapa
a honra de suas monjas e a independência da Bahia.

Deixo pâmpanos e pampas e coxilha e fronteira
aos dois Bentos do Rio Grande,
à glória de seus Farrapos
aos que perdem as batalhas mas salvam a honra
dos heróis que agüentam
pelear em retirada e com pouca munição.

Não deixaram ao Alferes
nem mesmo seu boticão
mas eu, o poeta, deixo,
a cada vivo seu morto,
e a cada morto um caixão
uma campina no campo
na cidade um quarteirão,
seja macho, seja fêmea,
seus sete palmos de chão,
memória de vida e morte
com seu nome e seu brasão.

Deixo à raça de Caim a herança de Caim.

Apostila ao codicilo:

Deixo a cada varão da raça de Abel
uma viola uma vela e uma caravela — e navegando nela
navegue água e pedra de seu país
e praça e rua de seu bairro e cidade; e deixo ainda
à raça de Abel a herança de Abel — a doçura
de seus olhos, a doçura
da voz de mel da língua doce e viril
lírio de Florença, rosa de Provença e Borgonha
flor de romã de Portugal Espanhas Galícias e Românicas
língua de musas e pastores, língua de luz e prata
de floretes terçados por seus cavaleiros,

o da Mancha e os Doze de Inglaterra
mais os doze Pares de França — língua de espadas e
[losangos
lâminas de aço polígonos e clarões ao luar das estrelas
do Mondego ao Minho ao Douro, Amazonas e Tejo,

tágides minhas, soror de Beja,* — o rio desta língua
em sílabas de vinho e mel — e sua graça

de trovar ao sol e à lua e ferir
nas mesmas cordas da lira e da viola
matina e serenata:

a língua nossa
boa de cantar no mesmo tom amor e morte.

Deixo, finalmente, a cada Dirceu sua Marília
e a cada Martim Soares Moreno sua Iracema
a cada Garibaldi sua Anita de Santa Catarina.

Este é o testamento de Adão e Eva
firmado no jardim do mundo, nele escrita
a legítima de Abel e datado
nas ribeiras do Éden, lado leste,
rios, riachos de Phison e Gehon e Tigre e Eufrates.

Testemunhas — Jerônimo, Tiago e Tomé
e Sebastião, Sebastião, Sebastião três vezes
e as mais assinaturas que se seguem.

ÍNDICE REMISSIVO

- * pág. 24 Diônisos é o nome dado ao rei-poeta Dom Dinis ao longo dos cantos;
- * pág. 30 ref. ao amigo e grande escritor da língua, Miguel Torga;
- * pág. 38 ref. ao poeta Fernando Pessoa;
- * pág. 40 ref. ao escultor argentino Cláudio Girola Iommi, vivo e morto em Viña del Mar;
- * pág. 43 o poeta Luís de Camões;
- * pág. 45 ref. a Vera Duarte, poeta de Cabo Verde;
- * pág. 47 Godofredo, também dito Gofredo Tito Iommi Marini — veja última nota;
- * pág. 47 ref. ao poeta Edison Simons, dito Edí, cujo nome volta várias vezes a estes cantos;
- * pág. 48 Efraín Tomás Bó — veja última nota;
- * pág. 57 ref. ao doutor São Jerônimo, tradutor das Escrituras;
- * pág. 58 evocação dos poetas José Francisco Coelho e Francisco Luís de Almeida Sales, sabedores dessas coisas;
- * pág. 59 Dantas — ref. ao poeta Dantas Mota, de quem Carlos Drummond de Andrade diz ser o poeta maior das Minas Gerais e cujo nome volta várias vezes a estes cantos, especialmente na evocação do Tiradentes, na qual se repetem aqui vários textos de D. M.;
- * pág. 59 ref. ao sumo pintor Jorge Pérez-Román e ao sumo poeta Robert Marteau;
- * pág. 71 marceneiro em cujo sótão viveu Hoelderlin louco;
- * pág. 75 Gonçalo, filho do autor, poeta e bibliófilo, dá a evocação de seus anaquéis;
- * pág. 83 ref. ao poeta Paulo Bomfim, de quem há um verso aqui e ali no meio dos cantos;
- * pág. 87 Evocação de Efraín Tomás Bó, poeta e companheiro do autor e cuja morte se celebra no dia 3 de maio;
- * pág. 87 Jonathan, ref. a um amigo, o poeta inglês Jonathan Boulting;
- * pág. 126 ref. a Alberto Cruz, arquiteto-mestre e sabedor maior das artes e ciências de profetizar casas e cidades em todas as
- * pág. 127
- * pág. 141
- * pág. 146
- * pág. 162
- * pág. 163
- * pág. 169
- * pág. 185
- * pág. 191
- * pág. 200
- * pág. 203
- * pág. 207
- * pág. 223

Américas, ao lado de Pepe Vial, Miguel Eyquém, Fábio Cruz e Tuto Baeza, todos do país de Viña del Mar, Costas do Chile; ref. a Raul Belém, deputado e criador de pavões em Araguaia; ref. ao poeta Ascenço Ferreira, versos sobre os nomes dos engenhos;

Antônio de Barros Carvalho, senador de Pernambuco, também referido nestes cantos por sua sesmaria de Catuama, e que encomendou ao pintor Guignard um famoso afresco da vila de Olinda, pintado no teto de sua mansão do Cosme Velho, Rio;

José — ref. ao escritor José Sarney, autor de *O Dono do Mar*, cantor maior do mar e dos alagados que aparecem nas águas;

ref. à poeta Dora Ferreira da Silva;

Rodrigues, ref. ao amigo Sebastião Rodrigues Alves, poeta e sacerdote de religião africana e companheiro da luta racial negra do grande líder desta causa no Brasil, Abdias Nascimento, cujo nome também é evocado mais de uma vez nestes cantos;

ref. ao filósofo Vicente Ferreira da Silva, profeta dos tempos míticos e aurorais, mais de uma vez evocado nestes cantos;

o cantor — evocação ao poeta Castro Alves;

apud Pedro Calmon;

ref. ao amigo filósofo paulista Ignácio da Silva Telles;

poeta - evocação de seu amigo L. G. Damas, grande poeta negro da língua francesa e cantor da negritude;

tenente, evocação de um jovem oficial, companheiro de adolescência do autor e que um dia, desenganado dos rumos políticos medíocres da sombria aventura varguista de 1937, achando que o Brasil estava muito longe de tudo isso, embrenhou-se no Acre, a procurar o Brasil até morrer e acabou deputado, senador, general, governador do território, fundador do Estado do Acre, e morreu achando que o Brasil ainda era mais longe. Chamava-se José Guimard;

- * pág. 226 outra evocação do filósofo auroral Vicente Ferreira da Silva;
- * pág. 227 verso de Góngora, como todos devem saber;
- * pág. 228 verso de um dos cantos de *Os Peãs*, do autor;
- * pág. 229 texto de Gandavo ou de Fernão Cardim;
- * pág. 231 idem;
- * pág. 241 ref. a Antônio Olinto, pelo romance de *Alcácer Quibir*;
- * pág. 247 evocação de seus amigos José Aparecido e José Fernando;
- * pág. 247 Dantas Mota, já se sabe;
- * pág. 249 General Sampaio, patrono da Infantaria do Exército Brasileiro;
- * pág. 249 B. F. F. Pedrosa, bandeirante cearense;
- * pág. 254 Carlos — Paulo — ref. a dois gaúchos típicos, Britto Velho e Paulo Brossard;
- * pág. 254 ref. ao poeta Dantas Mota;
- * pág. 254 Plínio, o Velho, ref. ao profeta brasileiro Plínio Salgado;
- * pág. 254 Miguel, ref. a Miguel Reale, filósofo e poeta;
- * pág. 262 ref. ao Poeta Carlos Drummond de Andrade;
- * pág. 266 ref. a Juvenal Galeno, pai da poesia popular no Ceará;
- * pág. 272 ref. ao compadre do autor, o mestre jangadeiro Jerônimo;
- * pág. 272 Augustín - outro nome que tomou, ao converter-se à fé católica, seu companheiro da Santa Hermandad de la Orquídea, Napoleão Lopes Filho, poeta e místico;
- * pág. 280 o cantor do mar da Bahia, Dorival Caymmi, lembrança de Osvaldo Peralva;
- * pág. 283 evocação de seus antigos mestres holandeses no Seminário redentorista em que viveu;
- * pág. 288 Euclides da Cunha, naturalmente;
- * pág. 291 apud historiador Pedro Calmon;
- * pág. 296 ref. ao Eng. Luís Oiticica, alagoano histórico, brasileiro exemplar;
- * pág. 309 ref. ao Coronel Cláudio Moreira Bento, historiador militar e autor de trabalho de altos estudos estratégicos sobre as batalhas dos Guararapes;
- * pág. 313 idem;
- * pág. 314 idem;

- * pág. 319 idem;
- * pág. 329 o poeta Dantas Mota;
- * pág. 330 ref. ao poeta Carlos Drummond de Andrade;
- * pág. 334 nos autos da devassa;
- * pág. 343 Barlaeus — *Res Gestae*;
- * pág. 344 ref. ao alagoano, escritor e líder, Jarmelino Jorge de Sousa, cujos antepassados lutaram e morreram nos Palmares do Zumbi, e sua velha mãe guardava a história da literatura ágrafa sobre o nome do Senéca e a lavagem ritual da cabeça degolada. Ainda hoje o povo chama aquele local de Ponte do Senéca;
- * pág. 346 Anton Zischka;
- * pág. 319 Luís Vaz de Camões, — Frei Vicente do Salvador, — poeta Fernando Pessoa, historiador Gustavo Barroso, historiador Pedro Calmon, Plínio Salgado, autor de uma história sentimental do Brasil, para crianças, o mestre João Capistrano de Abreu, o grande historiador paulista Ernani Silva Bruno e o historiador Joaquim Ponce Leal;
- * pág. 354 Os Barros Mello e os Ribeiro Mello são avós, tataravós, pentavós e decavós do autor;
- * pág. 358 Evocação de Soror Mariana Alcoforado — das *Cartas Portuguesas*;
- ****
Estão citados e muito presentes nestes cantos, Godofredo Iommi, dito Godo, Raul Young, Efraín Tomás Bó, Abdias Nascimento e Napoleão Lopes Filho, ou Augustín, poetas e clérigos, como o autor da Santa Hermandad de la Orquídea, bem como José Francisco Coelho. À mesma capela pertencem Cláudio Girola, escultor ítalo-argentino-chileno, Jorge-Pérez Román, mestre-pintor galaico-argentino de Paris, Christos Cleris, sábio caldeu nascido grego, senhor das línguas e seus mistérios e Robert Marteau, sumo poeta francês, também cantor dos mares do Infante e das terras descobertas no Québec. E outros.

SUMÁRIO:

Epitáfios	7
Canto Primeiro	23
Canto Segundo	53
Canto Terceiro	79
Canto Quarto	119
Canto Quinto	165
Canto Sexto	215
Canto Sétimo	265
Gênese ou Genealogia	349
Índice Remissivo	362

